



SÉRIE
ESPADA DO
ESPÍRITO

ADORAÇÃO EM ESPÍRITO E EM VERDADE

A ALEGRIA DE ESTAR NO LUGAR SECRETO

COLIN DYE

*Adoração em Espírito
e em Verdade*

Série a Espada do Espírito

- 01 *Oração Eficaz*
- 02 *Conhecendo o Espírito*
- 03 *O Governo de Deus*
- 04 *A Fé Viva*
- 05 *Glória na Igreja*
- 06 *Ministério no Espírito*
- 07 *Conhecendo o Pai*
- 08 *Alcançando o Perdido*
- 09 *Ouvindo a Deus*
- 10 *Conhecendo o Filho*
- 11 *Salvação pela Graça*
- 12 *Adoração em Espírito e em Verdade*

www.swordofthespirit.co.uk

Copyright © 2016 by Colin Dye
Segunda edição
Kensington Temple
KT Summit House
100 Hanger Lane
London, W5 1EZ

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistemas de recuperação de informação ou transmitida, em nenhuma forma, ou por meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, ou de outras maneiras, sem o consentimento prévio do autor.

As citações bíblicas são – salvo indicação em contrário – da Bíblia Almeida Revista e Atualizada – 2ª. edição – Sociedade Bíblica do Brasil.

Coordenação geral: Print International Brasil Editora Ltda.
Supervisor de tradução: João Guimarães
Tradução: Vera Jordan
Revisão: Edna Batista Guimarães
Diagramação: Rafael Alvares - alvaresdesign.com.br

Espada do Espírito

Adoração em Espírito e em
Verdade



Colin Dye

Sumário

Introdução		7
01	<i>A prioridade do Pai</i>	11
02	<i>Louvor e adoração</i>	25
03	<i>A adoração no Antigo Testamento</i>	39
04	<i>A adoração nos Salmos</i>	57
05	<i>A adoração no Novo Testamento</i>	71
06	<i>Culto e adoração</i>	87
07	<i>Oferta e adoração</i>	97
08	<i>Regozijo e adoração</i>	113
09	<i>Adoração e criatividade</i>	127
10	<i>O Espírito Santo e a adoração</i>	143

Introdução

É provável que a diversidade da adoração pública seja maior hoje do que em qualquer época da história da igreja.

Em um passado recente, de trinta anos atrás, a maior parte da adoração anglicana baseava-se no Livro de Oração Comum, de 1662, a maior parte da adoração católica romana era em latim, e a maior parte das igrejas livres usava uma ‘mescla de hino e adoração’. Praticamente todos os cultos eram dirigidos por um ministro renomado; o organista reinava absoluto e as mulheres não desempenhavam papel de liderança. Embora houvesse diferentes hinários denominacionais, o seu conteúdo era muito semelhante – poucas igrejas cantavam hinos ou coros modernos.

Nos últimos quarenta anos, porém, houve uma revolução na adoração. Por exemplo, os cultos se tornaram mais informais; são dirigidos por mais pessoas, e muitos instrumentos musicais; eles usam liturgia moderna e uma mistura de canções contemporâneas e tradicionais.

Embora essas mudanças refletissem o aumento de informalidade na sociedade ocidental e os gostos musicais da geração pós-Beatles, elas também foram uma resposta à obra legítima do Espírito Santo por meio da ‘Renovação Carismática’.

Por conseguinte, tem havido muito debate (e desacordo) acerca do lugar dos dons espirituais e o papel das mulheres, o equilíbrio entre a liturgia preparada e a espontânea, o uso da dança e do teatro, a posição da Ceia do Senhor, as diferentes formas de adoração, estilos de música aceitáveis etc.

Entretanto, tem-se dado muito menos atenção aos princípios bíblicos que norteiam a adoração. Ao se concentrarem mais na

forma do que na substância, e nos detalhes modernos mais do que nos princípios bíblicos, algumas congregações colocam a carroça proverbial na frente do cavalo bíblico.

Este, portanto, é um livro para crentes que estão ansiosos por estudar a Palavra de Deus a fim de aprender acerca da adoração em espírito e em verdade; é um livro para cristãos que querem investigar os debates acerca de estilo e formato para comprovar o que a Bíblia quer dizer com adoração e descobrir os princípios eternos de Deus quanto ao modo que Ele quer que respondamos à Sua graça.

Há material extra disponível para facilitar o seu aprendizado, e esse material pode ser encontrado no respectivo Livro do Aluno – Espada do Espírito, no site www.swordoftheEspírito.co.uk. Há um manual para estudo complementar para cada capítulo, com *perguntas para discussão e testes rápidos*. Após se inscrever para este módulo no site, você poderá acessar mais testes e exames. Também há uma Webtool (o livro texto com links inseridos para referências bíblicas), e ensino abrangente em áudio e vídeo. O uso desses materiais extras lhe ajudará a testar, reter e aplicar o conhecimento que você adquiriu neste livro.

Você também poderá usar o Livro do Aluno em pequenos grupos. Você poderá selecionar, mediante oração, as partes que achar mais relevantes para o seu grupo. Isso significa que em algumas reuniões você pode usar todo o material, enquanto que em outras somente uma pequena parte dele. Por favor, use o bom senso e o discernimento espiritual. Sinta-se à vontade para tirar cópias das páginas e distribuí-las a qualquer grupo que você estiver liderando.

Ao término da leitura deste volume, oro para que você tenha começado a perceber que a adoração bíblica é muito, muito mais do que você faz na igreja aos domingos, além de entender que Deus quer que cada palavra e ato seu seja motivado por temor santo e amor fiel.

Mais que isso ainda, oro para que você tenha sido inspirado a fazer da adoração a Deus sua prioridade número um. Alimente a sua mente com a verdade de Deus, energize a sua imaginação

com a beleza Dele, entregue-se ao amor Dele, siga o Seu exemplo perfeito, e dedique firmemente sua vontade aos Seus propósitos – deleite-se em Deus e O adore em espírito e em verdade.

Colin Dye

Parte Um

A Prioridade do Pai

O título deste volume, o décimo segundo da série *A Espada do Espírito*, provém de um único versículo das Escrituras, das palavras de Jesus à pecadora que Ele encontrou no poço de Sicar.

João 4 descreve o encontro evangelístico de Jesus com essa senhora e no volume *Alcançando o Perdido*, vemos de que modo Ele estabeleceu contato com ela colocando-Se em sua dívida, como Ele aguçou a sua curiosidade, deixando entrever algo que era mais satisfatório do que a experiência presente dela e como questionou a questão central de sua vida.

Parece que a contestação de Jesus beirou o incômodo, pois – no versículo 20 – a mulher ‘despistou’ usando a religião. Os judeus e os samaritanos tinham ideias diferentes acerca da religião, principalmente quanto ao local correto de adoração, e ela usou a questão como uma tática diversionista.

Mesmo assim, Jesus não ignorou a sua pergunta e – nos versículos 21 a 24 – Ele lidou com o seu questionamento usando palavras que esclarecem definitivamente a prioridade que o Pai tem acerca da adoração.

As palavras de Jesus a esta pagã promíscua revelam o coração eterno de Deus para com todos os pecadores. Ele declarou que o Pai busca verdadeiros adoradores, que o Pai busca pecadores e pecadoras que O adorarão em espírito e em verdade.

Como muito do que analisamos nesta série, a adoração é uma iniciativa inteiramente do Pai, é vontade e propósito Dele; é Ele que está buscando vigorosamente adoradores para Si,

reunindo ansiosamente crentes para adorá-Lo, persuadindo-nos firmemente de que esta é Sua vontade para as nossas vidas.

Isso significa que a verdadeira adoração, em primeira e última instância, é sempre uma resposta humana a uma iniciativa divina, e nunca simplesmente uma ação humana para atrair a atenção divina. Isso é precisamente o que vemos em toda essa série em muitas outras áreas da 'Palavra e do Espírito'.

É Deus que anda pelo jardim do Éden procurando Adão e Eva, os pecaminosos, e lhes oferece roupas com manchas de sangue de graça. É Deus que fala com Noé, faz aliança com ele, mantém a sua família segura numa época de juízo, e o inspira à adoração. É Deus quem chama Abraão e o atrai a Canaã. É Deus quem dirige Israel para fora do Egito, pelo mar Vermelho, pelo deserto e até a Terra Prometida. E, de modo supremo, é Deus que, em Cristo na cruz, atrai todas as pessoas para Si – vemos isso em João 12:32.

A promessa da antiga aliança, 'Vocês serão meu povo e Eu serei o vosso Deus', passa como um fio de Gênesis a Apocalipse, visto que a Bíblia destaca repetidas vezes os esforços do Pai em iniciar, restaurar e manter a comunhão com os Seus filhos.

O Deus verdadeiro é como o pai da parábola do filho pródigo, contada por Jesus; quando vê o Seu filho ao longe, ele corre para encontrá-lo e dar-lhe as boas-vindas com brados de alegria e festejos extravagantes.

Adoração – em espírito

A adoração 'em espírito' é sempre uma profusão de palavras confusas em resposta à experiência pessoal com o amor afável do Pai, e surge dentro das pessoas somente quando o Espírito Santo toca os seus espíritos humanos.

Por si mesmos, rituais esmerados e fórmulas definidas não conseguem produzir adoração em espírito. Por exemplo, podemos ter canções excelentes e músicos talentosos, técnicas proveitosas e estilos culturalmente relevantes, uma ordem de culto bem planejada e líderes sábios, porém, não adoraremos

a Deus em espírito até que o Pai nos atraia a Ele próprio e o Espírito Santo toque os nossos espíritos humanos.

Nosso cântico, oração, louvor, dança, meditação etc. podem levar à adoração, porém, a verdadeira adoração não ocorrerá até que os nossos espíritos tenham sido atraídos por Deus ao Pai e tenham sido inflamados pela obra do Espírito da verdade. A ênfase não está nas formas externas, mas no estado de espírito e coração nos quais adoramos a Deus.

Este livro não trata de formas modernas de adoração e técnicas contemporâneas de conduzi-la; nem defende um estilo específico de adoração – pois o Novo Testamento nunca prescreve quaisquer técnicas ou solicita formas especiais. Em vez disso, é um livro que olha para a Bíblia para descobrir o modo que o Pai atrai afavelmente as pessoas a Si, e para analisar como Ele espera que respondamos ao Seu amor.

Adoração – em verdade

Em Sua luta com o diabo em um monte alto, conforme registrado em Mateus 4:10, Jesus deixou claro a quem deveríamos adorar e a quem deveríamos servir. É o único Deus verdadeiro da Bíblia, o Deus de Abraão e Isaque, o Deus vivo que Jesus revelou perfeitamente.

Êxodo 20:3–5 mostra que os dois primeiros mandamentos de Deus a Israel exigem adoração exclusiva. O primeiro mostra quem devemos adorar com exclusividade e o segundo revela como devemos adorá-Lo de forma exclusiva. Devemos reconhecer, contudo, que há dois aspectos para colocar-se o Deus verdadeiro na frente de todos os outros deuses:

- Não devemos honrar ou adorar nada além do Deus verdadeiro
- Devemos conhecer o Deus verdadeiro corretamente se quisermos honrá-Lo e adorá-Lo acima de tudo o mais.

Assim como não conseguimos adorar a Deus ‘em espírito’ se não tivermos sido tocados pelo Espírito, assim também não podemos adorá-Lo ‘em verdade’ se não conhecermos a verdade a respeito dele. A adoração ‘em espírito’ deveria ser a nossa res-

posta ardente ao que Deus fez na criação e salvação, e a adoração ‘em verdade’ depende de conhecermos o Pai, o Filho e o Espírito na plenitude da revelação bíblica. Adoração ‘em verdade’ quer dizer adoração que é guiada e controlada pela Palavra de Deus, pois a verdadeira adoração depende da revelação de Deus e não simplesmente de motivação sincera ou emoção fervorosa.

A adoração verdadeira não é uma atividade emocional sem objetivo – é uma ação que foca fortemente o único Deus verdadeiro. Se quisermos de fato adorá-Lo em espírito e em verdade, devemos fazer todo esforço para conhecê-Lo melhor. Isso quer dizer que devemos continuar estudando a Sua autorrevelação ao povo de Israel; que devemos continuar meditando sobre todos os atributos divinos que Ele revela em Sua Palavra escrita; e que devemos continuar de olho em Sua maravilhosa autorrevelação em Jesus.

Quando entendermos a excelente história de salvação do Pai, contemplarmos Suas alianças inquebráveis, O imaginarmos sendo ‘levantado’ pela humanidade, compreendermos a Sua graça e misericórdia infinitas, e assim por diante, certamente não poderemos deixar de começar a adorá-Lo em espírito e em verdade.

Adoração – nossa primeira prioridade

Em Marcos 12:28–34, Jesus sintetiza todos os mandamentos de Deus em dois e explica que amar ao Senhor, o único Deus, com todo o nosso ser é o mandamento divino mais importante. Se for para Deus ser ‘o Senhor’ de nossas vidas, a adoração deve ser a nossa prioridade número um.

Em seguida, Jesus mostra que o segundo requisito de Deus para as nossas vidas é servir ao próximo com a paixão que temos por nós mesmos. Isso determina dois princípios vitais:

- Adorar a Deus e servir ao próximo está intimamente ligado aos propósitos de Deus
- Adorar a Deus vem em primeiro lugar, servir ao próximo vem em segundo.

Segundo Jesus, adoração é o principal propósito de Deus para a humanidade: Ele nos criou para adorá-Lo e para regozijarmo-

-nos Nele, e nos redimiou para adorá-Lo e para regozijarmo-nos Nele. O culto flui da adoração e nela se baseia, porém, não a substitui. Devemos cuidar para que nossas atividades piedosas não se tornem o inimigo de nossa adoração piedosa.

Os sacerdotes e levitas do Antigo Testamento foram separados para servir a Deus, e seu ministério tinha primazia sobre todo o trabalho que faziam. A visão escatológica de Ezequiel referente ao 'novo templo' mostra que o mesmo princípio ainda se aplicará no final dos tempos: Ezequiel 44:15 profetiza que os sacerdotes ainda serão chamados basicamente para se aproximar de Deus e ministrar pessoalmente para Ele.

Isso significa que devemos certificar-nos de não nos ocuparmos tanto servindo a terceiros e atendendo às suas necessidades legítimas, e venhamos a negligenciar a ministração pessoal a Deus em louvor e adoração.

Adoração – com confissão

Toda vez que atentamos para Deus e analisamos os Seus propósitos, estamos fadados a sermos atraídos por Ele a um local de confissão. Como o profeta, em Isaías 6:5, nós percebemos a verdade de nossa impiedade apenas quando olhamos para a santidade absoluta de Deus; percebemos a verdade de nossa inconstância apenas quando encaramos Sua fidelidade; percebemos a veracidade de nossa culpa apenas quando atentamos para a Sua graça, e assim por diante.

É evidente que não adoramos Deus somente por quem Ele é, mas também por causa do que Ele fez e está fazendo. O Deus da Bíblia é o Deus que intervém na História e entra na vida dos seres humanos. Ele é o Deus vivo que fala e salva, que cura e liberta, que julga, vence e perdoa.

Ele é o Deus que age e o Deus que é, e Sua bondade, fidelidade, justiça, amor, sabedoria, paciência e misericórdia inerentes estão gravadas em obras poderosas por toda a Bíblia – e em nossas vidas. Toda vez que analisamos os atos poderosos de Deus (as misericórdias que estão mencionadas em Romanos 12:1), deveríamos ser atraídos a adorá-Lo em espírito e em verdade.

Adoração – com sinceridade

A verdadeira adoração pode vir somente de um coração sincero. Passagens como Salmos 24:4; 50:8–23; 51:16–19; Provérbios 15:8; 21:27; Isaías 1:11–20; 29:13; 58:1–14; 66:1–4; Jeremias 6:20; 7:21–28; Oseias 8:11–13; Amós 5:21–24; Miqueias 6:6–8 e Mateus 15:7,8 deixam claro que Deus odeia qualquer insinuação de fingimento religioso.

Em vez disso, Deus está buscando ações práticas em Seus adoradores, não gestos simbólicos, corações com pureza interior, nem rituais exteriores. Nos Salmos, Deus chama o Seu povo a aproximar-se Dele com mãos limpas, coração puro e um espírito contrito. Hebreus 10:19–22 enfatiza que isso somente é possível por meio do sangue de Jesus – e estudamos esse aspecto no volume *Salvação pela Graça*.

Focamos Filipenses 3:3 na Parte Dez, porém, devemos reconhecer aqui que a confiança em oferecer uma adoração verdadeira, agradável e aceitável deve vir de nossa dependência do Espírito e não da confiança em nós mesmos.

Adoração – com expectativa

Visto que a adoração verdadeira é sempre uma resposta humana à iniciativa misericordiosa de Deus, podemos nos dirigir à adoração com a expectativa de experimentarmos a realidade de Deus quando O adorarmos em espírito e em verdade.

Veremos nas Partes Três e Cinco como o povo de Deus – tanto no Antigo como no Novo Testamento – sabia que se encontraria com Ele quando se unisse em adoração. Eles tinham a expectativa de sentir o Seu toque de amor, e de ouvir as Suas palavras santas, porque estavam vindo adorar *em resposta ao Seu chamado*.

Toda vez que ia ao tabernáculo, Moisés sabia que fora convocado a encontrar o Deus Todo-poderoso, onisciente, operador de milagres, e que a presença dele seria tão magnífica que faria a sua face brilhar com o reflexo da glória divina.

Mais tarde, toda vez que entravam no santo dos santos, no Dia da Expição indicado por Deus, os sumo sacerdotes se aproximavam da cortina com um sentimento legítimo de temor san-

to – porque sabiam que estavam entrando na presença local do Santíssimo.

O mesmo ocorria com a igreja primitiva. Os primeiros crentes se enchiam de expectativa santa ao se encontrarem para adorar a Deus, porque sabiam que alguns deles haviam caído mortos em Sua presença, que outros haviam ressuscitado dos mortos por meio de Sua presença, e que pelo menos dois de seus edifícios haviam literalmente sacudido com a Sua presença.

Quando se reuniram para a adoração, os primeiros crentes sabiam que a cortina do templo fora rasgada em duas partes na morte de Cristo, e que – como Moisés e os sumo sacerdotes – eles estariam entrando no lugar santíssimo. Eles sabiam que estavam sendo atraídos à terrível, porém graciosa presença de Deus, e por isso tinham certeza de que algo extraordinário inevitavelmente aconteceria de novo!

Adoração – nosso relacionamento

Como veremos na Parte Oito, ao chamar-nos a adorá-Lo, Deus está chamando-nos a ter prazer nele, a regozijar-nos em Sua presença, a unirmo-nos ao Pai, ao Filho e ao Espírito no gozo eterno de um para com o outro.

Isso significa que o objetivo de nossa adoração é sempre a presença do Deus trino, que nosso chamado à adoração é sempre um chamado a um relacionamento mais profundo com Ele, e que a adoração é a expressão exata de nosso relacionamento redimido com Ele.

No Antigo Testamento, como veremos na Parte Três, a adoração ocorre no lugar secreto do tabernáculo e do templo, no santo dos santos, atrás do véu – na presença tangível, localizada, de Deus na terra. Veremos na Parte Cinco que o Novo Testamento aplica essas figuras da adoração para enfatizar que os crentes são – tanto individual como coletivamente – tabernáculos e templos do Espírito, separados para a adoração.

O Pai deseja a nossa comunhão e busca a nossa adoração – é por isso que Ele nos fez e nos redimiou. Essa ‘adoração relacional’ é fundamental para o conceito integral de sermos ‘filhos de

Deus': ela reconhece quem Ele é e em que nos tornou, e é parte essencial de nosso relacionamento com Ele. Na medida em que reconhecemos quem Deus é na plenitude de Sua natureza, e damos a adoração devida ao Seu nome, crescemos em nosso relacionamento com Ele.

Porém, não adoramos a Deus com um propósito egoísta em mente; ao contrário, nós O adoramos para glorificá-Lo. Ele gosta da comunhão conosco e a deseja – é por isso que nos criou e redimiu – e Ele se regozija profundamente em ter a nossa companhia íntima e conversar conosco.

O principal desejo de Deus é que nos regozijemos mutuamente no lugar secreto, que entremos completamente um na presença do outro, que desenvolvamos um relacionamento face a face duradouro, que o adoremos em espírito e em verdade.

O líder da adoração

Visto que a adoração autêntica é essencialmente uma resposta humana a uma iniciativa divina, deveria estar claro que a adoração em espírito e em verdade deve sempre ser conduzida e dirigida pelo próprio Deus.

Quando Moisés pediu ao Faraó permissão para que os Israelitas passassem alguns dias no deserto adorando a Deus, ele teve de explicar ao líder egípcio que eles não saberiam que tipo de adoração ofereceriam a Deus até que chegassem ao lugar designado.

Êxodo 10:24–26 institui o princípio bíblico importante de que se quiser realmente agradecer ao Deus vivo em adoração, o povo de Deus deve permitir que esta seja dirigida pessoalmente por Ele.

Isso significa que a verdadeira adoração cristã tem apenas um líder – Deus, em Cristo, por meio do Espírito. Todos os 'líderes' de louvor humanos são meramente 'líderes inferiores', chamados a transmitir a direção pessoal de Deus para a adoração e não as próprias ideias e gostos.

Ao atrair as pessoas para adorá-Lo, o próprio Deus se faz presente na medida em que elas O adoram. Ele não é um inspetor passivo que avalia nossa adoração para verificar se atende aos

Seus requisitos; ao invés disso, Ele é um participante ativo na adoração. Ele fala por meio de Seu Espírito aos corações de homens e mulheres adoradores e torna conhecida a Sua presença santa. Ele os ensina, guia, repreende e consola toda vez que respondem ao chamado a adorá-Lo em espírito e em verdade.

Em termos de adoração, não apenas lemos teoricamente a respeito de Deus nas Escrituras, nós o conhecemos por experiência própria na medida em que Ele se revela em nossos espíritos de muitas maneiras diferentes. Veremos na Parte Três de que modo Deus revelava a Sua glória - na época do Antigo Testamento - no momento da adoração. E no volume *Glória na Igreja*, nós vemos como Deus ainda quer revelar Sua glória ao mundo por meio da igreja - analisamos esse assunto integralmente nas Partes Seis, Sete e Oito.

Isso significa que não apenas celebramos Jesus como nosso Salvador e Redentor quando adoramos, nós também o vivenciamos como nosso Profeta, Sacerdote e Rei. Pelo Espírito, Jesus se junta a nós em nossa adoração para nos ensinar acerca da justiça, nos alimentar e santificar com Sua palavra de vida, e para nos dar o Seu poder para fazer o que é certo.

Em toda a série *A Espada do Espírito* vemos que Deus sempre age com autocoerência, que Ele *sempre* é leal a *cada* aspecto de Sua natureza. Isso quer dizer que quando vem entre nós na adoração, Ele está presente na plenitude de cada aspecto de Seu caráter.

Por conseguinte, toda vez que respondemos ao Seu chamado à adoração nós deveríamos ter a expectativa de vivenciar o Seu amor e a Sua graça, a Sua verdade e a Sua misericórdia, o Seu consolo e o Seu poder, a Sua liberdade e a Sua autodisciplina, a Sua cura e a Sua humildade, e assim por diante.

Porque o próprio Deus está conosco quando adoramos, Ele está conosco em todo o Seu poder, em todo o Seu amor, em toda a Sua graça e em toda a Sua verdade. E porque Ele está nos dirigindo e conduzindo quando adoramos, deveríamos certamente esperar que todo aspecto de Sua natureza seja revelado por meio da adoração.

Isso sugere que os milagres da graça e do poder deveriam ser a regra e não a exceção quando adoramos em espírito e em verdade, que as curas do corpo e da mente deveriam ser uma ocorrência normal, e que os dons da graça e da humildade divina deveriam ser praticamente comuns.

Deus decide

O princípio bíblico de que ‘o povo de Deus deve permitir que Ele direcione a adoração se quiser agradá-Lo com ela’ quer dizer que somente Deus decide quais homens e quais mulheres, e também quais dons naturais e espirituais, devem ser usados na adoração.

Na adoração pública da igreja as pessoas pregam, profetizam, cantam, oram, contribuem, arrumam as flores, leem as Escrituras, tocam um instrumento, limpam os bancos, recolhem os hinários, cumprimentam os visitantes e assim por diante, exatamente como são chamadas e guiadas pessoalmente pelo verdadeiro líder da adoração. Isso garante a inexistência de espaço para autopromoção por meio da adoração, e a inexistência da criação de uma reputação humana. Somente o Deus santo é glorificado na adoração que é oferecida em espírito e em verdade.

Cada aspecto da adoração pública da igreja tem o objetivo de demonstrar que Deus é o único que dá início à adoração e que é o Seu líder supremo:

- Todo dom espiritual deveria revelar que Cristo está no controle total; que Ele concede o que escolhe, quando escolhe, como escolhe e por meio de quem escolhe
- Cada palavra dita deveria soprar a vida de Deus na adoração e moldar os adoradores, porque o interlocutor tem sido inspirado a falar somente pelo Espírito doador de vida
- Cada ato discreto de culto deveria inflamar a adoração com o amor e humildade de Deus, porque o servo tem sido tocado a agir somente pelo Espírito modesto de Deus
- Todo milagre poderoso deveria estremecer e deslumbrar os adoradores, porque aponta unicamente para a compaixão e misericórdia de Deus, e não para uma técnica humana ou mensagem egoísta.

Nossa resposta

Como veremos na Parte Três, o povo de Deus no Antigo Testamento vinha perante Ele, em adoração, não apenas para louvá-Lo e adorá-Lo, mas também para ser lavado e transformado por Ele. Eles sabiam que não poderiam estar na presença santa do Deus poderoso e permanecer igual. De fato, podemos praticamente dizer que não é possível termos adorado em espírito e em verdade se não tivermos sido modificados por meio da adoração.

Do mesmo modo que se inicia em expectativa santa, a verdadeira adoração termina em obediência santa. Adoração não é um meio de escapar dos rigores do mundo; é antes um confronto com o chamado de Deus a servi-Lo neste mesmo mundo. Como o profeta, em Isaías 6:8, é quando amamos Deus e temos sido lavados e transformados por Ele que mais reconhecemos a nossa necessidade de responder ao Seu chamado para servi-Lo com a obediência ao Evangelho.

Como vimos, nossa adoração a Deus pode ter de vir em primeiro lugar, mas também deve sempre levar a servirmos ao próximo. Acima de tudo isso, a adoração autêntica sempre nos atrai à dimensão espiritual e nos expõe às realidades do mundo invisível. É na medida em que adoramos em espírito e em verdade que somos impelidos a compartilhar com Cristo a aplicação de Sua vitória contra os poderes demoníacos em qualquer nível da vida.

Isso sugere que na verdadeira adoração sempre há uma progressão espiritual natural em ação. Por exemplo:

- Deus nos chama, pelo Espírito, a adorá-Lo
- Nós respondemos à convocação de Deus
- Nós ficamos face a face com o Senhor na adoração
- Seguimos Sua liderança e direção quanto ao modo de adorar
- Somos transformados por Sua presença durante a adoração
- Recebemos as Suas ordens para servir e também a capacitação enquanto adoramos
- Vamos do adorar ao amar a Deus, servir ao próximo e aplicar a vitória de Cristo.

Focar Deus

Deveria estar claro que, se a adoração é nossa resposta ao chamado de Deus, devemos ‘ouvir’ o Seu chamado a fim de podermos responder. Analisamos esse aspecto no volume *Ouvindo Deus* e estudamos como Ele se comunica com o Seu povo e como podemos aprender a reconhecer o Seu modo de ‘falar’ conosco hoje.

Ao ‘ouvirmos’ ou ‘sentirmos’ o chamado de Deus para adorar, devemos voltar toda a nossa atenção a Ele. Isso inclui aquietar todas as nossas atividades humanamente iniciadas e concentrarmos-nos firmemente nele. Alguns crentes restringem esse ‘acalmar humano’ e ‘focar em Deus’ aos poucos minutos que antecedem o culto de adoração pública; mas esse ‘aquietar e focar’ deveria sempre fazer parte da estrutura básica da vida de cada crente. Como vimos no volume *Ouvindo Deus*, somos chamados a desenvolver um estilo de vida que ouve continuamente, a fim de que todas as nossas palavras e atos tenham sua fonte em Deus.

Se realizarmos os negócios comuns da vida segundo a nossa força e sabedoria, tenderemos a fazer o mesmo quando nos reunirmos para adorar. Porém, se estivermos sempre totalmente alertas ao mover de Deus – em casa e no trabalho, durante uma viagem ou descansando, com a família e amigos, e assim por diante – decerto teremos a mesma sensibilidade divina quando nos unirmos a outros crentes para adorar.

Louvar a Deus

Veremos nas Partes Dois a Cinco, que Deus sempre atraiu o Seu povo à adoração, encorajando-o a louvar tanto a Ele próprio como as Suas obras.

O livro de Salmos, por exemplo, insta repetidas vezes o povo do Antigo Testamento a louvar ao Senhor, e Hebreus 13:15 e 1Pedro 2:5–9 instruem o povo da nova aliança de Deus a oferecer-Lhe sacrifício de louvor e declarar os Seus feitos maravilhosos – focamos esse assunto na Parte Oito.

O louvor é importante não apenas porque proclama a grandeza de Deus, mas também porque envolve nossas emoções e sentimentos. A verdadeira adoração sempre envolve a persona-

lidade humana na íntegra, inclui nossa mente, nossas emoções, nosso corpo e nossa vontade; engloba nossas palavras, nossas atitudes, nosso estilo de vida – tudo que somos e temos.

Deus nos chama com todo o Seu ser, com cada aspecto de Sua natureza divina; Ele nos chama, portanto, a responder a Ele com todo o nosso ser, com cada aspecto de nossa natureza redimida. Devemos apresentar nossa personalidade humana integral a Deus e oferecer-Lhe tudo no altar da adoração. Nada menos que isso é adoração verdadeira e nada menos é plano de Deus. Para o Seu bem e o nosso, Ele nos chama a adorá-Lo em espírito e em verdade.

Parte Dois

Louvor e Adoração

Alguns crentes usam a palavra ‘adoração’ sem entender o que ela verdadeiramente significa. Eles normalmente pensam nela com relação à adoração pública de suas congregações, em vez do significado bíblico. Eles pressupõem que adoração é o que fazem durante o culto de domingo, e seja o que for que façam no culto de domingo, é adoração.

O resultado é um grupo de crentes associando adoração com, por exemplo, espontaneidade livre e ruído alto, enquanto outro a associa com liturgia definida e reverência silenciosa. Entretanto, se quisermos entender o chamado bíblico de Deus para adorá-Lo em espírito e em verdade, devemos ir além dos argumentos modernos sobre as diferentes maneiras de adorar. Devemos examinar o que as Escrituras querem dizer com adorar a Deus.

Em primeiro lugar, vale a pena analisar a palavra ‘adoração’. Ela deriva de uma palavra antiga, que significa ‘dignidade’ e que é formada pela justaposição de duas palavras: ‘habilidade de ser’ e ‘digno’. Isso sugere dar a alguém o reconhecimento ou ‘habilidade de ser digno’ que ele merece. Contudo, a palavra é muito limitada e não capta integralmente a terminologia bem mais rica das linguagens bíblicas ao descreverem a adoração.

A Bíblia usa uma ampla gama de palavras hebraicas e gregas para definir e descrever ‘adoração’, mas o contexto essencial tanto no Antigo como no Novo Testamento é sempre ‘culto/serviço ativo’. A palavra hebraica *abodah* e a palavra grega

latreia são as palavras bíblicas mais comuns para ‘adoração’, e as duas significam originalmente o trabalho de escravos ou servos.

Serviço

A maioria das pessoas hoje em dia pensa que ‘adoração’ significa uma coisa e que ‘serviço’ significa outra muito diferente (muito embora fale comumente de ‘cultos de adoração’). Elas pressupõem que ‘adoração’ signifique atividades espirituais como cantar e orar, e que ‘serviço’ signifique ações práticas como varrer o chão, arrumar as cadeiras etc.

Contudo, a Bíblia não faz tal distinção. No que diz respeito às Escrituras, nossa adoração a Deus é nosso serviço a Ele; o modo que O Servimos é o modo que O adoramos.

Abodah

O substantivo hebraico *abodah* é traduzido em algumas versões da Bíblia como ‘trabalho’, em outras como ‘adoração’, e na maioria como ‘serviço’. O mesmo ocorre com o verbo *abad*, que é traduzido como ‘trabalhar’, ‘adorar’ ou ‘servir’.

Gênesis 14:4; 15:13,14; 25:23; 29:15–30 e Êxodo 1:14 mostram que o grupo de palavras *abodah* referia-se originalmente ao trabalho prático de escravos ou servos contratados.

Toda vez que usam *abad* ou *abodah* com um objeto humano, as Escrituras sempre se referem a uma atitude servil ou a uma ação servil: Vemos isso, por exemplo, em Êxodo 21:2; Jeremias 40:9 e Ezequiel 48:18,19.

Contudo, o Antigo Testamento quase sempre usa *abad* e *abodah* para descrever o modo que o povo de Deus serve corretamente ao Deus verdadeiro ou serve erroneamente aos deuses falsos.

É importante que nossa compreensão de ‘adoração em espírito e em verdade’ esteja baseada no reconhecimento de que a adoração bíblica engloba tanto *ações práticas* como *atividades espirituais*. O Antigo Testamento usa o grupo de palavra *abodah*, por exemplo:

- Para chamar o povo a servir a/adorar a Deus – Êxodo 3:12; 7:16; 8:1, 20; 9:1, 13; 23:25; Deuteronômio 10:12; 11:13; Josué 24:14–16; Salmos 2:11; 100:2; Jeremias 30:9 e Sofonias 3:9
- Para chamar o povo a deixar de servir a/adorar falsos deuses – Deuteronômio 7:16; 28:14; Jeremias 25:6 e 35:15
- Para descrever ações práticas que contribuem para o serviço/ adoração a Deus– Êxodo 36:1–5; Números 3:7,8; 4:23–28, 47–49; 7:6–9; 1Crônicas 28:20,21 e 2Crônicas 24:12
- Para descrever atividades espirituais que contribuem para o serviço/ adoração a Deus– Números 8:11, 19–26; 18:6,7 e 1Crônicas 23:24–32
- Para descrever contribuições musicais ao serviço/ adoração a Deus– 1Crônicas 25:1–8
- Para descrever cerimônias espirituais específicas – Êxodo 12:25,26 e 2Crônicas 35:1–19

O amplo significado do grupo de palavras *abodah* se torna especialmente claro em 2Crônicas 35. Esse capítulo descreve uma ‘adoração/serviço’ de Páscoa que foi realizado em Jerusalém pelo rei Josias.

Os versículos 2 e 3 registram o modo que Josias motivava os sacerdotes em seus deveres de serviço e os levitas no serviço a Deus e Seu povo.

Os versículos 4 a 14 descrevem os preparativos práticos para o serviço tanto dos levitas como dos leigos.

Os versículos 15 e 16 mostram que os cantores e porteiros (o equivalente no Antigo Testamento aos administradores de hoje) eram considerados tão envolvidos na adoração/ serviço quanto os sacerdotes e levitas.

Isso sugere que a preparação cuidadosa para um culto de adoração a Deus é adoração/serviço tanto quanto o próprio culto de adoração, e também que as ações práticas dos ‘porteiros’ e a oferta generosa dos ‘leigos’ são um ato de serviço/adoração tanto quanto as contribuições musicais dos ‘cantores’ e as atividades espirituais dos ‘sacerdotes e levitas’.

Latreia

Latreia, ‘serviço’, e *latreuo*, ‘servir’, são os equivalentes gregos de *abodah* e *abad*. Mais uma vez, seu significado original é o serviço contratado de um escravo ou servo, mas é usado principalmente no Novo Testamento para descrever o serviço ou adoração dos humanos a Deus.

Esse grupo de palavras é usado, por exemplo, em Mateus 4:10; Lucas 1:74; 2:37; 4:8; Atos 7:7; 24:14; 26:7; 27:23; Romanos 1:9; 9:4; 12:1; Filipenses 3:3; 2Timóteo 1:3; Hebreus 8:5; 9:1, 6, 14; 10:2; 12:28; Apocalipse 7:15 e 22:3.

Uma leitura cuidadosa dessas passagens mostra que as Escrituras usam uma mesma palavra para descrever a ‘adoração’ espiritual no tabernáculo, templo, céu etc., e o ‘serviço’ prático no dia a dia.

O uso de *latreia*, em Romanos 12:1, engloba esses dois significados: Somos chamados a apresentar os nossos corpos como um sacrifício vivo a Deus em *tudo* que fazemos: não há distinção entre as atividades denominadas ‘espirituais’ e ‘seculares’ – o nosso trabalho é a nossa adoração e a nossa adoração é o nosso trabalho.

Leitourgia – traduzida como ‘ministério’, ‘serviço’ ou ‘liturgia’ – é outra palavra a se considerar. Não está etimologicamente vinculada a *latreia*, embora carregue uma ideia semelhante. É usada no Novo Testamento em Lucas 1:23; 2Coríntios 9:12; Filipenses 2:17,30; Hebreus 8:6, 9:21 e 10:11. *Leitourgia* é uma palavra que vem da vida secular e se refere ao serviço à comunidade ou Estado, normalmente sem encargo ou remuneração financeira. Mais uma vez, isso sugeriria que a adoração e o serviço cristão são basicamente um.

Isso nos faz lembrar de que a adoração bíblica engloba a vida por completo. É por isso que a visão de mundo cristã não pode comportar qualquer ideia de divisão entre ‘sagrado e secular’ – um cristianismo compartimentalizado em que a vida é dividida em certas partes (ex.: ‘vida social’, ‘vida cristã’, ‘vida familiar’, ‘vida profissional’ etc.) com Cristo tendo o senhorio somente sobre as ‘partes sagradas’. A verdade é que Jesus Cristo é Senhor de todos e – conforme Paulo nos lembra em 1Coríntios 10:31 – isso

significa que seja lá o que for que façamos, devemos fazer 'para a glória de Deus'.

Curvar-se

Se o grupo de palavras *abodah* e *latreia* enfatiza a relação entre adoração e serviço, o grupo de palavras *shachah* e *proskuneo* enfatiza que a essência da adoração/serviço é o curvar-se perante Deus.

A palavra hebraica *shachah* e a palavra grega *proskuneo* normalmente são traduzidas como 'adoração', e ambas revelam que os servos de Deus devem ter a atitude de se curvarem diante dele se quiserem oferecer a adoração/serviço que Ele espera e merece.

Literalmente, *shachah* significa 'curvar-se a', e *proskuneo* significa 'beijar a'. Juntas, elas mostram que nossa adoração/serviço deveria nascer do temor reverente e da admiração e entusiasmo que temos.

Essas palavras deixam claro que Deus não está olhando momentaneamente para as atividades externas de orar, pregar, cantar, servir etc.; em vez disso, Ele está buscando principalmente as atitudes internas de temor reverente e amor fiel. Embora devamos tentar garantir que nossa adoração pública tenha relevância cultural, as discussões e desacordos sobre as diferentes formas de adoração perdem o verdadeiro sentido do chamado de Deus.

A conversa de Jesus com a mulher samaritana, em João 4:1–24, mostra que os aspectos externos da adoração não são a sua essência. *Proskuneo* é usada sete vezes em João 4:20–24 para destacar que Deus está mais preocupado com a atitude interior correta de 'beijá-Lo', do que as questões de lugar e forma exterior.

Shachah

Shachah é usada quase sempre de modo literal no Antigo Testamento para mostrar que o povo de Deus se prostrava fisicamente ao apresentar-se diante dele: Eles curvavam as cabeças ou se ajoelhavam, ou ainda se prostravam com o rosto em terra. Vemos isso, por exemplo, em Gênesis 24:26, 48; Êxodo 4:31; 12:27; 34:8; 1 Crônicas 29:20; 2 Crônicas 20:18; 29:30; Neemias 8:6; Jó 1:20 e Salmo 95:6.

Entretanto, *shachah* é usado mais comumente para mostrar que o povo de Deus era chamado a ter uma atitude interior de temor reverente e amor fiel ao apresentar-se perante Ele. Vemos isso, por exemplo, em Gênesis 22:5; Êxodo 24:1; Deuteronômio 26:10; 1Samuel 1:28; 1Crônicas 16:29; Neemias 9:3; Salmo 96:9 e 99:5.

Por apontar essencialmente para a atitude interior de adoração/serviço, *shachah* é usado comumente no Antigo Testamento com outro verbo que descreve a ação externa suplementar de adoração/serviço. Por exemplo:

- Inclinar-se e adorar – Gênesis 24:26, 48 e Êxodo 4:31
- Sacrificar e adorar – Êxodo 32:8; 1Samuel 1:3 e 2Reis 17:36
- Servir e adorar – Deuteronômio 8:19
- Louvar e adorar – 2Crônicas 7:3 e Salmo 66:4
- Confessar e adorar – Neemias 9:3
- Comer e adorar – Salmo 22:29

O elo bíblico constante entre *shachah* e, por exemplo, louvor, serviço e sacrifício, demonstra a importância da atitude de motivação. O louvor que não flui da reverência e amor não impressiona a Deus. O serviço que não é motivado por admiração e entusiasmo não agrada a Deus. O sacrifício que não procede de temor e adoração não é aceitável a Deus – e assim por diante.

Proskuneo

Ocorre praticamente o mesmo com *proskuneo*, ‘beijar a’, no Novo Testamento. Às vezes essa palavra é usada literalmente para descrever uma ação física que significa temor reverente e amor fiel; por exemplo, Mateus 2:11; 4:9; 28:9; Marcos 15:19; Atos 10:25; 1Coríntios 14:25; Apocalipse 7:11; 11:16; 19:4, 10 e 22:8.

Entretanto, *proskuneo* normalmente é usado para descrever a atitude interior de reverência e adoração proveniente do coração. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 8:2; 9:18; 14:33; 15:25; 18:26; Marcos 5:6; João 4:22–24; 9:38; Atos 24:11 e Apocalipse 4:10.

Outras palavras

Outras três palavras gregas são traduzidas como ‘adorar’ na maioria das versões do Novo Testamento:

- *sebomai* significa ‘reverenciar’ e é usada em Mateus 15:9; Marcos 7:7; Atos 16:14; 18:7, 13 e 19:27
- *sebazomai* significa ‘venerar’, e é usada em Romanos 1:25
- *eusebeo* significa ‘ser reverenciado’, e é usado em Atos 17:23. Também é usado em 1Timóteo 5:4 com referência a filhos ‘mostrando piedade’ em casa

Assim como *proskuneo*, essas três palavras enfatizam um sentimento interior de admiração ou devoção em vez de uma ação exterior.

Vimos que a Bíblia usa a palavra ‘adoração’ muitas vezes, mas nunca a define; contudo, as palavras distintas em hebraico e grego para adoração sugerem que se trata de uma ação servil que procede de uma atitude de temor reverente e adoração afetiva.

Podemos dizer, portanto, que adoração é um reconhecimento direto da natureza, atributos, maneiras e pretensões de Deus, os quais são sentidos internamente, além de manifestados em ações espirituais e práticas.

Louvor

A Bíblia não apenas usa diversas palavras gregas e hebraicas para pintar um quadro múltiplo da adoração bíblica como também muitas palavras diferentes para louvor, a fim de apresentar outra atividade multifacetada. Do mesmo modo que precisamos ampliar a nossa compreensão moderna da adoração para incluir serviço prático e atitudes interiores, precisamos também reconhecer que louvor é mais que cantar músicas relativas a Deus.

No Antigo Testamento, ‘louvor’ normalmente significa um ato de honra ou adoração que é oferecido a Deus por Suas criaturas – geralmente, mas não sempre, por homens e mulheres. As diferentes palavras hebraicas traduzidas como ‘louvor’ se referem a tipos específicos de adoração, e nossa compreensão de louvor deve englobar todas elas.

Halal

Halal é o verbo hebraico mais comum a ser traduzido como ‘louvar’, e significa basicamente ‘gritar de alegria’. Parece que *halal* era usado originalmente para referir-se ao choro de tristeza na morte de um sacrifício, mas que depois se tornou a palavra usada para descrever o grito de alegria diante da aceitação do sacrifício por parte de Deus.

A essência de *halal* é fazer um ruído alto e é usada no Antigo Testamento para descrever o louvor acerca de ou para:

- Um homem ou mulher – Gênesis 12:15; Provérbios 27:2; 28:4; 31:28, 30,31 e 2Samuel 14:25
- Falsos deuses – Juízes 16:24
- Deus– 1Crônicas 16:36; 2Crônicas 5:13; 20:19, 21; 30:21; Esdras 3:10,11; Neemias 5:13; Salmo 22:22,23; 35:18; 63:5; 69:30, 34; 119:164; 148:1–4, 7, 14; 150:1–6; Isaías 62:9 e Jeremias 20:13
- O nome de Deus– Salmo 69:30; 74:21; 145:2; 148:5 e Joel 2:26
- A Palavra de Deus – Salmo 56:4 e 10

Como veremos na Parte Três, o louvor e adoração na época do Antigo Testamento era uma atividade normalmente coletiva, e a ênfase bíblica no *halal* congregacional é clara em passagens como Juízes 16:24; 1Crônicas 16:36; 23:5; 2Crônicas 23:12; 30:21; Esdras 3:11; Neemias 5:13; Salmo 22:22; 35:18; 102:18; 107:32; 109:30 e 117:1.

Hoje em dia nós geralmente associamos louvor com ação de graças. É interessante que, entre as diferentes palavras hebraicas para louvor, somente *halal* é associada à ação de graças. Parece que quando as pessoas queriam agradecer a Deus em louvor, elas o faziam com grandes brados de alegria. Vemos isso, por exemplo, em 1Crônicas 16:4; 23:30; 25:3; 29:13 e Neemias 12:24.

A expressão *Aleluia*, ‘Louve ao Senhor’, é usada no Salmo 104:35 e 135:3, no início dos Salmos 106; 111; 112; 113; 135; 146–149, e no fim dos Salmos 104–106; 113; 115–117; 135 e 146–150.

Yadah

O verbo hebraico *yadah* normalmente é traduzido como 'louvar', mas seu significado literal é 'lançar' – como em Lamentações 3:53.

Pode parecer intrigante, mas – em muitas partes do mundo – as pessoas ainda reverenciam outras lançando-lhes coisas: por exemplo, os norte-americanos reverenciam os heróis que retornam para casa lançando sobre eles uma chuva de papel picado e os europeus reverenciam os recém-casados lançando-lhes confeite, pétalas de flores e arroz.

Yadah é usada de duas maneiras complementares para sugerir que:

- Gestos do corpo ou do espírito acompanham o louvor oferecido pelo povo de Deus
- O louvor é essencialmente confessional ou declaratório

Algumas versões bíblicas traduzem *yadah* como 'confessar' (em, por exemplo, 1Reis 8:33–35; 2Crônicas 6:24–26; Jó 40:14 e Salmo 32:5) e como 'dar graças' (em, por exemplo, 2Samuel 22:50; 1Crônicas 16:4–8; Salmo 18:49; 30:12; 136:1–3 e 26). Entretanto, trata-se exatamente da mesma palavra traduzida nos demais lugares como 'louvar'.

Em diversos lugares, *yadah* é usada em uma sequência com *halal* – como em 1Crônicas 29:13; 2Crônicas 31:2; Esdras 3:11 e Neemias 12:24. Em tais passagens, os tradutores normalmente traduzem *halal* como louvar e *yadah* como dar graças para enfatizar a distinção entre as duas palavras. Essas passagens, contudo, mostram que Deus espera que o nosso louvor inclua tanto o ruído *halal* como os gestos *yadah* do corpo e do espírito.

Cada uso de *yadah* implica tanto em um gesto como em uma declaração e precisamos assegurar que nosso entendimento do louvor inclua gestos, além de reconhecer que as nossas palavras de louvor podem estar na forma de ação de graças, confissão ou ainda declaração pública: É tudo louvor.

Yadah é usada no sentido geral de louvor, por exemplo, em Gênesis 29:35; 2Crônicas 7:3; Salmo 9:1; 42:5; 44:8; 54:6; 57:9; 86:12; 108:3; 118:28; 138:1,2; Isaías 12:1, 4; 25:1; 38:19 e Jeremias 33:11.

Zamar

Este verbo vem do ‘zumbir’ de um instrumento de cordas, e é usado no Antigo Testamento quando o louvor é associado a cantar ou tocar um instrumento musical.

O substantivo *mizmor* deriva de *zamar* e é a palavra para ‘salmo’. É usada no título de Salmos 57 para introduzir ‘uma canção que é cantada para um acompanhamento musical’.

Zamar geralmente é traduzida como ‘cantar louvor’ e é usada, por exemplo, em Juízes 5:3; 2Samuel 22:50; Salmos 7:17; 9:11; 47:6; 61:8; 98:4; 108:1; 144:9; 147:7; 149:3 e Isaías 12:5.

Shabach

Este verbo vem de uma raiz que significa ‘acariciar, acalmar ou suavizar’, e é usado em Salmo 65:7; 89:9 e Provérbios 29:11 para descrever o ‘acalmar’ ou ‘apaciar’ da ira, do mar e dos inimigos. Em todos os outros lugares, *shabach* se refere a ‘acalmar Deus com louvores’: é usada, por exemplo, no Salmo 63:4; 117:1; 145:4 e 147:12. Uma palavra correspondente – *shebach* – é usada em Daniel 2:23; 4:34, 37; 5:4 e 23.

Shabach normalmente é traduzida como ‘louvar’, mas algumas versões usam ‘abençoar’, ou ‘aclamar’, ou ‘glorificar’, ou ‘honrar’ – especialmente quando é usada em uma sequência com *halal*. Isso sugere que o nosso louvor deveria incluir momentos de tranquilidade *shabach* e também rompantes de ruído *halal*.

Todah

Este substantivo geralmente é traduzido como ‘ação de graças’, mas às vezes aparece como ‘louvor’ – por exemplo, em Salmo 42:4; 50:23 e 56:12.

Embora haja muita sobreposição entre adoração, louvor e ação de graças, essas palavras podem ser distinguidas de duas maneiras.

- Adoração é o apreço da pessoa de Deus; louvor é o apreço de Sua natureza e ação de graças é o apreço de Sua atividade.
- Adoração é uma expressão abrangente para toda palavra, ato e atitude que flui do reconhecimento do valor supremo de

Deus; louvor se refere basicamente a uma declaração verbal de apreço por Deus e ação de graças se refere a uma declaração verbal ou a uma ação generosa que expressa gratidão pelo que Deus tem feito.

Essa sobreposição é a principal razão de palavras como *yadah* e *todah* serem traduzidas, ora como ‘louvor’ e ora como ‘ação de graças’. Há uma distinção, mas raramente é significativa.

Palavras no Novo Testamento

Diversas palavras gregas são traduzidas como ‘adorar’ na maioria das versões do Novo Testamento: Cada uma tem um significado levemente diferente e é preciso ter entendimento e prática de louvor que englobem todas elas.

- *aineo*: Tinha o significado original de ‘narrar história’, mas é usada no Novo Testamento para descrever o louvor falado a Deus— por exemplo, Lucas 2:13, 20; 19:37; 24:53; Atos 2:47; 3:8,9; Romanos 15:11 e Apocalipse 19:5.
- *epaineo*: significa ‘elogiar, louvar’ e se refere a um elogio/louvor falado animado – por exemplo, 1Coríntios 11:2, 17 e 22. O substantivo *epainos* é usado em 2Coríntios 8:18; Efésios 1:12, 14; Filipenses 1:11; 4:8; 1Pedro 1:7 e 2:14.
- *humneo*: Este verbo grego é a fonte do ‘hino’ e significa ‘cantar louvor’ – é usado, por exemplo, em Mateus 26:30; Marcos 14:26; Atos 16:25 e Hebreus 2.12
- *psallo*: significa ‘dedilhar um instrumento de corda’, e se refere a fazer louvor com um instrumento musical – como em Tiago 5:13.
- *exomologeo*: significa ‘confessar’ e aponta para um reconhecimento sincero, celebração ou declaração; algumas versões traduzem como ‘dar graças’, mas ‘louvar’ é mais preciso – é usada em Mateus 11:25; Lucas 10:21; Romanos 14:11; 15:9; Filipenses 2:11 e Apocalipse 3:5.
- *eucharisteo*: embora essa palavra signifique literalmente ‘dar graças’, e seja traduzida normalmente assim, ela é, na realidade, a palavra mais comum no Novo Testamento para louvor e é usada de modo semelhante à *yadah*.

Eucharisteo descreve a expressão de alegria em relação a Deus e é um aspecto do fruto do Espírito. É usada, por exemplo, em Mateus 26:27; Marcos 8:6; Lucas 17:16; João 11:41; Atos 28:15; Romanos 1:8; 1Coríntios 14:18; Efésios 5:20; Colossenses 1:3; 2Tessalonicenses 2:13 e Apocalipse 11:17.

Muitas tradições da igreja descrevem a Ceia do Senhor como 'a Eucaristia' porque consideram a refeição basicamente um ato de ação de graças pela morte de Cristo.

Louvor bíblico

A Bíblia é toda marcada por rompantes de louvor que parecem surgir espontaneamente do simples temperamento alegre que caracteriza a vida do povo de Deus ao longo da Escritura.

A Bíblia deixa claro que Deus Se deleita em Sua criação, e que toda criação deve expressar a sua alegria em louvor. Vemos isso, por exemplo, em Gênesis 1; Salmo 90:14–16; 104:31; Provérbios 8:30,31; Jó 38:4–7 e Apocalipse 4:6–11.

O louvor é uma das principais marcas distintivas do povo de Deus, e os não crentes evidenciam a sua falta de fé pela recusa em louvar. Vemos isso em Romanos 1:21; 1Pedro 2:9; Efésios 1:3–14; Filipenses 1:11 e Apocalipse 16:9.

A Bíblia mostra que a vinda do reino de Deus é marcada pela restauração da alegria profunda e louvor genuíno do povo de Deus e de toda a criação – Isaías 9:2; Salmo 96:11–13; Lucas 2:13–14 e Apocalipse 5:9–14.

Na Parte Três, veremos que o louvor e a adoração no tabernáculo e no templo eram um prenúncio do louvor do reino, e que surgia da alegria do povo em estar na presença redentora de Deus– Vemos isso, por exemplo, em Deuteronômio 27:7; Números10:10 e Levítico 23:40.

Jó 1:21, porém, mostra que o louvor bíblico não apenas expressa uma atitude de alegria, pois o povo era, muitas vezes, instruído a regozijar-se perante Javé, independente de seus sentimentos e das circunstâncias – como em Deuteronômio 12:7 e 16:11–12.

Arranjos cuidadosos eram feitos para o louvor no templo,

logo, nem sempre era espontâneo. Êxodo 15:20; 2Samuel 6:14; Salmo 42:4; 149:3 e 150 mostram que esse louvor envolvia Salmos, gritos, procissões, canto antifonal, dança e instrumentos musicais.

Veremos na Parte cinco que os primeiros crentes cristãos continuaram a expressar a sua alegria participando da adoração no templo – como em Lucas 24:53 e Atos 3:1. Marcos 2:22 sugere, porém, que a experiência de nova vida em Cristo precisaria expressar-se em novas formas de louvor. Homens e mulheres que experimentavam o poder de Jesus normalmente irrompiam em louvor espontâneo, – Vemos isso, por exemplo, em Lucas 18:43 e Marcos 2:12. E o Novo Testamento registra muitos rompantes de louvor quando as pessoas começavam a entender e experimentar o poder de Deus– por exemplo, Atos 2:46; 3:8; 11:18; 16:25 e Efésios 1:1–14.

Colossenses 3:16 e Mateus 26:30 relatam que os primeiros crentes usavam os Salmos do Antigo Testamento em seu louvor e adoração. Analisamos esse aspecto na Parte Quatro. 1Coríntios 14:26; Colossenses 3:16 e Apocalipse 5:8–14 mostram que a igreja primitiva também usava hinos novos em seus louvores; e Lucas 1:46–55, 68–79; 2:29–32 e Atos 2:4–11 descrevem diversas formas novas de louvor profético.

O sacrifício de louvor

Hebreus 13:15 menciona um ‘sacrifício de louvor’. Isso remete a Levítico 7:11–21, que definiu o lugar de ação de graças nos sacrifícios rituais do Antigo Testamento, e a Deuteronômio 26:1–11, que mostra que gratidão deve ser o motivo fundamental para se trazer ofertas ao altar.

Neste capítulo, nós examinamos as diferentes palavras bíblicas para louvor e adoração, e começamos a avaliar a extensão e profundidade de seus significados na Bíblia. Devemos ter em mente esse entendimento amplo à medida que avançamos na análise da adoração/serviço em todo o Antigo e Novo Testamentos e os aplicamos às nossas vidas hoje.

Parte Três

Adoração no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, adoração é a resposta do povo de Deus à revelação de Sua natureza; e a natureza plena de Deus – Sua santidade – determina o caráter da resposta de Seu povo. Por exemplo:

- Por que Deus é poderoso e perfeito, a adoração deve respeitar a Sua santidade
- Porque Deus é justo e bom, a adoração deve encarar o problema do pecado humano
- Porque Deus é misericordioso e amável, o adorador arrependido pode buscar o Seu perdão e a promessa de nova vida

A maneira precisa de como essas ideias se relacionam umas às outras varia de uma ocasião de adoração a outra, mas toda a adoração no Antigo Testamento começa com o reconhecimento de que *Javé* é quem Ele é, e que essas pessoas são o que são – de que Ele é santo e elas não.

O tema adoração está bem no topo da lista dos Dez Mandamentos, as dez frases imperativas que podem ser consideradas uma síntese da lei de Deus para o Seu povo. O primeiro mandamento – Êxodo 20:3 – proíbe a adoração de deuses falsos e nos exorta a adorar somente a *Javé*. Porque *Javé* é o único Deus verdadeiro, a adoração deve ser direcionada a Ele. O segundo mandamento – 20:4 – continua com o foco na adoração, di-

zendo-nos como *Javé* deve ser adorado. Ele assim o faz em um sentido negativo, proibindo-nos de adorar a Deus com criações humanas.

Em resumo, os diferentes lugares, tipos e aspectos da adoração no Antigo Testamento celebram as muitas maneiras misericordiosas em que se pode adequar o povo pecador de Deus para encontrar-se com a Sua presença santa e experimentar o Seu Eu santo.

Lugares de adoração

Como vemos no volume *Glória na Igreja*, os modernos locais cristãos de adoração são simplesmente edifícios onde as pessoas podem se reunir. O tamanho, formato e localização desses locais são decididos mais pela conveniência social do que por considerações espirituais. Os cristãos podem adorar em qualquer lugar e muitos grupos encontraram-se para adorar em escolas, salões públicos e até ao ar livre.

Não era assim no Antigo Testamento. A adoração era oferecida somente em um local específico, onde Deus tinha Se revelado previamente de algum modo tangível. As pessoas supunham que a santidade de Deus poderia seguramente interagir com o mundo pecaminoso naquele lugar específico.

Quando viu a sarça ardente, em Êxodo 3:5,6, Moisés reconheceu imediatamente que era um lugar santo onde Deus poderia e deveria ser adorado. Esse local nunca se tornou um lugar típico de adoração, porque a sarça era longe de Israel; gerações posteriores, porém, tiveram muitos locais semelhantes onde adoravam a Deus porque Ele se revelara ali aos líderes de Israel.

O tabernáculo e a arca

Êxodo 33:7–40:38 registra o modo que os judeus que escaparam do Egito adoravam a Deus em uma tenda especial que armaram no meio do arraial. Eles a chamaram de ‘a tenda da presença do Senhor’ ou ‘o tabernáculo’.

Nós normalmente associamos a palavra ‘tabernáculo’ com um *edifício fixo*, mas é a palavra bíblica para uma *tenda móvel*, que Deus encheu com a Sua presença, com uma nuvem visível

de Sua glória. Quando a nuvem movia-se adiante, o povo de Deus recolhia o tabernáculo e seguia a nuvem de glória.

O Antigo Testamento contém instruções detalhadas para a armação e uso do tabernáculo. Um recinto central marcava a parte mais santa, e era rodeado de vários outros recintos até chegar à borda da área do tabernáculo. As tendas dos sacerdotes eram armadas logo após esta, e em seguida vinham as tendas do povo.

Ezequiel 42:20 mostra que esse tipo de disposição foi projetado para separar o que era santo daquilo que não era, e para assegurar que somente pessoas que correspondiam às exigências tivessem contato com a santidade da presença de Deus.

A parte mais santa do tabernáculo, o 'santo dos santos', continha 'a arca da aliança'. Era uma caixa de madeira revestida de ouro, que guardava as duas tábuas da Lei, um pote de maná e a vara de Aarão; vemos isso em Êxodo 25:16, 21; 40:20; Deuteronomio 10:1-5 e Hebreus 9:4,5.

A arca era o lugar no tabernáculo onde Deus revelava a Sua vontade – como em Êxodo 25:22; 30:36; Levítico 16:2 e Josué 7:6. A arca era sempre identificada de modo muito íntimo com a presença pessoal de Deus, por exemplo, Números 10:35,36; Josué 4:5 e 13.

Ninguém sabe o que aconteceu com o tabernáculo, nem com a arca. Não se menciona o tabernáculo depois que o povo de Deus se assentou em Canaã. A arca, contudo, é mencionada em Josué 3:1-5:1; Juízes 20:18-28; 1Samuel 4:1-11; 5:1-7:1 e 1Reis 8:1-9. Foi montada no templo de Jerusalém pelo rei Salomão, onde ele morou até o exército de Nabucodonosor saquear a cidade. Na época do Novo Testamento, o santo dos santos no templo foi deixado vazio.

A arca e o tabernáculo desempenharam um papel importante no desenvolvimento da adoração no Antigo Testamento. Eles enfatizavam a verdade importante de que Deus não estava preso a um lugar específico; mostravam que o poder e a presença de Deus poderiam ser conhecidos apenas onde *Javé* escolhesse revelar-lhes, e enfatizavam que Deus podia ser adorado corretamente apenas onde e como Ele próprio escolhesse e dirigisse.

Santuários locais

As pessoas sempre gostaram de adorar perto do local onde vivem, e o Antigo Testamento sugere que a maior parte das cidades e vilarejos da época possuía originalmente algum tipo de local para adoração – normalmente era um altar ao ar livre onde se podiam oferecer sacrifícios.

Gênesis 13:18; 18:1–15; 26:23–26; 28:10–22; 31:43–55; Juízes 20:18–28; 1Samuel 1:1–3:21; 7:16,17; 10:3, 17–27; 11:14,15; 13:8–15; 1Reis 3:4–15; 5:1–6:37; 12:29–13:32; Amós 3:14; 5:5,6 e 7:16,17 se referem a santuários locais em Hebron, Berseba, Mispa, Betel, Gilgal, Ramá, Siló e Gibeão.

Esses santuários faziam parte da vida religiosa de Israel antes do êxodo, mas foram condenados quando entraram em Canaã. Deus queria que o povo adorasse em um local escolhido por Ele e *não o contrário*.

Apesar dessa desaprovação divina, os santuários floresceram até serem encobertos pela sombra do templo de Jerusalém. O imenso número de sacerdotes e músicos que cuidavam da adoração era tão impressionante que as pessoas começaram a ignorar os santuários e a fazer peregrinação ao templo.

Infelizmente, muitos dos santuários locais encorajavam a adoração de falsos deuses: eles eram condenados pelos profetas e foram fechados à força. Vemos isso em 2Reis 18:1–8; 21:3; 23:1–20 e Jeremias 2:20.

O templo de Jerusalém

1Reis 6:1–7:51 e 2Crônicas 2:17–5:1 descrevem a construção do templo. Seu *layout* geral era semelhante ao tabernáculo, com o santo dos santos no centro, rodeado de outros complementos. A maior parte da adoração ocorria nesses recintos, que geralmente eram decorados mais para refletir as alianças políticas das nações do que para celebrar Javé. Vemos isso, por exemplo, em 2Reis 16:10-18; 18:1-7 e 21:1-18.

Havia uma conexão forte entre os reis e o templo, e 2Reis 16:18 revela que uma passagem secreta ligava o palácio ao

templo. Isso quer dizer que o templo era mais que um lugar de adoração espiritual; ele também simbolizava o poder político da família real.

Passagens como 2Samuel 7:5–7; Jeremias 7:1–27; 35:1–19 e Isaías 66:1 sugerem que os profetas eventualmente se desgostavam do templo. Às vezes, como Jesus, em Lucas 19:45,46, os profetas se opunham ao que estava acontecendo no templo, ou reclamavam que as pessoas estavam confiando mais no templo do que em Deus. Alguns dos profetas, porém, parecem ter crido que a fé pactual em *Javé* era mais bem atendida por uma tenda simples do que um templo esplêndido.

Apesar disso, os judeus mais comuns eram profundamente comprometidos com o templo. Embora soubessem que *Javé* não vivia literalmente no templo, eles ainda acreditavam que era o lugar onde poderiam sentir a Sua presença mais diretamente. Vemos isso, por exemplo, em 1Reis 8:27–30; Salmos 11:4; 26:8; 63:1–5; 84:1–4 e 122:1.

Sinagogas locais

Os livros de Esdras e Neemias descrevem os judeus retornando do exílio e a reconstrução do templo de Jerusalém. A adoração ali, entretanto, nunca foi igual à dos tempos dos reis, pois o centro real de adoração logo se transferiu para as sinagogas locais.

A adoração na sinagoga era diferente da adoração no templo. Por exemplo:

- Baseava-se nas comunidades locais e ocorria em menor escala
- Não incluía quaisquer sacrifícios rituais
- Seus aspectos principais eram a oração e a leitura e interpretação da ‘lei e dos profetas’

Ninguém sabe como as sinagogas foram criadas, mas a ênfase de Esdras à leitura e interpretação da Lei parece ter sido um fator importante. A consciência de que Deus estivera com as pessoas durante o exílio, de que aceitara sua adoração ‘sem

o templo' e que as trouxera de volta a Israel, acentuava a verdade de que a Sua presença e poder não podiam restringir-se a um local.

Deus havia se encontrado com José em uma prisão, com Moisés na salsa ardente, com Jonas em um peixe grande, com Jeremias em um poço lamacento e com Neemias em um palácio real, portanto, as sinagogas foram criadas por toda a Israel, porque as pessoas perceberam que podiam desfrutar a presença de Deus em qualquer lugar.

Tipos de adoração

Vemos no volume *Oração Eficaz e Salvação pela Graça* que a oração e o sacrifício eram aspectos importantes da adoração no Antigo Testamento. Jeremias 6:20 e Amós 4:4 sugerem que incenso e oferta também estavam inclusos, e o livro de Salmos registra que canto, dança, gritos e procissões eram parte integrante da adoração. Contudo, o Antigo Testamento nunca oferece um relato detalhado de um culto completo.

Sacrifício

Passagens como Levítico 1:1–7:38; Números 15:1–31 e 28:1–29:40 registram as instruções específicas para a oferta de sacrifícios, e esse aspecto é analisado com algum detalhe no volume *Salvação pela Graça*.

Gênesis 4:3–5 e 8:20 mostram que as pessoas adoravam a Deus com sacrifícios desde os primórdios, e que Deus se encontrava com elas no momento e local do sacrifício. Abraão deve ter oferecido sacrifícios muitas vezes ou Isaque não teria perguntado sobre o cordeiro, em Gênesis 22:7.

Mais tarde, os egípcios sofreram uma série de pragas porque o Faraó não queria permitir que os israelitas fossem ao deserto para adorar a Deus com sacrifícios. Êxodo 10:24–26 revela dois princípios-chave da adoração sacrificial no Antigo Testamento.

Primeiro, as pessoas tinham de deixar Deus dirigir os seus sacrifícios e, segundo, podiam oferecer somente animais lim-

pos e aves que lhes pertencessem de fato – tinha de ser algum elemento de autonegação legítima e cara.

A décima praga foi um ato de juízo sobre o Egito e de livramento para Israel. A Páscoa, em Êxodo 11–13, foi o início não apenas da vida de Israel como nação, mas também dos sacrifícios regulares organizados.

Após a Páscoa, enquanto o povo de Deus ainda andava pelo deserto, Ele os instruiu acerca do sacrifício. Deviam ser cinco rituais principais:

- O holocausto, ou oferta queimada
- A oblação ou oferta de grão
- A comunhão, ou oferta de paz
- A oferta pelo pecado
- A oferta pela culpa, reparação ou transgressão.

Podemos dizer que:

- Os sacrifícios de oblação e comunhão ajudavam as pessoas a expressar os sentimentos de serem criaturas que pertenciam a Deus
- O sacrifício de holocausto representava a dedicação das pessoas – e a aceitação de Deus – de tudo que elas tinham e eram
- A refeição compartilhada entre os sacerdotes e o povo no sacrifício da comunhão os fazia lembrar-se do relacionamento vital com Deus
- Os sacrifícios pelo pecado e culpa capacitavam o povo tanto a expor o seu senso humano de separação de um Deus santo, causada pelo pecado, como a clamar que Ele o cobrisse

Em todos os sacrifícios, somente o melhor satisfaria. Vimos que os adoradores tinham de sacrificar de modo a esgotar os seus recursos pessoais, mas Deuteronômio 23:18 sugere que mesmo isso seria inaceitável se a propriedade tivesse sido adquirida de modo ilícito.

Os sacrifícios rituais deviam ser oferecidos de modo pessoal e nacional, privado e público, regular e à medida que surgissem necessidades especiais. Números 28–29 lista os sacrifícios pú-

blicos diários, semanais, mensais e anuais; e Êxodo 12 mostra de que modo a Páscoa devia ser celebrada com a família.

Toda vez que se voltava a *Javé*, o povo de Israel tinha de adorá-Lo oferecendo-Lhe sacrifícios. O Antigo Testamento mostra que embora os sacrifícios rituais fossem feitos em situações diferentes, por diversas razões, o ato real de oferecer um sacrifício sempre seguia um padrão estabelecido. Analisamos este aspecto em detalhe no volume *Salvação pela Graça*.

Cântico e música

O livro de Salmos ensina mais a respeito da adoração pelo povo de Deus do que qualquer outra parte do Antigo Testamento, e analisamos este aspecto em detalhe na Parte Quatro. Quando olhamos os Salmos e outras descrições sobre adoração no Antigo Testamento, vemos que o cântico e a música eram elementos importantes.

1Reis 18:27–29 relata que outras religiões antigas usavam a música para chegarem a um frenesi; 1Samuel 10:1–13 sugere que alguns dos profetas de Deus às vezes usavam a música desse modo também, e Amós 5:23 insiste que Deus não se agrada de todos os cânticos e músicas espirituais. Contudo, o povo de Deus não poderia louvá-Lo bem sem o cântico e a música alegres.

Passagens como Salmos 22:3 e 63:5 mostram que é natural que respondamos ao caráter santo de Deus com esse tipo de adoração, e a consciência de Sua boa presença sempre leva as pessoas a adorá-Lo com canções alegres de louvor.

1Crônicas 15:16–24; 16:4–7; Esdras 2:41, 70 e 3:10,11 se referem a corais especiais que participavam da adoração, e muitos dos Salmos têm um refrão que sugere que uma parte da canção seria cantada por adoradores e o restante pelo coral. Vemos isso, por exemplo, em Salmos 42, 43 e 46.

2Samuel 6:5; 1Crônicas 25:1–5; Salmo 43:4; 68:25; 81:1–3; 98:4–6; 150:3–5 e Isaías 30:29 mostram que as pessoas tocavam tamborins, harpas, liras, trompetes, chocalhos, cornetas, flautas e címbalos em louvor a Deus. A adora-

ção no Antigo Testamento era essencialmente alegre e o Salmo 42:4 sugere que a atmosfera era quase de festa durante o louvor no templo.

Dança e teatro

Alguns dos Salmos parecem pressupor a dança, enquanto outros a encorajam vigorosamente – Vemos isso, por exemplo, nos Salmos 26:6; 149:3 e 150:4. E 2Samuel 6:1–22 relata como o rei Davi participou da dança pública e foi arguido por sua esposa por parecer um tolo.

Os Salmos 26:6; 42:4; 48:12–14; 68:24–27 e 118:19 descrevem procissões em que os adoradores marchavam para dentro e para fora do templo e pela cidade como um ato de louvor.

Os Salmos 46:8–10; 48:8 e 66:5 sugerem que os atos de Deus poderiam ser reencenados durante a adoração para ensinar sobre o Seu poder; o Salmo 26:6 mostra que ações simbólicas tinham um papel na adoração. Falamos sobre o papel da criatividade e das artes na adoração na Parte Nove.

Oração

O Novo Testamento registra que havia horários regulares de adoração no templo, mas esses horários não são mencionados no Antigo Testamento, mesmo assim a oração sempre foi parte vital da adoração em Israel.

Por todo o Antigo Testamento se vê claramente que pessoas comuns como Ana podiam trazer os seus problemas a Deus – bem como profetas e reis. Vemos isso em 1Samuel 1:1–18; 1Reis 8: 22–61 e 18:36,37.

Deuteronômio 26:5–10 mostra que ‘a Lei’ continha orações a serem usadas em ocasiões especiais, e o livro de Salmos contém muitas orações que eram usadas por indivíduos e grupos de adoradores.

1Samuel 1:26; 1Reis 8:22, 54; Salmo 5:7; 51:17; 63:4 e Isaías 1:15 mostram que diversas posições corporais eram usadas na oração: A atitude interior era sempre mais importante do que a postura exterior.

Horários para a adoração

A adoração do Antigo Testamento incluía o modo que as pessoas viviam, bem como o que faziam nos lugares santos. Deus estava disponível ao Seu povo o tempo todo, e em todo lugar, assim os santuários locais, tabernáculos e templo estavam sempre abertos para as pessoas usarem na adoração.

Contudo, havia horários regulares especiais em que as pessoas paravam de trabalhar para reunirem-se e celebrarem a graça e a bondade de Deus.

O Sábado

A palavra hebraica *sabbat* significa ‘cessação’ ou ‘descanso’, e Gênesis 2:2; Êxodo 20:11 e 31:17 afirmam que Deus ‘descansou’ de Sua obra da criação e foi ‘renovado’.

O princípio sabático do Antigo Testamento referente à interrupção do trabalho um dia por semana se baseia no exemplo pessoal do descanso sabático de Deus. É claro, Deus não era um trabalhador cansado que precisava de descanso; Sua ação imprimiu à humanidade um exemplo importante a seguir. Êxodo 23:12 e 34:21 mostram que o Sabat começou como um dia de descanso em que todos – inclusive escravos e estrangeiros – podiam renovar-se para o trabalho.

Parece que a adoração era parte desse processo sabático de renovação. Passagens como Levítico 19:30; Números 28:9,10; 2Reis 11:5–8; Isaías 1:13; 2:11; Jeremias 17:21,22 e Amós 8:5 descrevem o que acontecia no *Sabat*, e mostram que as atividades nem sempre agradavam a Deus.

Para os judeus, o *Sabat* era um dia para refletir sobre as raízes nacionais, celebrar a grandeza de Deus e renovar o compromisso com a fé pactual. É por isso que a Lei, Êxodo 20:8–11, ordena ao povo de Deus que observe o Sabat e dedique o dia inteiro a *Javé*.

Êxodo 31:12–17 e Deuteronômio 5:13–15 descrevem o ensinamento bíblico sobre o *Sabat*, e Isaías 58:13,14 mostra que devia ser um dia de celebração feliz.

A Páscoa

O povo de Deus se recordava continuamente do livramento da escravidão no Egito. Eles marcavam esse dia com uma comemoração anual que realizavam em suas casas. Essa comemoração celebrava o modo que o relacionamento de pacto ou aliança de Deus com eles fora evidenciado nos episódios do êxodo.

Primeiro, sacrificava-se um cordeiro na casa de cada família e a festa era celebrada de modo inteiramente privado. Mais tarde, porém, sacrificavam cordeiros no templo com todo o esplendor de uma grande ocasião espiritual, e então eram comidos em casa, em celebrações da família – isso enfatizava o elo entre os elementos *nacionais* e *familiares* da libertação do êxodo.

Essa festa era considerada tão importante que havia uma cláusula especial que qualquer um que perdesse a Páscoa, porque estava ritualmente impuro, poderia celebrá-la um mês após a data correta. Passagens como Números 9:1–4; Deuteronômio 16:1–8; 2Reis 23:21,22; 2Crônicas 30:1–27 e 35:1–19 ilustram o lugar que a Páscoa tinha na adoração no Antigo Testamento.

Festas da colheita

O Antigo Testamento menciona três festas solenes que parecem ter sido relacionadas com o ano agrícola. Contudo, as Escrituras as relacionam mais com os grandes eventos da história de Israel do que com o ciclo das estações.

O *pão ázimo* se relacionava à colheita de cevada, mas era celebrado na mesma época do ano que a Páscoa. Isso significava que as duas festas eram intimamente ligadas e comemoravam juntas a fuga do Egito. Vemos isso em Levítico 23:9–14 e Números 28:16–25.

Os Sete Dias ou *Pentecostes* comemoravam o fim da colheita de trigo e se faziam ofertas especiais em todos os santuários. Com o tempo, isso se tornou a festa de quando o povo de

Deus celebrava a entrega da Lei no Monte Sinai. Vemos isso em Números 28:26–31; Levítico 23:15–21 e Deuteronômio 16:12.

A *feira das cabanas* ou *tabernáculos* era no final da estação de cultivo, e eles celebravam a colheita do fruto. Era uma festa particularmente alegre, e os adoradores habitavam em cabanas frágeis por sete dias – em parte porque era o que os fazendeiros faziam para proteger as suas plantações, mas principalmente para lembrar a jornada de seus ancestrais pelo deserto, quando então dormiam em tendas precárias.

Essa festa celebrava a fé actual de Israel, e muitos estudiosos acreditam que ela incluía um momento em que as pessoas se dedicavam novamente às demandas da Lei e da aliança de Deus. Vemos isso em Êxodo 24:7; Levítico 23:33,44; Deuteronômio 16:13–17; 27:9,10; 31:9–13; Josué 24:1–28 e Neemias 8:13–18.

Outras festas

Todo ano, o povo de Deus também celebrava outras três festas importantes, que não eram relacionadas ao ano agrícola.

Trombetas – o dia das trombetas é mencionado em Números 29:1 e Levítico 23:24. Era chamado de ‘memorial com sonidos de trombetas’ e ‘um sabat’. Nesse dia, o povo de Deus descansava do trabalho, adorava com seus sacrifícios e celebrava a sua cidadania.

Purim – esta festa foi adicionada posteriormente ao ano religioso judeu, e está descrita em Ester 9. Foi estabelecida por Mardoqueu para celebrar o incrível livramento que os judeus tiveram das conspirações de Hamã, e era um dia de festa, gozo e brincadeiras.

Expição – o dia da expiação está descrito em Levítico 16. Era um sacrifício nacional anual – em contraste aos sacrifícios *individuais* regulares pelo pecado. Era o dia mais importante no ano judeu, e a única ocasião em que ‘o santo dos santos’ era adentrado, e somente pelo sumo sacerdote.

O sumo sacerdote tomava dois carneiros para expiar pelos

pecados de todo o povo de Israel. Ele matava um carneiro e aspergia o sangue sobre o altar. Em seguida, colocava as duas mãos sobre a cabeça do outro carneiro, confessava toda a perversidade e rebelião do povo de Deus e conduzia o carneiro ao deserto para que ‘levasse sobre si’, simbolicamente, os pecados para longe. Analisamos a festa integralmente no volume *Salvação pela Graça*.

Adoração variada

Vimos que a adoração no Antigo Testamento era uma experiência muito variada, mas não incluía a pregação.

Neemias 8:7–9 mostra que depois do retorno do exílio, a Lei era explicada durante a adoração, mas a ênfase principal naqueles dias era sempre o louvor e celebração.

A adoração era a resposta do povo a Deus, visto que Ele se fizera conhecido por meio dos eventos da História e na experiência cotidiana deles. À medida que adentravam os santuários, eles eram lembrados da bondade de Deus no passado e assim recebiam esperança renovada para as suas vidas. Entretanto, eles também eram desafiados pela santidade de Deus na medida em que enfrentavam a necessidade de arrependimento e perdão e ofereciam sacrifícios para garanti-los.

Com o passar do tempo, a natureza repetitiva de grande parte da adoração no Antigo Testamento levou os profetas a questionarem a sua eficácia e a vê-la meramente como um estágio no caminho de um relacionamento pactual mais íntimo e profundo com Deus.

Profetas, sacerdotes e reis

O sistema de adoração formal no Antigo Testamento precisava de alguns agentes de tempo integral para cuidar dos locais de adoração e para administrar o que ocorria. As Escrituras se referem muitas vezes aos porteiros, músicos e outros obreiros qualificados que serviam no templo; mas os reis, sacerdotes e profetas eram as figuras-chave da adoração em Israel.

Reis

Em toda a história de Israel e Judá, os reis desempenhavam um papel importante na adoração pública. Por exemplo, os reis:

- Fundaram centros de adoração – 2Samuel 6:17; 24:25; 1Reis 5:1 – 6:14; 12:26–33 e Amós 7:13
- Assumiram a responsabilidade pela criação de política religiosa – 1Reis 15:11–15; 2Reis 1: 1–18; 16:1–18; 18:1–7; 21:1–9 e 22:3–23:23
- Dirigiram a adoração – 1Samuel 13:8–10; 14:35; 2Samuel 6:1–19; 24:25; 1Reis 3:3,4; 8:14–66; 12:32 – 13:1; 2Reis 16:1–16 e 19:14–19

Sacerdotes

Após o exílio e final da monarquia, os sacerdotes se tornaram líderes políticos, mas as suas funções espirituais ainda eram a parte mais importante do trabalho. A Bíblia mostra que os sacerdotes:

- Cuidavam dos santuários em toda a terra – Juízes 17:1–13; 1Samuel 1–3:21 e Amós 7:10–13
- Davam conselho quando consultados – 1Samuel 9:3–16
- Davam instruções acerca da adoração – Levítico 10:8–11; 13:1–8; Ezequiel 22:26; 44:23 e Ageu 2:11–14
- Celebravam os sacrifícios e aspergiam o sangue sacrificial no altar – Levítico 1:1–7:38; Números 15:1–31 e 28:1–29:40
- Eram os guardiões da arca e da Lei – Josué 3:6–17 e 4:9–11
- Mediavam entre Deus e as pessoas – Números 6:22–26 e 1Samuel 1:17

Essa função como mediador era a mais típica do papel religioso. Por serem consagrados de maneira especial a Deus, os sacerdotes podiam lidar com a santidade de um lugar de adoração. Por intermédio da mediação do sacerdote, Deus e as pessoas eram unidos de um modo tangível na adoração.

Os sacerdotes eram os únicos que ministravam exclusivamente para Deus. Êxodo 19:4–6 mostra que o propósito supremo de Deus era ter uma nação inteira de sacerdotes que vivessem para

o louvor de Sua glória. Esse ministério foi prefigurado pelo chamado dos sacerdotes para servirem continuamente no santuário.

Quando os sacerdotes operavam corretamente no templo e nos tabernáculos, a glória de Deus era revelada e Sua presença santa se manifestava no santuário. Vemos isso, por exemplo, em Êxodo 40:34–35 e 2Crônicas 5:13,14.

Os sacerdotes eram chamados à presença de Deus, e esse ainda continua sendo o objetivo de toda a adoração verdadeira. Quando os sacerdotes ofereciam a Deus a adoração que Ele buscava, a nação inteira recebia a Sua manifestação e bênção. Como vemos no volume *Glória na Igreja*, temos essa função hoje. Porém, enquanto o ofício do sacerdócio era reservado a uma tribo e família na Aliança Antiga, agora ele é o chamado de todos os crentes na igreja.

A glória do Senhor e as bênçãos de Sua presença fluem à medida que cumprimos a nossa função sacerdotal de oferecer louvor e adoração contínuos ao Deus Todo-poderoso.

Profetas

Alguns crentes modernos parecem pensar que os sacerdotes e profetas se opunham entre si, que os sacerdotes se preocupavam apenas com um ritual sem sentido, e que os profetas traziam a mensagem divina doadora de vida. Porém, Jeremias 18:18 mostra que os sacerdotes e profetas se complementavam.

Ao mesmo tempo em que é verdade que alguns profetas criticavam a formalidade morta – como em Isaías 1:10–17; Amós 5:21–24; Oseias 6:6 e Miqueias 6:6–8 – eles também estavam envolvidos com a adoração organizada da nação. Por exemplo:

- Sacerdotes e profetas trabalhavam lado a lado – Jeremias 5:31; 23:11; 26:7, 16; 29:26; Lamentações 2:20 e Zacarias 7:1–3
- Alguns profetas tinham uma sala no templo – Jeremias 35:3,4
- Os profetas geralmente entregavam as suas mensagens no contexto da adoração organizada e as relacionavam muitas vezes às festas principais

- Alguns profetas eram membros de famílias sacerdotais – Jeremias 1:1 e Ezequiel 1:1
- Alguns Salmos inferem que alguém falava no nome de Deus durante a liturgia de adoração e outros contêm mensagens que vieram diretamente de Deus– Salmo 12:5; 81:5–16; 85:9–13 e 91:14–16

É interessante perceber que as pessoas que são identificadas como ‘levitas’ pelo autor de 2Crônicas 34:30 são as mesmas que são chamadas de profetas pelo autor de 2Reis 23:2. Tanto no livro 1 como no livro 2 de Crônicas, esses ‘levitas’ sempre recebem funções expressamente proféticas, inclusive a declaração das mensagens em nome de Deus durante a adoração – Vemos isso, por exemplo, em 1Crônicas 25:1–6 e 2Crônicas 20:13–19.

As pessoas

A maioria dos adoradores não era profeta, sacerdote ou rei, a maioria era trabalhador e trabalhadora simples nas pequenas cidades e vilarejos de Israel. A maior parte do Antigo Testamento nos diz pouco acerca dos detalhes precisos da adoração; um livro, porém, se sobressai e é fundamental para a nossa compreensão da adoração de pessoas comuns – e para a nossa adoração hoje.

O livro de Salmos parece um relato detalhado das atividades de adoração no templo de Jerusalém no período de reis, antes do exílio na Babilônia. Esse livro extenso do Antigo Testamento é tão básico para a adoração bíblica em espírito e em verdade que agora prosseguiremos analisando-o com mais detalhe.

Parte Quatro

A Adoração nos Salmos

O livro dos Salmos no Antigo Testamento – literalmente ‘canções de louvor’, *tehillim* – contém 150 peças de poesia espiritual organizadas em cinco coleções de ‘minilivros’ – 1–41; 42–72; 73–89; 90–106 e 107–150. O fim de cada uma dessas cinco coleções – por exemplo, 41:13 – é marcado por uma ‘doxologia’, por uma frase formal de louvor a Deus. O Salmo 150 parece uma doxologia a todo o livro de Salmos.

A maior parte dos estudiosos acha que os Salmos foram organizados nesses cinco livros, de modo que pudessem ser usados na adoração do templo restaurado, que foi construído em Jerusalém por Neemias após o retorno do exílio.

Salmos como o 137 e 126 devem ter sido escritos naquela época, mas a maior parte dos outros teria sido escrita muito antes do exílio, durante a época dos reis. Isso significa que eles nos mostram como o povo de Israel estava adorando seu Deus mil anos antes de Cristo nascer.

As cinco coleções devem ter sido escolhidas a partir de coleções mais antigas e separadas – talvez de ‘hinários’ do Asafe (50 e 73–83), Corá (42, 49, 84–85 e 87–88) e Davi (3–41 e 51–72), e a partir de ‘letras de músicas’ para ocasiões especiais como a peregrinação anual a Jerusalém (120–134) e a refeição pascal em família (105–107, 111–118, 135–136 e 146–150).

O fato de que alguns Salmos são réplicas uns dos outros parece provar que deve ter havido diversas coleções paralelas no início, por exemplo, os de número 14 e 53; 40:13–17 e 70; 108, 57:7–11 e 60:5–12.

Analisamos a grande importância da compreensão do nome de Deus no volume *Conhecendo o Pai*. Tal importância é especial em Salmos, pois esse livro revela mais detalhe a respeito do nome e natureza de Deus do que qualquer outra parte da Bíblia. De fato, parece que as cinco coleções bíblicas de Salmos provavelmente foram construídas em torno do nome de Deus: por exemplo, os livros um, quatro e cinco focam quase que inteiramente a adoração a *Javé*, enquanto os livros dois e três se concentram em adorar a *Elohim*.

Títulos de Salmos

Na maioria das Bíblias inglesas, quase todos os Salmos parecem ter um título. Embora não fossem parte dos Salmos bíblicos originais, esses títulos preservam as ideias judaicas tradicionais a respeito deles.

Alguns títulos contêm instruções musicais; por exemplo, *Mich-tam* nos Salmos 56 a 58 provavelmente signifique ‘cantar em voz baixa’. Outros títulos estipulam o tom a ser usado; por exemplo, 56, ‘a pomba nos terebintos distantes’, 57, ‘não destruas’, 60, ‘os lírios do testemunho’. E alguns títulos descrevem os instrumentos especiais que deveriam ser tocados – por exemplo, 4, 5 e 6.

Alguns títulos vinculam o Salmo a uma pessoa específica; por exemplo, 88, Hemã, 89, Etã e 90, Moisés. Outros títulos identificam o tipo de Salmo, por exemplo, 145, louvor, 100, ação de graças, 89, contemplação, 90, oração, 45, canção de amor e assim por diante. Outros títulos relacionam o Salmo a um evento específico – por exemplo, 50, 51, 54, 56 e 57.

Salmos de Davi

Não sabemos o que significa alguns dos títulos tradicionais. Por exemplo, a frase ‘um Salmo de Davi’ (que aparece no título de 73 Salmos) poderia, às vezes, significar que foi escrito para Davi, outras, que foi escrito por Davi e eventualmente, que fazia parte de uma coleção publicada pelo palácio.

O texto em 1Samuel 16:16–23 relata que Davi era um músico e poeta talentoso, e 1Crônicas 25:1–8 mostra seu grande interesse na música profética, por isso é certamente provável que ele

tenha escrito muitos dos Salmos que lhe são tradicionalmente atribuídos. De fato, o Salmo 18 é simplesmente uma versão revisada de seu poema em 2Samuel 22.

Diversos Salmos são intimamente relacionados a eventos específicos da vida de Davi, e parecem expressar os seus sentimentos pessoais e respostas a Deus, por exemplo:

- Salmo 59 com 1Samuel 19:11–24
- Salmo 34 com 1Samuel 21
- Salmo 57 e 142 com 1Samuel 22:1–5 e 24:3–15
- Salmo 52 com 1Samuel 22
- Salmo 54 com 1Samuel 23:19–29
- Salmo 63 com 1Samuel 24:1,2, 22 e 2Samuel 15:13–37
- Salmo 60 com 2Samuel 8:13
- Salmo 32 e 51 com 2Samuel 11–12
- Salmo 3 com 2Samuel 15:13–37
- Salmo 18 com 2Samuel 22

Tipos de Salmos

Os Salmos parecem expressar toda a gama dos sentimentos humanos e experiências, desde a depressão profunda até um êxtase de felicidade. Alguns Salmos (como o 145 ao 150) são hinos maravilhosos de louvor a Deus, e são canções que podem ser usadas por adoradores que estão em paz com Deus e com o mundo. Outros Salmos, contudo, refletem os momentos escuros e dolorosos da experiência humana.

Alguns (como 51 e 130) são para adoradores que reconhecem que a culpa pessoal é a causa de seu problema. Enquanto outros (como 13 e 71) são para adoradores que pensam que são inocentes e não deveriam estar sofrendo de jeito nenhum.

Muitos Salmos (como 44, 74, 80 e 83) permitem à nação inteira responder a Deus em conjunto numa época de incerteza ou desastre. Alguns (como 45) ajudam as pessoas a celebrarem juntas em um grande evento como em uma coroação ou um casamento real. Enquanto outros (como 30, 92 e 116) são canções que possibilitam aos indivíduos expressarem a sua gratidão a Deus ao serem livrados de uma prova pessoal.

Há Salmos que imploram a Deus e Salmos que O louvam. Há apelos por perdão e apelos pela destruição de inimigos; orações pelo rei e orações pela nação. Há Salmos que indagam os problemas da vida e Salmos que celebram a grandeza da Lei de Deus. Muitos Salmos são uma mistura de diversos temas, mas foram todos parte da vida de adoração do povo de Deus.

Poemas hebraicos

Se quisermos entender corretamente os livros dos Salmos e usá-los de modo proveitoso na adoração de hoje, devemos perceber que se trata de uma coletânea de poemas hebraicos inspirados que devia ser usada na adoração. Os Salmos não são sermões para se ler, nem teses doutrinárias para serem discutidas; são canções para serem cantadas. De fato, a maioria dos estudiosos considera o livro como o hinário de cinco volumes do segundo templo.

Muitas pessoas em nossos dias acham que a poesia é um tanto remota e intelectual. A poesia hebraica, contudo, estava muito mais próxima da oratória moderna do que a poesia moderna. Por exemplo, Juízes 5:30 utiliza a *reiteração* para tornar a passagem memorável e impressiva de modo muito semelhante ao que Winston Churchill utilizou em seus discursos clássicos da época da guerra.

A poesia hebraica difere da nossa basicamente pelo uso do *paralelismo* – o eco do pensamento de uma linha em uma segunda que lhe é par – por exemplo, Números 23.19. Esse dispositivo comunica, de alguma forma, grande dignidade e cria uma impressão de espaço que permite tempo para o pensamento impactar o ouvinte. Também permite ao poeta apresentar mais de uma faceta de uma mesma questão, como em Isaías 55:8.

Alguns aspectos da poesia hebraica se perdem completamente na tradução. O Salmo 119, por exemplo, é um poema alfabético com 22 seções de uma mesma largura (oito versos modernos), em que cada uma começa com as 22 letras do alfabeto hebraico – Salmos 34, 111, 112 e 145 usam o mesmo mecanismo.

O paralelismo e o uso do *refrão* (como 46 e 136) sobrevivem à tradução em qualquer língua e são usados ao longo dos Salmos

a fim de nos oferecer palavras poéticas para adoração que são tão poderosas, relevantes e memoráveis nos dias de hoje como eram três mil anos atrás, quando foram escritas pela primeira vez em louvor a Deus.

Hinos de louvor

Embora possamos dizer que todo Salmo é um poema para adoração, há três formas comuns: *hinos*, *lamentações* e *ações de graças*.

Os Salmos 8, 19, 29, 33, 46–48, 76, 84, 87, 93, 96–100, 103–106, 113–114, 117, 122, 135–136 e 145–150 são exatamente hinos de louvor, bem semelhantes aos que ainda cantamos hoje.

Normalmente, os Salmos que são hinos começam com um convite para louvar a Deus. O corpo do hino sugere alguns motivos para louvar e também algumas das maravilhas de Deus na criação e/ou história (especialmente em Sua obra de salvação para o povo). Um hino normalmente termina repetindo-se o convite aberto ou encerrando-se com uma breve oração.

Alguns hinos (por exemplo, 46, 48, 76, 84, 87 e 122) focam as glórias da cidade santa, Sião ou Jerusalém, e a apresentam profeticamente como o lugar da habitação de Deus e o objetivo da peregrinação. Outros hinos (por exemplo, 47, 93 e 96 a 98) usam linguagem profética para celebrar a soberania universal e reinado absoluto de Deus.

Lamentos sobre o sofrimento

Um grupo inteiro de Salmos se refere diretamente a Deus, em vez de descrever e aclamar as Suas glórias.

Tipicamente, estes lamentos poéticos começam invocando a Deus; depois se adiciona um apelo por ajuda, uma oração ou uma expressão de confiança Nele. O corpo principal do Salmo normalmente descreve os infortúnios dos adoradores em imagens que eram relevantes para aqueles dias – por exemplo, águas do abismo, serpentes da morte, bestas selvagens, ossos quebrados, frequência cardíaca descontrolada etc.

Alguns desses lamentos (como 7, 12 e 26), contêm protestos de inocência ou queixas acerca da aparente ausência de Deus, ou esquecimento (como 9,10, 22 e 44). Outros expressam confiança em meio aos problemas (como o 3, 5, 42,43, 55 a 57, 63 e 130).

Alguns lamentos compõem-se de um longo apelo a Deus – por exemplo, 4, 11, 16, 23, 62, 121, 125 e 131. Muitos encerram com um reconhecimento de que o apelo foi ouvido, e com ação de graças pela resposta de Deus (como em 6, 22, 69 e 140).

Algumas lamentações expressam essencialmente o desespero *coletivo* em uma catástrofe nacional (como 12, 44, 60, 74, 79, 80, 83, 85, 106, 123, 129 e 137), e imploram que Deus salve e restaure o Seu povo.

Entretanto, a maioria expressa desespero *individual* acerca dos problemas da morte, perseguição, exílio, velhice, doença, calúnia e assim por diante. Salmos como o 3, 5–7, 13, 17, 22, 25, 26, 28, 31, 35, 38, 42,43, 51, 54–57, 59, 63–64, 69–71, 77, 86, 102, 120, 130 & 140–143 foram escritos para expressar necessidades individuais – muito embora fossem cantados quase sempre coletivamente.

Canções de ação de graças

Embora algumas lamentações terminem com a gratidão a Deus, diversos Salmos têm como tema principal a ação de graças – por exemplo, 18, 21, 30, 33, 34, 40, 65–68, 92, 116, 118, 124, 129 e 138:144.

Enfatizo, alguns desses Salmos expressam ação de graças *coletiva* por uma colheita bem-sucedida ou por um perigo nacional que foi evitado, enquanto outros expressam ação de graças *individual* pela resposta pessoal de Deus.

Não se trata de divisões exatas, pois alguns Salmos transitam de um formato a outro. Por exemplo, o 89 começa como um hino de louvor, passa para um poema profético longo e termina com um lamento; o 119 é tanto um hino de louvor à Lei como um lamento individual; e alguns lamentos são precedidos de oração (27 e 31) ou seguidos por ação de graças (28 e 57).

Salmos proféticos

O texto de 1Crônicas 25:1–3 mostra que a música profética, o louvor profético, a ação de graças profética e os Salmos proféticos eram parte integrante da adoração durante o reinado do rei Davi.

Alguns Salmos incluem ditados proféticos enquanto outros são profecias ampliadas em forma de música – por exemplo, 2, 50, 75, 81–82, 85, 95 e 110. Parece provável que esses Salmos eram profecias entregues durante um culto no templo, por um profeta, e depois usadas regularmente na adoração.

Os Salmos que são hinos de louvor referentes à cidade santa e ao reino de Deus são claramente proféticos, pois remetem a um tempo de renovo futuro – o qual veio a ser chamado de ‘era messiânica’.

Os Salmos proféticos mais importantes, contudo, são os ‘Salmos reais (do rei), que estão espalhados pelos cinco livros. Estes incluem:

- Pronunciamentos dirigidos ao rei – 2 e 110
- Orações pelo rei – 20, 61 e 72
- Ações de graças pelo rei – 21
- Orações do rei – 18, 28, 63 e 101
- Uma canção da procissão real – 132
- Um hino do rei – 144
- Um cântico do casamento real – 45

Por um lado, estes Salmos simplesmente se referem a um rei específico de Israel ou Judá, da época dos reis, e os Salmos 2, 72 e 110 poderiam até ter sido compostos como hinos para serem cantados em uma coroação. Contudo, eles também apontam para além do rei daqueles dias, pois alegam que este rei é um filho de Deus, que o seu reino é eterno e alcança até os confins da terra, que ele estabelecerá paz e justiça permanentes e que será o salvador de seu povo.

Cantar esses cânticos regularmente mantinha a esperança viva de que as promessas feitas a Davi seriam cumpridas – analisamos este aspecto nos volumes *Salvação pela Graça* e *Conehecendo o Filho*. O fato de eles ainda serem cantados muito tempo depois do fim da monarquia mostra que Israel esperava

ansiosamente por um rei, pelo *Messias*, o qual cumpriria essas profecias.

O *Messias* não é mencionado pelo nome em nenhum dos Salmos, mas os judeus acreditavam que Ele estava prefigurado neles. E os autores do Novo Testamento estavam convencidos de que esses Salmos se aplicavam a Jesus como o *Messias* há muito profetizado.

Salmos como o 2, 72 e 110 apresentam um rei/sacerdote/juiz ideal, o qual nunca foi percebido em qualquer um dos reis de Israel ou Judá. Somente o *Messias* combina essas funções no reino eterno e universal de paz e justiça profetizado na poesia.

Outros Salmos proféticos retratam o sofrimento humano em termos que parecem exagerados em relação a uma experiência comum, mas que provaram ser descrições extraordinariamente precisas dos sofrimentos reais de Cristo.

Sob a inspiração de Deus, os poetas proféticos escolhiam palavras repletas de grande significação. O Salmo 22, que Jesus citou na cruz, em Mateus 27:46, é o exemplo mais impressionante: O versículo 16 pode ser visto claramente em João 20:25 e o versículo 18 em Marcos 15:24. O Salmo 69:21 é outro exemplo e remete a Mateus 27:34 e 48.

Os autores do Novo Testamento alegam que muitos Salmos apontam profeticamente para Jesus, por exemplo:

- Salmo 2:7 – Atos 13:33
- Salmo 8:6 – Hebreus 2:6–10.
- Salmo 16:10 – Atos 2:27 e 13:35
- Salmo 22:8 – Mateus 27:43
- Salmo 40:7,8 – Hebreus 10:7
- Salmo 41:9 – João 13:18
- Salmo 45:6 – Hebreus 1:8
- Salmo 69:9 – João 2:17
- Salmo 110:4 – Hebreus 7:17
- Salmo 118:22 – Mateus 21:42
- Salmo 118:26 – Mateus 21:9

Alguns estudiosos creem que muitos mais Salmos apontem para Jesus do que apenas os 'reais'. Por exemplo, eles argumen-

tam que os Salmos 8, 16, 22, 35, 40, 41, 68, 69, 97, 102, 118 e 119 antecipam Cristo de algum modo; e defendem que todos os Salmos acerca da cidade santa e do reino de Deus se aplicam à mente e missão de Cristo.

Áreas com problemas

Muitos crentes se regozijam em muitas partes dos Salmos, mas se retraem em relação a outras. Por exemplo, no Salmo 139, eles apreciam os versículos 1 a 18 e 23,24, mas se aterrorizam com os versículos 19 a 22.

Parece haver dois problemas especiais nos Salmos:

- Autojustificação
- A tendência de anunciar uma vingança terrível

Não podemos ignorar as seções difíceis, pois elas são parte da Palavra de Deus e estão com passagens que ninguém questionaria. E não podemos explicá-las simplesmente dizendo que os autores não sabiam de Jesus. Eles possuíam a Lei de Deus; sabiam que ninguém era perfeito pelos Seus padrões; sabiam que deveriam se comportar de maneira amável para com os outros, até mesmo com os seus inimigos; e sabiam que a Lei estabelecia limites estreitos quanto à retaliação.

Autojustificação

Precisamos perceber que os autores dos Salmos faziam alegações *comparativas* e *não absolutas* à retidão: Eles se comparavam com as pessoas em redor em vez de se comparar com Deus. Ao assim fazer, eles reconheciam a diferença essencial entre pessoas que tentam obedecer a Lei e fazer a vontade de Deus e aqueles que ignoram Sua Lei e vontade.

Os autores, contudo, estavam bem conscientes de seu pecado pessoal quando se comparavam aos padrões de Deus: Vemos isso principalmente nos sete Salmos ‘penitenciais’ – 6, 32, 38, 51, 102, 130 e 143. O arrependimento profundo existe em paralelo à autojustificação nos Salmos tanto quanto nesses crentes modernos, que fitam o mundo com horror e fitam Deus com uma mescla de reverência, temor e maravilhamento.

Também precisamos compreender que os autores muitas vezes estavam apresentando-se como ‘pleiteantes indignados’, que colocavam a sua causa diante de Deus como juiz. O tom que usavam pode fazer tremer os nossos ouvidos modernos, mas o ponto de vista está correto.

Vingança

Diversos Salmos amaldiçoam o perverso e reivindicam vingança contra ele, e a reação de alguns crentes a esses Salmos é condená-los como totalmente ‘não cristãos’. Precisamos reconhecer, contudo, que os autores conheciam Deus como um ser perfeitamente santo, que não podia olhar para o mal e não podia tolerar nenhum delito. Seus pleitos por vingança se baseavam no entendimento que possuíam do nome e caráter de Deus: Eles pensavam corretamente que Sua natureza demandava uma resposta vigorosa, punitiva ao pecado.

Os autores não queriam que Deus matasse o perverso porque este os tinha perturbado; eles queriam que Deus os matasse porque tinha de agir de modo coerente com a própria santidade – analisamos esse aspecto plenamente nos volumes *Conhecendo o Pai* e *Salvação pela Graça*.

Também precisamos reconhecer que os autores eram realistas em reconhecer que o certo não pode triunfar sem a derrota verdadeira do mal e a punição enérgica do erro. Se nos sentimos à vontade para orar ‘venha o Teu reino’, não deveríamos nos sentir incomodados de cantar um Salmo que explica o que isso significa na prática! Muitas dessas passagens intituladas ‘difíceis’ simplesmente prefiguram profeticamente o livro de Apocalipse.

A adoração e os Salmos

Vimos que o livro de Salmos é o hinário do Antigo Testamento. Está repleto de cânticos espirituais que o povo de Deus usou em oração, adoração e ação de graças por mais de mil anos.

Todas as festas importantes de Javé eram celebradas com cânticos e dança, como em Juízes 21:19–21 e 2Samuel 6:5–

16. Ainda, Amós 5:23 registra que até os sacrifícios eram oferecidos com cântico.

Temos visto que muitos dos Salmos apresentam instruções musicais ou litúrgicas nos títulos, e que a palavra misteriosa, *selá*, direcionava claramente o modo que o Salmo era usado na adoração pública. Ninguém sabe o que significa *selá*, por exemplo, no Salmo 66:4, 7, 15; 68:7, 19, 32; 89:4, 37, 45, 48; 140:3, 5 e 8.

Alguns argumentam que ela incentivava a congregação a cantar mais alto, enquanto outros sustentam que a direcionava a parar de cantar por um momento enquanto os músicos tocavam uma música 'tema'.

Os Salmos 20, 26, 27, 66, 81, 107, 116, 134 e 135 referem-se diretamente à adoração pública. Está claro que esses Salmos – e o 48, 65, 95, 96 e 118 – eram cantados nos pátios do templo, e que o 84 e 120 a 134 têm grandes chances de terem sido cantados por adoradores a caminho das reuniões no templo.

Alguns Salmos (como os 125, 128,129) foram claramente adaptados para a adoração pública pela adição de bênçãos, enquanto outros são designados ao uso em ocasiões específicas – por exemplo, Salmo 92 no Sabat e Salmo 30 na festa da dedicação.

O valor dos Salmos

Os Salmos eram a 'ferramenta' básica de adoração do povo de Deus no Antigo Testamento. Deus inspirava as pessoas a escrever palavras que ajudassem os Seus filhos a se aproximarem Dele, independente de qual fosse a situação.

Os Salmos também foram cantados e usados por Jesus, por Seus discípulos, por Paulo, pelos apóstolos e membros da igreja primitiva. Algumas das grandes canções de louvor do Novo Testamento se espelham nos Salmos – como em Lucas1:46–55, 68–79 e 2:29–32.

Os Salmos inspiravam os apóstolos quando eles eram perseguidos e eram parte integrante de sua mensagem – Vemos isso,

por exemplo, em Atos 2:25–28; 4:25–26 e 13:33. E a igreja primitiva usava os Salmos para explicar suas crenças principais acerca de Jesus – como em Hebreus 1:6, 10–13; 2:6–8; 5:6 e 10:5–7.

Ao longo das eras, os cristãos adotaram os Salmos, interpretaram-nos à luz da cruz e os usaram na adoração pública e particular. Na maioria das tradições cristãs atuais, pelo menos um Salmo é lido ou cantado na adoração pública em cada culto.

De algum modo, esses cânticos de louvor, lamento e ação de graças, de três mil anos de idade, parecem ter relevância universal, pois expressam a atitude que todos os adoradores deveriam ter em relação a Deus.

Porém, os Salmos têm um significado ainda mais profundo para crentes cristãos, pois agora podemos usá-los para louvar e agradecer a Deus por se revelar plenamente em Jesus, por nos redimir em Cristo, e por nos ungir com o Seu Espírito. As esperanças que eram cantadas no início dos cultos em Israel foram cumpridas, pois o Messias veio, Ele verdadeiramente reina e nós nos reunimos para adorá-Lo.

Parte Cinco

A Adoração no Novo Testamento

Os quatro Evangelhos mostram que Jesus e os Seus discípulos continuaram o padrão de adoração do Antigo Testamento ao observarem o Sabat, celebrarem as festas, cantarem os Salmos e adorarem no Templo em Jerusalém e nas sinagogas locais.

Mateus 4:23; 9:35 e Marcos 1:21 relatam que Jesus ensinava nas sinagogas de todas as cidades e vilarejos da região.

Lucas começa e encerra o seu Evangelho no templo – Lucas 1:5–1 e 24:5–53. Ele mostra como Deus revelou a Sua Palavra e vontade no templo quando Jesus foi apresentado – 2:22–38; e enfatiza o envolvimento de Jesus com a adoração na sinagoga e no templo – 4:1–38, 44; 6:6; 13:10 e 20:1.

João fundamenta todo o seu Evangelho em torno das festas judaicas e divide a vida de Jesus em períodos definidos. Após descrever a primeira semana do ministério de Jesus, João comenta os eventos associados à Páscoa (2:13–4:54), uma festa não especificada, mas provavelmente o Purim (5:1–47), uma segunda Páscoa (6:1–71), uma festa dos Tabernáculos (7:1–10:21), uma festa da dedicação (10:22–11:57) e uma terceira Páscoa (13:1–19:4). Vimos no volume *Conhecendo o Filho* que o Evangelho de João se esforça muito em apresentar Jesus como o cumprimento de todas essas festas importantes.

Os textos de Atos 2:46; 3:1, 8; 5:12 e 21 registram que, mesmo após o Pentecoste, os primeiros crentes continuaram a adorar no templo e nas sinagogas. Os capítulos iniciais de Atos descrevem o modo que os primeiros convertidos eram tecidos em uma comunidade que se caracterizava por:

- Adorar no templo
- Ser generosa no dar (analisamos esse aspecto na Parte Sete)
- Reunir-se para comer nas casas uns dos outros

Atos 2:42–47 mostra que a sua adoração se concentrava na oração coletiva e no partir do pão. Essas atividades ajudavam a unir os crentes em uma comunhão unificada e a reconhecer a sua unidade essencial em Cristo – analisamos esse aspecto no volume *Glória na Igreja*.

A ênfase em oração coletiva na adoração pode ser vista em todo o livro de Atos, por exemplo, 1:14,15; 2:42; 3:1; 4:24,25; 6:6; 12:12 e 13:1,2 – e analisamos este aspecto no volume *Oração Eficaz*. Atos não nos diz de que modo os crentes ‘partiam o pão’ ou se isso era uma celebração da Ceia do Senhor’, mas não há dúvida de que eles faziam isso quase todo dia e que estava relacionado à sua presença na adoração no templo.

Entretanto, com o tempo o amargo antagonismo dos judeus para com os discípulos forçou a ruptura entre a igreja primitiva e o judaísmo oficial. O resultado foi que a igreja teve de criar novas formas de adoração que não estivessem baseadas no ritual judaico, no Sabat ou no templo.

A adoração na Igreja primitiva

Embora Atos 2:46 mencione cultos diários, Atos 20:7 sugere que o Dia do Senhor (domingo, o primeiro dia da semana, o dia da ressurreição) havia começado a substituir o Sabat (Sábado, o último dia da semana, o dia de descanso após a criação) como um dia especial de adoração.

O Novo Testamento não menciona quaisquer cultos especiais para comemorar o nascimento, ressurreição ou ascensão de Jesus, ou para celebrar o derramamento do Espírito em Pentecoste; em vez disso – conforme enfatizamos no volume *Conhecendo o Filho* –

a igreja primitiva se concentrava inteiramente em trazer à memória a morte do Senhor na Ceia do Senhor.

É evidente que – após a ruptura com o judaísmo – a igreja primitiva passou a adorar nas casas uns dos outros e ao ar livre. Seus cultos formais eram simples, e parecem ter se constituído principalmente de louvor, oração, ler as Escrituras no Antigo Testamento e ouvir instruções acerca da fé.

Salmos, hinos e cânticos

Em Efésios 5:19, o apóstolo Paulo incentiva os crentes a se falarem com ‘Salmos, hinos e cânticos espirituais’. Podemos presumir que Paulo esteja referindo-se aos Salmos do Antigo Testamento, mas não podemos saber qual é a diferença entre as duas outras categorias.

Pode ser que os ‘hinos’ sejam cânticos conhecidos e familiares, cantados coletivamente, enquanto os ‘cânticos espirituais’ poderiam ser espontâneos, proféticos, inspirados pelo Espírito e cantados individualmente – ou também poderiam ser louvores que são cantados coletivamente em línguas.

O texto de 1Coríntios 14:26 mostra que cantar era parte da adoração regular da igreja e que isso provavelmente obedecia à prática comum das sinagogas judaicas. No volume *Conhecendo o Filho*, nós analisamos Filipenses 2:6–11, Colossenses 1:15–20 e 1Timóteo 3:16. A maioria dos estudiosos sugere que esses são trechos dos primeiros hinos cristãos que louvam e honram a Cristo. Também é possível que Efésios 5:14 seja um verso de outro hino cristão – que incentivava os crentes a agir.

O ministério da Palavra

Embora as cartas de Paulo tenham sido escritas basicamente aos crentes não judeus, aos ‘gentios’, elas contêm muitas alusões às Escrituras judaicas, ao Antigo Testamento.

Por causa disso, parece sensato presumir que a leitura regular das Escrituras (somente o Antigo Testamento na época) era parte crucial da adoração na igreja primitiva. De fato, em 1Timóteo 4:13, Paulo instrui Timóteo a participar da leitura pública das Escrituras, bem como do ensino e pregação.

Num certo momento, os líderes da igreja também começaram a ler publicamente as cartas e os Evangelhos que agora constituem o 'Novo Testamento'. Em 1 Tessalonicenses 5:27, Paulo pede que suas cartas sejam lidas publicamente nas igrejas que ele está abordando, e em Colossenses 4:16, ele exorta essas igrejas a trocar as cartas – e, provavelmente, a lê-las publicamente também.

2 Tessalonicenses 2:15 mostra que Paulo esperava que os crentes mantivessem as tradições que lhes haviam sido ensinadas pelos apóstolos – quer oralmente ou por escrito. E 1 Timóteo 5:18 indica que Paulo já podia se referir a uma fala de Jesus registrada por Lucas como 'Escritura'.

Parece, portanto, que alguns relatos da vida e ensinamento de Jesus já estavam sendo lidos nos cultos da igreja e que deve ter havido algum elemento de ensino ou instrução na adoração da igreja primitiva.

Intimamente ligada à leitura das Escrituras estava a prática de expor a Palavra pela pregação e ensino dentro das assembleias, para fins de adoração pública – Atos 5:42; 15:35 e 20:7. Contudo, embora em passagens como Atos 20:7-11 esteja claro que longas horas de ensino eram parte da adoração da igreja, as cartas de Paulo parecem sugerir que alguns dos ensinamentos eram dados na forma de frases concisas de doutrina que os crentes memorizavam e declaravam em conjunto – podemos chamar essas frases de 'frases confessionais' ou 'declarações de fé'.

Essa tem sido a principal maneira das igrejas tradicionais ensinarem a fé em todas as eras – especialmente a pessoas que têm poucas habilidades na leitura e escrita e pouco acesso à literatura. É a base para a maior parte da liturgia tradicional que ainda é utilizada em igrejas anglicanas e católicas e é um método que muitas igrejas modernas estão começando a redescobrir.

Em passagens como Romanos 10:9 e Filipenses 2:11, Paulo se refere a breves confissões ou declarações, como 'Jesus é Senhor'. E em Romanos 6:17; 1 Coríntios 15:1,2 e Filipenses 2:16 ele parece apontar para um núcleo central do ensino cristão. Muitos estudiosos creem que 1 Coríntios 15:3-8 inclui um exem-

plo de uma ‘declaração de fé’ que os crentes teriam aprendido e recitado durante a adoração.

Em outros textos – por exemplo, Efésios 4:5; Filipenses 1:27; Colossenses 1:5; 2:6,7 e 2 Tessalonicenses 2:12 – Paulo parece usar as frases ‘a fé’ e ‘a verdade’ para apontar para algo mais do que o ato de fé; e em Gálatas 1:8, ele se refere ao ‘meu evangelho’ em contraste a falsos evangelhos.

Tudo isso sugere que a adoração na igreja primitiva incluía afirmações simples de confiança, que ajudavam a edificar a fé, desenvolver a unidade e instruir as pessoas na verdade acerca da morte e ressurreição de Jesus.

Orações

Nós estudamos as orações do apóstolo Paulo – por ele e pelos outros – com certo detalhe no volume *Oração Eficaz*, e vemos a importância das diferentes formas de oração (petição, intercessão, batalha etc.) na vida de Jesus e na igreja primitiva. Também as analisamos no volume *Glória na Igreja*.

Em 1 Coríntios 1:2, Paulo mostra que ‘invocar o nome do Senhor’ em oração é um dos símbolos-chave de crentes cristãos verdadeiros, e ele encoraja as pessoas a continuar persistindo em oração em Colossenses 4:2 e 1 Tessalonicenses 5:25.

O apóstolo Paulo enfatiza notadamente a importância da *ação de graças*. Vemos isso, por exemplo, em 1 Coríntios 14:16; Filipenses 4:6 e Colossenses 4:2. Isso sugere que a oração na adoração realizada na igreja se caracterizava por uma gratidão alegre perante a maravilhosa graça e bondade de Deus em Cristo.

Em passagens como Romanos 8:15; 1 Coríntios 16:22; 2 Coríntios 1:20 e Gálatas 4:6, Paulo parece mostrar que essas palavras não gregas eram amplamente utilizadas na adoração da igreja primitiva (o grego era a língua comum):

- *Amen* – ‘assim seja’ – afirma a confiabilidade das promessas de Deus
- *Maranatha* – ‘ó, vem Senhor’ – afirma a confiança na volta do Senhor
- *Abba* – ‘paizinho’ – afirma a natureza de Deus, o Pai.

Isso sugere que essas palavras aramaicas estavam sendo usadas na adoração pública naquela época, de um modo muito parecido com o que fazemos ainda hoje.

As epístolas de Paulo são cartas de instrução, correção e direção para igrejas muito jovens, e tratam somente em âmbito geral de tópicos da adoração pessoal e pública. Paulo nunca dá quaisquer instruções detalhadas a respeito da adoração, e nunca impõe uma ordem ou forma precisa. Em vez disso, ele simplesmente implora por simplicidade e liberdade na adoração, e compara os seus ensinamentos sobre ética e doutrina com um contexto de adoração.

Particularmente, Paulo ensina bastante sobre ‘batismo’ e ‘a Ceia do Senhor’, e sempre relaciona esses ‘sacramentos’ à adoração pública. Analisamos esses aspectos em detalhe no volume *Glória na Igreja*, mas aqui deveríamos reconhecer que Paulo sempre os define no contexto da adoração pública da igreja primitiva.

Liberdade na adoração

O ensinamento mais completo no Novo Testamento acerca da adoração encontra-se na primeira carta de Paulo à igreja em Corinto. Em 1Coríntios 11:2–14:40, Paulo trata de um conjunto de questões que surgiram na igreja que crescia rapidamente, e se localizava na cidade grega chamada Corinto.

Parece que a igreja estivera tentando colocar os ensinamentos de Paulo em prática, mas três dificuldades práticas tinham surgido – dificuldades que haviam perturbado as congregações por diversas vezes ao longo do tempo:

- Liberdade e adoração
- Princípios morais e adoração
- Dons espirituais e adoração

Liberdade

Parece que o apóstolo Paulo havia ensinado aos crentes da cidade de Corinto as mesmas coisas que ensinara às igrejas na área rural da Galácia. Dois dos argumentos mais básicos de Paulo eram que:

- Em Cristo não há distinções entre classe, raça ou gênero – Gálatas 3:28

- Cristo deu aos crentes uma nova liberdade – Gálatas 5:1

Em termos de adoração pública, isso significa que Paulo permitia que escravos, gentios e mulheres tivessem participação integral em cada aspecto do ministério – o que era totalmente contrário ao costume judeu da época.

O texto de 1Coríntios 11:2 mostra que Paulo transmitira ‘tradições’ nesse sentido à Igreja de Corinto. Parece que os membros da igreja haviam observado essas tradições, mas que não haviam entendido a natureza verdadeira da liberdade em Cristo.

Aparentemente, algumas mulheres – que estavam assumindo uma parte da liderança nos cultos da igreja – estavam fazendo coisas na presença de Deus que não teriam feito na frente de seus vizinhos pagãos. Por exemplo, o costume da época rezava que mulheres de respeito não apareciam em público com a cabeça descoberta. Os crentes de Corinto, entretanto, argumentavam que foram libertos das regras sociais e podiam expressar essa liberdade na igreja.

Paulo reconheceu que se tratava de um problema semelhante ao que surgira na Igreja a respeito da comida comprada em templos pagãos. A única carne disponível no mercado de Corinto era proveniente da carcaça de animais que haviam sido oferecidos em sacrifício nos vários templos. Como os judeus não supririam os coríntios com carne, e os cristãos não queriam se conformar aos regulamentos judaicos, os membros da igreja tinham de comprar carne dos templos pagãos – ou ficar sem ela.

Alguns crentes achavam que era errado comprar essa carne, e que estariam endossando e estimulando a adoração pagã. Paulo trata esse assunto em 1Coríntios 8:1–11:1, onde ele expressa quatro pontos de vista:

- Os crentes são livres para comer alimento oferecido a deuses pagãos, porque tais deuses não existem. Contudo, eles devem ter uma preocupação fraternal com os crentes que enxergam a questão de maneira diferente e, às vezes, devem

estar prontos a abrir mão da comida dos templos pagãos por consideração a outros crentes.

Esse era o tipo de concessão que Paulo fizera em uma esfera diferente. Ele tinha o direito de ser mantido financeiramente pelos crentes, mas se colocara voluntariamente sob restrições, de modo que sua mensagem pudesse ser aceita por todos os tipos de pessoas.

- Os cristãos deveriam reconhecer que poderia haver perigos reais em participar da adoração pagã. Eles não poderiam compartilhar a Ceia do Senhor num dia, e no outro de uma festa pagã, sem que houvesse graves consequências espirituais.
- O princípio geral é não fazer nada que desvie outros crentes – mesmo que sejam coisas corretas em si.

No caso das mulheres de Corinto, Paulo sentiu que elas estavam ofendendo mais a *sociedade* que estavam tentando alcançar com o Evangelho do que outros crentes cristãos. Portanto, ele sugeriu que – para o bem do Evangelho, para o progresso do evangelismo eficaz – toda mulher que participasse publicamente da adoração da igreja deveria seguir o costume social vigente e ter a cabeça coberta por véu.

Essa sempre era a linha de Paulo: por exemplo, ele sabia que os crentes haviam sido libertos da necessidade de se circuncidar, porém – em Atos 16:3 – certificou-se de que Timóteo fosse circuncidado, a fim de que pudessem alcançar os judeus com mais eficácia com o Evangelho da liberdade.

Princípios morais

O apóstolo Paulo se preocupava claramente com o modo que a igreja de Corinto estava observando a Ceia do Senhor. Em vez de executar as instruções que Jesus dera, e que Paulo lhes havia transmitido, parece que os crentes de Corinto transformaram o culto em uma ocasião para festejo e diversão. Eles estavam trazendo a própria comida para a Ceia do Senhor, e estavam fazendo festas particulares na reunião em vez de fazerem-nas em suas casas.

As divisões na igreja – que Paulo expôs, e às quais se opôs – também estavam se manifestando durante a adoração pública. Para Paulo, a divisão e a folia herege estavam desonrando a Ceia do Senhor e o corpo de Cristo.

Paulo insistiu que os coríntios não estavam dando importância suficiente às suas ações, e que haviam atraído sobre si o juízo de Deus. Em uma passagem importante, em 1Coríntios 10–11, Paulo define a Ceia do Senhor no contexto de comunhão. Como vemos no volume *Glória na Igreja, koinonia* – ‘comunhão’ ou ‘compartilhamento’ – é uma característica-chave da igreja, e em 1Coríntios 10:16, Paulo interpreta a Ceia em termos de *koinonia*, de compartilhamento.

Paulo mostra que a Ceia do Senhor é, de algum modo, um compartilhar do sacrifício de Cristo. Assim como os judeus reviviam as experiências do êxodo na Páscoa, assim também os crentes participavam no sacrifício de Cristo, identificando-se eles próprios com esse sacrifício na Ceia, e comprometendo-se com a missão de Cristo.

É por isso que Paulo insiste, em 1Coríntios 10:21, que é moralmente impossível compartilhar as duas coisas: a Ceia do Senhor e qualquer forma de adoração de ídolo. Ao ter comunhão na morte de Cristo por meio da Ceia, somos automaticamente excluídos de qualquer comunhão que comprometa a nossa posição nele.

As ideias de Paulo referentes a um só pão e um só corpo, em 1Coríntios 10:17, deixam claro que comunhão inclui todos que participam em Cristo, e de que todos são unidos em um só pão/corpo. De acordo com Paulo, portanto, a Ceia do Senhor tem um requisito de unidade embutido – o que significa que há sérias implicações morais práticas acerca do compartilhamento na Ceia. Simplificando, não deveríamos ousar participar da Ceia do Senhor se não estivermos compartilhando com todos os outros que tem comunhão em Cristo e com Cristo.

Paulo declara, em 1Coríntios 11:29, que os que participam da Ceia sem discernir o corpo são condenados – presume-se que isso se refira àqueles que não mantêm a pureza do corpo.

Paulo adverte contra se ter comunhão com pessoas imorais em toda a carta de 1Coríntios, e isso ilustra exatamente a maneira séria como Deus vê a *koinonia*.

O aspecto de comunhão da Ceia do Senhor também foi influenciado pelo enfoque errado dos coríntios em relação à refeição. Paulo argumenta que a integridade do corpo é violada quando alguns comem bem e outros ficam com fome. A Ceia do Senhor não deveria focar diferentes estilos de vida, e Paulo insiste que os que estão com fome deveriam comer em casa. Isso mostra que a dimensão espiritual da Ceia do Senhor é o mais importante – argumentos acerca do tamanho do pão e sabor do vinho deixam de enxergar completamente o sentido espiritual da refeição.

O texto de 1Coríntios contém o ensinamento mais claro de Paulo acerca da Ceia do Senhor, e comprova que ela deveria ser fundamental na adoração cristã de hoje. Em 1Coríntios 11:24,25 Paulo enfatiza que a Ceia é essencialmente um ato *memorial*.

Na Páscoa judaica, o chefe de cada família contava novamente a história do êxodo para fazer os adoradores se lembrarem de que estavam vivos por causa dos benefícios daqueles eventos. Do mesmo modo, durante a Ceia do Senhor, os adoradores são obrigados a se lembrarem do custo da morte do Senhor e a reconhecerem que estão vivos por causa das conquistas dessa morte.

Em 1Coríntios 11:26, Paulo mostra que a Ceia memorial é uma proclamação é uma participação, não uma representação. Ela proclama o evento histórico no centro da fé cristã, no qual participamos. A refeição não é uma tentativa de manter vivo algo que morreu há muito tempo, porque não é a vida de Cristo que é lembrada. O foco está em Sua morte salvadora – um evento com significado único que alcança desde o passado, atravessa o presente, entra no futuro e avança para a eternidade.

Paulo também mostra que há um aspecto de futuro na Ceia do Senhor. Em 1Coríntios 11:26, ele revela que a refeição me-

morial deve ser o foco da adoração pública da igreja somente na era atual, pois não haverá necessidade de memorial quando Cristo retornar e estiver presente em pessoa.

Dons espirituais

A terceira dificuldade prática que os coríntios estavam encarando na adoração pública dizia respeito aos dons espirituais.

Esses eram parte fundamental da igreja primitiva: eles sabiam que tinham sido ungidos com o Espírito Santo e que o Espírito Santo os inspirara e capacitara a orar em línguas, interpretar línguas, profetizar, operar milagres, discernir espíritos e assim por diante. Analisamos esses dons nos volumes *Conhecendo o Espírito*, *Ouvindo Deus* e *Ministério no Espírito*.

Parece que os crentes de Corinto estavam experimentando todos esses dons do Espírito e estavam tão ansiosos para usá-los que diversas pessoas estavam manifestando-os pública e simultaneamente nos cultos da igreja.

O apóstolo Paulo lembrou a eles que Deus traz paz e não confusão. Isso quer dizer que Deus garante que – ao serem manifestados na adoração pública – os dons espirituais ocorram de maneira a edificar todo o corpo da igreja.

Paulo reconhecia a legitimidade de todos os dons que estavam sendo manifestados nos cultos de Corinto. Ele enfatizava que cada um era dado por Deus, e tinha um lugar na adoração pública da igreja. Ele explicou que assim como o corpo humano tem partes diferentes, e que todas contribuem para o funcionamento eficaz do corpo, assim os diferentes dons e membros contribuem todos para a adoração/culto da igreja.

A questão-chave em todos os problemas práticos de Corinto era liberdade e adoração. As mulheres eram livres para desfilar o pacto social vigente durante os cultos da igreja? Os diferentes grupos eram livres para celebrar nos cultos apenas com o próprio grupo de amigos? As pessoas eram livres para manifestar dons espirituais simultaneamente?

A resposta de Paulo foi para endossar a liberdade legítima que tinham em Cristo, mas também foi para enfatizar a respon-

sabilidade fundamental de serem motivados pelo amor autossacrificial de Deus. Para Paulo:

- As mulheres são livres tanto para cobrir as cabeças ou deixá-las descobertas nos cultos, entretanto, se amarem os incrédulos em seu meio com o amor de Deus, não agirão de modo a levantar obstáculos que possam impedi-los de responder ao Evangelho.
- As pessoas podem comer o que quiserem, quando quiserem, e com quem quiserem, porém, se amarem umas às outras com o amor de Deus, não agirão de modo a levantar ou manter barreiras entre crentes diferentes.
- Os membros podem manifestar tantos dons espirituais quantos receberem; entretanto, se amarem de fato a igreja com o amor de Deus, não agirão de modo a confundir outros membros, mas somente de modo a desenvolvê-los e edificá-los em Cristo.

Adoração sacrificial

Ao lermos os Evangelhos e o livro de Atos, fica claro que eles ecoam alegria e prazer. Quando, por exemplo, o Espírito Santo foi derramado sobre os discípulos no Pentecoste, eles se deslumbraram tanto com o amor de Deus que O adoraram em línguas novas, dadas a eles pelo Espírito.

Na realidade, Romanos 8:15,16 mostra que toda vez que o Espírito entra na vida de um indivíduo, a resposta natural é chorar de alegria, 'Abba, Pai'; e Efésios 5:18–20 mostra que toda vez que o Espírito enche a vida de uma igreja local, sua resposta natural é o louvor animado e ação de graças.

A verdade, entretanto, é que nem sempre nos sentimos assim. Se adorássemos a Deus apenas quando nos sentimos assim, poderíamos não adorá-Lo com muita frequência! O Novo Testamento reconhece essa verdade ao reinterpretar a ideia do Antigo Testamento, de que a adoração verdadeira sempre inclui sacrifício. Sugere que nossa adoração em espírito e em verdade deveria caracterizar-se por três sacrifícios principais, e nós os analisaremos com mais detalhe nos três capítulos seguintes.

O sacrifício de nossos corpos

Os onze primeiros capítulos da carta de Paulo à igreja em Roma são a descrição bíblica mais completa do Evangelho. Romanos 12:1 é, 'portanto', a conclusão de Paulo a essa descrição, na qual ele apela que respondamos ao Evangelho com adoração – apresentando nossos corpos como um 'sacrifício vivo'. Nós discutimos o uso de formas físicas de expressão na adoração, como o teatro e dança na Parte Nove, onde mostramos que a arte pode ser usada para ampliar o louvor e adoração e para retratar, de modo profético, o coração de Deus. Porém, neste momento devemos observar que Romanos 12:1 está nos encorajando a dar-nos por inteiro a Deus em adoração – inclusive os nossos corpos.

Nos dias do apóstolo Paulo, todos estavam acostumados à ideia de 'sacrifícios mortos' – que representavam a entrega total e sem reservas de algo a Deus ou a um deus. Então, um 'sacrifício vivo' deve envolver a entrega contínua de uma vida a Deus, em culto.

Em todo o capítulo 12 de Romanos, Paulo deixa claro que isso inclui ser:

- Constantemente transformado em semelhança de Cristo
- Totalmente comprometido com o corpo de Cristo
- Oferecendo todo dom dado por Deus para benefício de toda a igreja

E envolve amor e serviço, oração e paciência, alegria e hospitalidade, perdão e unidade, fé e esperança, misericórdia e compaixão, vida e morte etc.

Paulo amplia essa ideia em Romanos 15:16, Filipenses 1:20; 2:17 e 2Timóteo 4:6, mostrando que adorar a Deus pelo sacrifício de nossos corpos envolve serviço sacrificial no Evangelho de Deus, o qual honra a Cristo – às vezes a um tremendo custo pessoal. Analisamos esse aspecto da adoração na Parte Seis.

O sacrifício de nossas posses

Hebreus 13:16 nos impele a fazer o bem e compartilhar o que temos como um sacrifício que seja agradável a Deus. No volume *O Governo de Deus*, nós analisamos o ensinamento de Jesus acerca da riqueza, e vemos como Ele a identifica como algo que

compete com Deus pelos nossos afetos, e como um poder que tenta dominar-nos e escravizar-nos. De vez em quando, especialmente no Evangelho de Lucas, Jesus procura generosidade em Seus seguidores.

O apóstolo Paulo explora isso em 2Coríntios 8–9, onde ele impele os crentes de Corinto a seguirem o exemplo das igrejas da Macedônia. Embora analisemos esse aspecto em detalhes mais à frente, por ora devemos reconhecer que em 2Coríntios 9:11–13 Paulo estabelece um lugar central para a doação sacrificial na adoração/serviço cristão.

Em 2Coríntios 8–9, Paulo mostra que o sacrifício de nossas posses deveria ser:

- Uma resposta ao amor de Deus
- Independente de quaisquer tempos difíceis
- Em proporção aos nossos recursos
- Com compaixão pela necessidade extrema
- Como uma evidência de nosso compromisso

Analisamos o sacrifício de nossas posses mais detalhadamente na Parte Sete.

O sacrifício do nosso louvor

Hebreus 13:16 também nos encoraja a oferecer um sacrifício de louvor a Deus com os nossos lábios. Vimos que o louvor no Antigo Testamento incluía ruído, música e movimento, e que a igreja primitiva caracterizava-se pela alegria e ação de graças.

O fato de o louvor ser identificado aqui como um sacrifício pressupõe o envolvimento de algum custo ou esforço e nós analisamos esse aspecto na Parte Oito. O Novo Testamento revela que a igreja é, essencialmente, uma comunidade de adoração formada por pessoas que creem em Jesus. Somos chamados por Ele para adorá-Lo, e quando negligenciamos a nossa principal tarefa, desonramos a Deus e diminuimos a nós mesmos.

Na medida em que passamos a focar mais o ‘serviço’ pessoal do que a adoração pública nos três capítulos seguintes, devemos lembrar-nos dos três princípios de adoração mais importantes no Novo Testamento.

A verdadeira adoração sempre é dirigida ao Deus vivo: Não é uma apresentação para exibir talentos humanos, é uma atividade que glorifica somente Ele, e que nos leva mais profundo em Sua presença.

A verdadeira adoração sempre constrói e edifica todo o corpo de Cristo; não deve ser dominada por um ou dois especialistas, e é a expressão coletiva do louvor de todo o povo de Deus.

Na realidade, 1Coríntios 14:26 (praticamente o único versículo no Novo Testamento a oferecer instruções acerca da adoração) sugere que – na medida do possível – todos deveriam participar ativamente da adoração na igreja.

A verdadeira adoração sempre depende da presença do Espírito Santo. Como Paulo diz, em Filipenses 3:3, devemos adorar pelo Espírito de Deus. Sem Ele, não podemos nos comunicar com Deus ou oferecer-Lhe nada que seja digno de Seu nome.

É o Espírito Santo que inspira nossa oração e louvor, que abre as nossas mentes e nos ajuda a entender a Palavra de Deus, que nos convence do pecado e que dá dons para o bem comum. Em outras palavras, Ele é o próprio fôlego da adoração, e na Parte Dez nós consideramos isto, bem como vemos o papel de Deus na adoração.

Parte Seis

Serviço e Adoração

Vimos que a Bíblia não faz distinção entre ‘adoração espiritual’ e ‘serviço prático’, e que ela apresenta a nossa adoração a Deus como o nosso serviço, e o nosso serviço a Deus como a nossa adoração. Resumindo, a maneira que servimos a Ele é a maneira que O adoramos.

Observamos que a palavra hebraica *abodah* e a palavra grega *latreia* significam originalmente o trabalho prático de um escravo ou servo, mas que também são usadas nas Escrituras para descrever serviço ou adoração a Deus: Nosso serviço é a nossa adoração, e a adoração é o nosso serviço.

E definimos que todos os mandamentos de Deus podem ser consubstanciados na adoração e serviço. A primeira prioridade de Deus para as nossas vidas é que O adoremos com todo o nosso ser; a segunda é que sirvamos a outros com a paixão que temos por nós mesmos.

Serviço em espírito e em verdade

O serviço em espírito e em verdade sempre flui da adoração em espírito e em verdade. Visto que a adoração e o serviço estão ligados tão intimamente, e a Bíblia usa a mesma palavra para os dois, podemos dizer que a nossa adoração é incompleta se não ‘transbordar’ em serviço; e que nosso serviço é inaceitável a Deus se não resultar de nossa adoração a Ele.

Serviço com uma toalha

Os Evangelhos são excessivamente honestos a respeito das fraquezas e falhas dos apóstolos. Eles descrevem as suas falhas com os seus sucessos, as suas percepções agudas, ao lado de suas controvérsias. Parece que eles discutiam mais sobre 'estrutura de poder' do que outra coisa, e Lucas 9:46 relata com franqueza a briga deles acerca de quem era o maior.

O maior e o menor

Toda vez que estão lutando para serem as mais importantes, as pessoas também estão lutando para não serem as menos importantes. Embora a maioria de nós saiba que nunca vai ser o maior, alguns crentes ainda lutam para não serem os menores. Segundo os Evangelhos, esse era um dos problemas principais dos apóstolos.

Quando se reuniram com Jesus para celebrar a Páscoa, em João 13:1–17, os apóstolos sabiam que um deles teria de lavar os pés dos outros. (Naquela época, as pessoas se reclinavam de lado sobre almofadas em vez de se sentarem em cadeiras; por isso, ter os pés limpos na hora das refeições era muito importante.) O problema é que a lavagem dos pés era um serviço para o servo mais inferior, e nenhum dos apóstolos queria ser tão inferior assim.

João 13:2 sugere que todos eles preferiam participar da refeição com os pés sujos a serem considerados como o menor dos apóstolos. Então Jesus tomou uma toalha, redefiniu a grandeza, o serviço importante, e ainda revelou outra faceta crucial da natureza divina.

O contexto da adoração

É importante reconhecermos que tudo isso ocorreu no contexto do ato de adoração mais importante do ano judaico. Embora fosse comida nos lares, a refeição de Páscoa ocorria em meio a um serviço de adoração que incluía hinos, leituras, orações e louvor. O ato de serviço prático de Jesus fluía dessa adoração espiritual e fazia parte dela: verdadeiramente, o Seu serviço era

a Sua adoração, e a Sua adoração era o Seu serviço.

Tendo servido os apóstolos, João 13:14,15 registra que Jesus então os chamou a desempenhar um serviço semelhante. Entretanto, parece que alguns crentes preferiam ser chamados à autonegação radical por amor do Evangelho em vez de a um serviço aparentemente insignificante, como lavar pés.

Porém, Jesus não chama Seus seguidores somente para o louvor glorioso, missão perigosa e tarefas difíceis, Ele também nos chama ao ordinário e ao comum, ao trivial e ao fácil, ao insignificante e ao preterido.

Liderança e autoridade

Em diversos volumes desta *Série A Espada do Espírito*, especialmente em *Conhecendo o Filho*, vemos como os quatro Evangelhos se complementam focando aspectos diferentes da natureza e missão de Jesus. Vimos, por exemplo, que Mateus enfatiza a autoridade de Jesus, Marcos enfatiza o Seu serviço, Lucas enfatiza a Sua humanidade e João, a Sua divindade.

Então, chama muito mais atenção o fato de ser o Evangelho de João – e não Marcos ou Lucas– que registra esse episódio. Em todo o seu Evangelho, João se esforça para apresentar Jesus como plenamente divino, como a revelação completa de Deus, como um em natureza e pessoa com o Pai, como o ‘Eu sou’ que se revelou a Moisés no deserto, e assim por diante.

Isso significa que o ato servil de Jesus com a toalha não é apenas um exemplo do comportamento humano ideal; mais importante que isso, é também uma revelação dinâmica da maneira de Deus se comportar: Mostra-nos como ‘o Senhor e Mestre’, o ‘Eu O sou’, exerce Sua liderança soberana e autoridade absoluta.

Ao pegar a toalha e lavar os pés de Seus discípulos, Jesus não estava abolindo a liderança e autoridade, Ele as estava redefinindo. Estava mostrando que o serviço é para os mestres tanto quanto é para os servos. Jesus sempre ensinou e revelou uma autoridade que se baseava na função mais do que no *status*, e uma liderança que servia às pessoas em vez de manipulá-las e controlá-las. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 20:25–28.

Isso sugere que a verdadeira autoridade espiritual está mais em uma toalha e em um sabonete do que em um cargo e um título.

Serviço farisaico

Se quisermos entender e praticar o ‘serviço em espírito e em verdade’, temos de distingui-lo do ‘serviço farisaico’.

Esforço humano

O serviço farisaico sempre vem por meio de esforço humano: Calcula e planeja como e a quem servir. Em contrapartida, o serviço verdadeiro flui da adoração, das sugestões de Deus, que são ouvidas quando nos inclinamos em Sua presença. Analisamos esse aspecto com mais detalhe nos volumes *O Governo de Deus* e *Ouvindo Deus*.

Servimos em espírito e em verdade somente porque ouvimos a Deus e fomos direcionados e equipados por Ele.

Busca ser notado

O serviço farisaico é um serviço de ostentação, que espera ser notado e se impressiona com grandes atos. O verdadeiro serviço, contudo, não faz distinção entre pequenos atos de serviço e grandes atos de serviço; ele aceita indiscriminadamente todas as oportunidades de servir – não importa quão pequeno e ‘invisível aos olhos’ seja.

O serviço farisaico sempre quer ser visto e percebido, ser aplaudido e recompensado. Porém, o serviço verdadeiro não busca atenção: Contenta-se com a invisibilidade humana e valoriza a aprovação divina mais que o louvor humano.

Seletivo e temporário

O serviço farisaico se preocupa com resultados e é seletivo quanto a quem é servido, ao passo que o serviço verdadeiro se regozija em servir e serve aos inimigos com a mesma disposição que aos amigos, o pequeno e o grande, o mal agradecido tanto quanto o generoso. Não somente por sentimentos e dese-

jos, mas o serviço verdadeiro é um estilo de vida permanente, que é governado somente por Deus.

Autogratificação

Em última análise, o serviço farisaico é uma forma de autogratificação e autoglorificação. Ele manipula e controla as pessoas e traz dano à comunidade.

O serviço verdadeiro, entretanto, cuida das necessidades dos outros com a paixão que temos por nós mesmos. Ele não obriga ninguém a retribuir o serviço, edifica o corpo de Cristo e traz grande glória a Deus.

Expressões de Serviço

Do mesmo modo que podemos ser tentados a entender adoração em termos daquilo ‘que fazemos na igreja aos domingos’, também é fácil pensar em serviço simplesmente como uma lista de coisas que poderíamos ou deveríamos fazer.

Porém, assim como nossa adoração é mais do que nosso cantar, orar e ouvir, assim o nosso serviço é mais do que nosso limpar, cuidar e cozinhar. Vimos que ‘adoração em espírito e em verdade’ é uma maneira contínua de viver perante Deus, vimos que é uma atitude interior permanente de adoração amorosa e admiração santa. Então, ‘servir em espírito e em verdade’ é mais uma maneira de viver do que um código de ética ou uma lista de atitudes. Jamais deveríamos esquecer de que uma coisa é agir como um servo, quando assim desejamos, e outra bem diferente é ser um servo o tempo todo.

Não basta, porém, enfatizar somente a natureza interior do serviço. Pois assim como a nossa atitude de adoração precisa expressar-se em música, movimento, ruído, oração e ação de graças, assim também a nossa atitude de servir precisa expressar-se na igreja e no mundo ao nosso redor.

As Escrituras não contêm o serviço equivalente ao livro de Salmos, em vez disso, estão continuamente permeadas de exemplos de serviço que praticamente passam despercebidos.

Tarefas simples

Quando, por exemplo, pensamos naqueles que Deus usou para nos trazer o Novo Testamento, normalmente nos lembramos do apóstolo Paulo. Seus textos mudaram literalmente o mundo e transformaram milhões e milhões de vidas. Quantos de nós param para agradecer a Deus pelo serviço silencioso de Tíquico?

Parece que Paulo escreveu a maioria de suas cartas quando estava na prisão e não as podia entregar pessoalmente. E como não havia serviço de correio naquela época, Paulo muitas vezes pedia ao seu amigo Tíquico que viajasse centenas de milhas a pé para entregá-las. Vemos isso, por exemplo, em Efésios 6:21; Colossenses 4:7; 2Timóteo 4:12 e Tito 3:12.

Muitos estudiosos acham que Efésios foi escrita como uma carta ‘circular’ que foi enviada a muitas igrejas, e é possível que Tíquico tenha perambulado por toda a Ásia Menor entregando uma pilha de cópias de ‘Efésios’ a todas as diversas igrejas da região.

O ato de serviço dele foi anônimo, secreto, solitário e simples e teria parecido mundano e insignificante na época – literalmente, ninguém poderia ter feito isso. Contudo, não teríamos o Novo Testamento hoje se Tíquico não tivesse servido com tal fidelidade.

Prestatividade rigorosa

É claro, a maioria dos serviços não tem consequências tão grandes assim. Atos 9:39, por exemplo, registra como Dorcas serviu de maneira tão modesta que impactou apenas algumas pessoas necessitadas que moravam perto de sua casa. Porém, pareceu adequado ao Espírito Santo destacar o seu serviço nas Escrituras como um exemplo para todos nós seguirmos.

Devemos aprender com o próprio Espírito Santo. Ele é o Espírito humilde e modesto que existe para focar a atenção no Filho em vez de em Si mesmo. Quando vivemos no reino do Espírito, logo descobrimos que os verdadeiros problemas se encontram nos cantinhos das vidas das pessoas, onde coisas pequenas são fundamentais e o eu é secundário.

No nível mais básico, o serviço em espírito e em verdade é apenas prestatividade ativa, que provê assistência simples em questões externas de menor importância – abrir uma porta, fazer café, lavar a louça etc. Jamais devemos nos esquecer de que Cristo nos mostrou no símbolo da toalha que *ninguém* é tão importante ou está ocupado demais para os atos mais modestos de serviço.

Aceitar o serviço

Em outro nível, o serviço tem a ver com ser servido e aceitar o serviço. Pedro não queria que Jesus lavasse os seus pés, não porque ele fosse humilde, mas porque era orgulhoso, pois o serviço de Jesus era uma afronta à ideia de autoridade e liderança que Pedro tinha. Se estivesse no comando, Pedro não teria de modo algum lavado os pés de alguém!

Quando permitimos que os outros nos sirvam, estamos reconhecendo a autoridade deles sobre nós, e a recebemos sem sentir necessidade de retribuir.

Prover hospitalidade

A hospitalidade é praticamente a única expressão de serviço à qual somos expressamente conclamados nas Escrituras. 1Pedro 4.9 estimula a hospitalidade em todos os crentes e Romanos 12:13; 1Timóteo 3:2 e Tito 1:8 a tornam uma pré-condição da liderança da igreja.

As Escrituras estão repletas de exemplos de hospitalidade, desde a proteção de Raabe aos espias, a provisão de Boaz para Rute e Noemi, o tratamento dado pela viúva a Elías e Eliseu, até as boas-vindas de Marta e Maria a Jesus e Seus discípulos.

Ao enviar os doze e os setenta a pregar o Evangelho, Jesus os ordenou que dependessem da hospitalidade, e vemos que essa instrução foi obedecida em todo o livro de Atos. Pode ser que a cultura empresarial moderna de ficar em hotéis e comer em restaurantes tenha nos roubado muito da alegria bíblica que se encontrava na hospitalidade do dar e receber.

Adoração, serviço e humildade

A essa altura, já deveria estar claro que a adoração/serviço é uma atividade essencialmente humilde. Vimos que *shachah* e *proskuneo* – inclinar-se – são palavras bíblicas básicas para adoração/serviço, e que os adoradores/servos de Deus devem ter a atitude de inclinar-se perante Ele, se quiserem Lhe oferecer a adoração/serviço que Ele espera e merece.

Desenvolver a humildade

Pode parecer difícil desenvolver humildade. Na verdade, podemos parecer praticamente ‘não humildes’ se buscarmos humildade conscientemente. Contudo, quando entrarmos num curso de ação que enfatize a ocultação e foque o bem dos outros, poderemos ter expectativa de que o Espírito Santo opere a Sua humildade em nossas vidas.

A humanidade carnal e caída rejeita o serviço e a ocultação desejando, em vez disso, o benefício e o reconhecimento. Porém, esses são desejos que devemos ‘crucificar’ com a mesma veemência e persistência que crucificamos os desejos sexuais ilícitos. Passagens como 1João 2:16 não se referem somente à sexualidade, mas a toda emoção e atividade humana que não esteja sob o pleno controle de Deus.

Muitas pessoas lutam contra desejos fortes e não sabem como lidar com eles. Em toda a história da igreja, diferentes e diversos grupos de crentes descobriram que uma mistura equilibrada de adoração espiritual e serviço ‘em secreto’ é a melhor maneira de controlar os desejos carnis e desenvolver uma atitude piedosa de humildade saudável.

Essa foi a mola propulsora de todos os movimentos monásticos dos primórdios que Deus usou para espalhar o Evangelho por toda a Europa e plantar as primeiras igrejas na Grã-Bretanha e Irlanda.

Durante o século 18, quando enviou novamente o avivamento à Inglaterra, por meio de homens como Wesley e Whitfield, Deus inspirou um homem de uma tradição eclesiástica muito diferente a escrever um dos livros cristãos mais influentes de to-

dos os tempos – *Uma chamada séria a uma vida santa e devota.*

William Law ensinou que os cristãos deveriam enxergar cada dia como um ‘dia de humildade’ e como ‘um dia para servir aos outros’. É extraordinário que enquanto usou Wesley para trazer para dentro da igreja centenas de milhares de novos convertidos, Deus, ao mesmo tempo, usou Law para marcar o início de uma nova onda de santidade dentro dela.

Law insistia que podemos desenvolver a humildade que Deus procura nos verdadeiros adoradores quando:

condescendemo-nos com todas as fraquezas e enfermidades de Suas criaturas, cobrimos suas fragilidades, amamos suas excelências, encorajamos suas virtudes, atenuamos suas necessidades, nos regozijamos em suas prosperidades, somos compassivos com suas angústias, aceitamos sua amizade, ignoramos sua indelicadeza, perdoamos sua má-fé, somos um servo de servos e condescendemos em fazer os serviços mais humildes aos seres humanos mais humildes.

Quando começarmos a obedecer a Deus e servir aos outros com a paixão que temos por nós mesmos, descobriremos que a humildade de *shachah* e *proskuneo* começará a florescer em nossas vidas.

Começaremos a ter menos pressa e mais paz. Começaremos a ver com compaixão aqueles que um dia invejamos. Começaremos a ter interesse naqueles que um dia costumávamos ignorar. E seremos repletos de um novo senso de identificação com o *ptochos* – ‘o ferido’ a quem Jesus veio buscar e salvar.

Porém, mais importante do que isso, a humildade de *shachah* e *proskuneo* nos transformará em verdadeiros adoradores que são muito mais conscientes de Deus e muito mais rápidos e dedicados a louvá-Lo. O serviço em secreto será a dramatização de uma oração de ação de graças, já que a nossa adoração espiritual transborda em serviço prático e o que nosso serviço nos leva diretamente a Deus em louvor e adoração.

Parte Sete

Oferta e Adoração

Vimos que o Novo Testamento nos impele a oferecer a Deus três sacrifícios na adoração:

- O sacrifício de nossos corpos
- O sacrifício de nossas posses
- O sacrifício do nosso louvor

Embora estejamos analisando esses aspectos da adoração separadamente – aqui e nas Partes Oito e Dez – precisamos perceber que eles são três aspectos da adoração/serviço em espírito e em verdade que se complementam e sobrepõem.

Deus não está nos chamando a escolher entre atos de serviço em secreto e o dar generoso, ou entre o louvor alegre e a prestabilidade prática; Ele está nos chamando a adorá-Lo/servi-Lo com todas as partes de nosso ser – e isso envolve servir, dar e orar. Se negligenciarmos qualquer um desses aspectos, não estaremos adorando-O em espírito e em verdade.

Também vimos que a adoração é a nossa resposta humana à iniciativa reveladora de Deus, e que a nossa resposta é determinada por Sua natureza. Por exemplo, respondemos com adoração santa porque Deus mostrou que Ele é santo; respondemos com autossacrifício porque Deus se revelou como o Deus de autossacrifício; respondemos com louvor porque Deus tem se revelado como repleto de alegria e louvor; respondemos com o serviço de lavar pés porque Ele se revelou como o Deus que lava pés sujos; e Lhe respondemos com o dar porque tudo quer Deus faz revela que Ele é o Deus doador.

Quer pensemos em Deus em termos de criação ou redenção, graça ou amor, verdade ou misericórdia, sempre podemos ver que Ele é um doador santo.

O ofertar no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, o povo de Deus respondia à Sua generosidade afável com três maneiras de ofertar:

- Sacrifícios a Deus
- Dízimos aos pobres e aos líderes religiosos
- Ofertas voluntárias para projetos especiais

Sacrifícios

Sacrifícios eram doações que eram dadas diretamente a Deus: Nós os analisamos na Parte Três e os estudamos com mais detalhe no volume *Salvação pela Graça*. Vimos que toda vez que se voltava a Deus, o povo de Israel O adorava oferecendo-Lhe sacrifícios.

Alguns crentes parecem pensar que os judeus ofereciam sacrifícios a Deus apenas para tratar o pecado. Porém, o Antigo Testamento mostra que eles davam sacrificialmente a Deus quando estavam em regozijo e quando estavam em pranto – eles Lhe davam o melhor em ação de graças, dedicação, intercessão, louvor e adoração – bem como em arrependimento e com súplicas por perdão.

Dízimos

O dízimo era um valor anual de 10% da renda familiar que era dado para prover uma receita ao pobre e aos líderes religiosos. O Antigo Testamento não descreve os métodos exatos de coleta dos dízimos, e a prática parece ter mudado com o passar dos séculos. Levítico 27:30–32, entretanto, deixa claro que tinha de dar-se o dízimo de todas as colheitas e animais.

Toda vez que as pessoas faziam a colheita de suas plantações, um décimo tinha de ser doado. E, uma vez ao ano, as famílias contavam seus animais ao andarem pelo pasto. Todo décimo animal era doado para garantir a realização de uma se-

leção justa: Eles não podiam usar o dízimo para dispor de seus animais inferiores, porém, não tinham de selecionar o melhor – como faziam para o sacrifício.

É importante compreendermos que o valor que as famílias ofereciam em sacrifício durante o ano não era deduzido do dízimo. Elas davam os seus sacrifícios dos nove décimos que restavam de sua renda após terem dado o dízimo.

Levítico 27:30 e Malaquias 3:6–12 mostram que o dízimo pertencia a Deus e era dado a Ele. Diferente dos sacrifícios, entretanto, os dízimos eram a provisão especial de Deus a grupos específicos de pessoas.

Durante dois anos, de um total de três, as famílias davam os seus dízimos aos levitas e sacerdotes que eram responsáveis pela adoração da nação; e no terceiro ano, o davam ao pobre que morava na região. Números 18:21–32 e Deuteronômio 14:29 explicam por que os dízimos eram dados a esses grupos de pessoas.

É importante observar que os dízimos do Antigo Testamento não eram usados para pagar prédios ou projetos especiais – estes eram financiados por ofertas voluntárias. Em vez disso, os dízimos eram usados inteiramente para oferecer uma renda para pessoas envolvidas no ministério e para os que estavam desesperadamente necessitados.

Ofertas voluntárias

As ofertas voluntárias eram normalmente dadas para projetos especiais – especialmente para levantar e manter prédios especiais. Por exemplo:

- A oferta aos tabernáculos – Êxodo 25:1–4; 35:1–29 e 36:2–7
- A primeira oferta do templo – 1Crônicas 28–29
- A segunda oferta do templo – Esdras 1:2–6; 2:68,69; 3:5; 7:16 e Neemias 7:70–72

Essas ofertas não eram dízimos, pois as pessoas não tinham de dar porcentagens fixas de sua renda. Eram ‘voluntárias’, por isso as pessoas não tinham de contribuir: Os que tinham corações dispostos eram solicitados a dar o pouco ou o muito que de-

cidissem. As ofertas eram sempre muito específicas – as pessoas sabiam o que era necessário e como as suas doações seriam usadas – e paravam quando já haviam recebido o suficiente.

O povo de Deus também tinha a obrigação de prover generosamente ao pobre por meio de ofertas voluntárias regulares – Vemos isso, por exemplo, em Deuteronômio 10:17–19; 15:7–11; 24:10–22 e Isaías 58:6–11.

A oferta e Jesus

Observamos muitas vezes nesta *Série A Espada do Espírito* que Jesus ensinou mais acerca de assuntos financeiros do que qualquer outro no reino de Deus. Jesus usou grande parte do tempo tratando do assunto dinheiro, e Marcos 12:41 relata que Ele observava o que as pessoas davam quando vinham adorar, que Ele discernia o espírito em que elas davam, e que comentava sobre o nível de suas ofertas.

Mateus 6:24 é a base de todo o ensinamento de Jesus acerca do dinheiro: Ele insiste que é um poder – um Deus falso – que busca dominar e escravizar as pessoas. Isso explica porque temos tanta dificuldade de doar dinheiro, e por que grande parte do ensinamento de Jesus se dá em um cenário evangelístico.

O ensinamento de Jesus acerca do ofertar

Em Lucas 3:8–11, João Batista ensina que ofertar deveria ser o primeiro fruto de nosso arrependimento, e Jesus enfatiza repetidas vezes que ofertar é parte de nosso compromisso com Ele. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 19:23–26; Lucas 5:1–11; 12:33–34 e 18:18–23.

Nessa parábola famosa das ovelhas e das cabras, em Mateus 25:31–46, Jesus deixa claro que termos que dar generosamente ao necessitado. E em Lucas 11:42, Ele enfatiza que – por si só – dar o dízimo meticulosamente não é o bastante, devemos dar ofertas voluntárias ao necessitado também: Esse princípio é ilustrado de modo surpreendente em Lucas 10:29–37.

Lucas 16 contém o ensinamento mais completo de Jesus acerca do uso do dinheiro – o qual Ele ilustra com a história de um homem rico e Lázaro. Seu ensinamento mais severo sobre o dar está no Sermão do Monte, em Mateus 5:42. Jesus repete esse princípio básico em Lucas 6:30–38 (jamais devemos esquecer de que as recompensas prometidas no versículo 38 referem-se ao dar exigido no versículo 30).

Em Mateus 6:1–3, Jesus prossegue com o Seu ensinamento sobre o dar, descrevendo o modo que deveríamos dar. Ele explica que perdemos a recompensa celestial quando atraímos a atenção para a nossa oferta. Ele continua, nos versículos 19 a 21, falando de tesouros armazenados no céu, em contraste com investir em tesouros terrenos que desaparecem e perecem, e então, com relação às necessidades práticas da vida diária, como alimento e vestimenta, Jesus encoraja os crentes a ‘buscar primeiro o reino de Deus’ e promete que ‘todas essas coisas lhes serão acrescentadas – versículo 33.

Lucas 14:12–14 registra as instruções de Jesus acerca da hospitalidade: Mais uma vez, Ele mostra que Deus quer que façamos nossa prioridade o dar ao necessitado – pois desse modo estamos dando a Ele. Mateus 17:24–27; 22:15–22; Marcos 12:13–17 e Lucas 20:20–26 mostram que Jesus também ensinava as pessoas a pagarem os seus impostos – e que Ele próprio os pagou.

Jesus também fala do dízimo em Mateus 23:23. Aqui Ele está exortando os fariseus que, porque davam o dízimo meticulosamente, não achavam importante dar prioridade às questões mais importantes como justiça, misericórdia e fé. É interessante que a exortação de Jesus não anula o ato de dar dízimo – ao contrário, o confirma, embora o vincule rapidamente à atitude correta do coração e às questões ‘de maior peso da Lei’.

Isso põe em evidência a questão da atitude de Jesus para com a Lei, a qual tratamos com mais detalhe no volume *O Governo de Deus*. Claramente, o Novo Testamento ensina que Cristo cumpriu a Lei, conforme se vê em Romanos 10:4; Gálatas 3:23–25 e Efésios 2:15. Cristo cumpriu tanto as declara-

ções proféticas da lei referentes a Ele próprio (Lc 24:44) como as demandas reais da Lei que chamavam à obediência perfeita (Gl 3:10 e 13). Isso quer dizer que a Lei não é mais obrigatória como instituição legal sobre o crente cristão, quer seja gentio ou judeu. É por isso que encontramos textos como Marcos 7:19, em que Jesus declarou todos os alimentos puros.

Porém, isso não significa que a Lei não tem nada para ensinar aos cristãos hoje (1Co 9:8–10), e é notável que, no que tange à moralidade, Jesus confirmou os princípios piedosos da Lei e chamou os discípulos a padrões ainda mais elevados do que ela exigia. Por exemplo, em Mateus 5:21,22 e 27,28, Jesus iguala a ira ao homicídio e a cobiça ao adultério. Ele sabia que era possível abster-se de matar, mas ainda assim odiar, ou abster-se de cometer adultério, mas ainda cobiçar no coração, então Ele guiava os Seus discípulos para além da letra da Lei, para o centro da questão. Contudo, a Lei mosaica como um sistema central para reger o relacionamento de Israel com Deus, foi plenamente cumprida por meio da vida, ministério, morte e ressurreição de Jesus. Isso significa que aos cristãos não é exigido, portanto, viver debaixo da Lei.

Qual, então, é a implicação disso para o dízimo? Pode até ser dito que a declaração de Jesus acerca de se dar o dízimo em Mateus 23:23 foi dada somente porque Ele estava falando com um público judeu. Se estivesse falando com gentios, Ele poderia ter dito algo muito diferente. Independente de seus méritos, essa linha de pensamento não consegue perceber que dar o dízimo é um princípio bíblico que precede a Lei. Como veremos a seguir em nossa discussão de Hebreus 7, os cristãos não devem dar o dízimo hoje porque a Lei assim o diz – deveriam dar o dízimo porque é uma resposta muito adequada e correta ao ministério sumo sacerdotal de Cristo. É interessante que Jesus nunca nega o dízimo. Em vez disso, Ele o confirma em um exemplo bíblico autêntico, no qual podemos verificar as Suas palavras francas a respeito do assunto (Ele também menciona um fariseu que deu o dízimo na parábola de Lucas 18:9–14). Em última análise, nós damos o dízimo porque fa-

zê-lo é um princípio bom e piedoso que transcende a Lei de Moisés.

Os encontros de oferta a Jesus

Os Evangelhos registram muitas ocasiões em que as pessoas ofertam a Jesus, quando Ele as incentiva a ofertar e quando comenta sobre suas ofertas. Por exemplo:

- Os homens sábios adoravam a Jesus ofertando-Lhe doações – Mateus 2:9–12
- As mulheres adoravam a Jesus unguendo-o com óleo – Mateus 26:6–13; Marcos 14:3–9; Lucas 7:36–50 e João 12:1–11
- As mulheres ofertavam de maneira prática para sustentar o ministério de Jesus – Lucas 8:1–3; 10:38–42; João 11:1–45 e 12:1–12
- José deu seu túmulo a Jesus – Mateus 27:57–60; Marcos 15:42–47 e Lucas 23:50–54
- Cleopas e seu companheiro deram uma refeição a Jesus – Lucas 24:13–35
- Um jovem rico recusou ofertar como Jesus o instruíra – Mateus 19:16–22; Marcos 10:17–22 e Lucas 18:18–23
- Zaqueu deu mais do que Jesus instruiu – Lucas 19:1–10
- Um menino deu o seu almoço a Jesus – João 6:9
- Uma viúva deu tudo o que tinha em adoração – Marcos 12:41–44 e Lucas 21:1–4
- Um leproso obedeceu a Jesus e ofertou em ação de graças – Mateus 8:1–4; Marcos 1:40–44 e Lucas 5:12–14

As ofertas do menino e da viúva são de importância peculiar. Do ponto de vista terreno, as duas pareciam pequenas; do ponto de vista celestial, elas foram imensas. Segundo Jesus, as duas moedas da mulher – as de menor valor da época – valiam mais do que todas as contribuições de todos os demais adoradores juntos!

Isso mostra que Deus não mede o que damos em adoração; Ele mede o que retemos. A oferta do menino pode ter parecido pequena na terra; mas – porque ele deu tudo o que tinha – foi

enorme no céu. No milagre de alimentar 5.000 pessoas, Jesus fez o almoço do menino parecer tão grande na terra como era, na realidade, no céu. Ele permitiu às pessoas se beneficiarem do tamanho espiritual do almoço do menino.

Isso significa que aqueles que dão a parte menor podem, na verdade, estar dando a maior, e aqueles que doam grandes ofertas podem, na realidade, estar dando apenas uma quantidade pequena. Não precisamos nos preocupar com o fato de dar quantidades pequenas de dinheiro – se isso for tudo que temos – pois Deus pode usá-las de uma maneira imensa.

A oferta e a igreja primitiva

A história da Igreja primitiva começa com uma oferta especial de Deus. Atos 2:1–4 descreve o modo como Deus deu a Si mesmo, Seu Espírito, Seu poder, e assim por diante. Ele deu voluntariamente, sem quaisquer pré-condições, ao mesmo povo que abandonara e negara o Seu Filho algumas semanas antes.

Como consequência direta da oferta de Deus, cerca de três mil pessoas creram e foram batizadas aquele dia. Esse é o primeiro advento do princípio neotestamentário de que doações e ofertas levam ao crescimento.

A comunidade que oferta

Atos 2:42–47 descreve o que acontecia com os novos convertidos. O arrependimento deles era evidenciado por uma mudança no comportamento financeiro, e o ato de ofertar era fundamental para as suas vidas, que agora estavam comprometidas com Cristo.

Quando viam uma necessidade, eles ofertavam para atendê-la, e esse ato de ofertar levava ao louvor e adoração. A generosidade deles os fazia felizes, impressionava muito as outras pessoas e levava a um crescimento considerável da igreja.

Atos 3:1–9 mostra que a comunidade doadora tinha líderes generosos, pois relata como Pedro e João deram a um mendigo coxo. Eles não ignoraram os homens necessitados, e nem lhes deram suas moedinhas; em vez disso, prometeram dar-lhe tudo

que tinham. Não devemos nos empolgar demais com o milagre da cura, a ponto de não perceber seu espírito doador.

Atos 4:32–35 descreve a generosidade dos crentes. Mais uma vez, devemos tomar cuidado para não elevar o testemunho dos apóstolos para além do contexto dessa doação. A doação do crente era parte do testemunho da ressurreição de Jesus. Eles estavam ofertando sacrificialmente em resposta à doação sacrificial de Jesus; sua generosidade provava que Jesus estava vivo.

Há um desdobramento importante nesses versículos. Pela primeira vez, a igreja primitiva começou a organizar a oferta de modo que as doações fossem usadas de maneira mais eficiente. Em vez de somente dar diretamente ao pobre, os crentes também ofertavam para um fundo comum, que direcionava as doações para os mais necessitados.

No Antigo Testamento, os dízimos do ‘terceiro ano’ eram cobrados do povo em cada cidade, para se criar uma soma comum, de onde o pobre podia ser alimentado – e a igreja primitiva parece ter seguido esse padrão.

Ananias e Safira

Lucas – o autor de Atos – parece apresentar diversos contrastes intencionais nos seus dois livros. Vimos que ele comparou o jovem juiz rico com Zaqueu, e em Atos 4:36–5:11 ele parece comparar Barnabé com Ananias e Safira.

Barnabé vendeu um campo e deu todo o rendimento para o fundo comum da igreja. Ananias e Safira também venderam algumas posses, mas deram apenas uma parte ao fundo. Eles queriam o apreço público do dar generosamente, mas não suportavam compartilhar todo o seu dinheiro.

Pedro deixa claro, em Atos 5:4, que Ananias e Safira não tinham obrigação de vender as suas posses, e que seria para eles darem apenas parte dos rendimentos. Porém, eles mentiram – porque não podiam admitir que não dariam tudo.

As mortes de Ananias e Safira, em Atos 5:5–11, são um lembrete terrível acerca do ofertar. Do mesmo modo que a história de Israel começa com Deus rejeitando a oferta de Caim, também

a história da igreja começa com Deus rejeitando um casal cuja oferta Lhe era inaceitável.

Os problemas da oferta

Atos 6:1–7 descreve um dos primeiros problemas da igreja primitiva. O número de convertidos crescera tão rápido que, apesar do fundo comum, um grupo de viúvas estava sendo ignorado na distribuição diária de comida. Havia tanto a fazer que os apóstolos não conseguiam pregar e distribuir os fundos de modo eficiente.

Eles resolveram o problema delegando tarefas. Escolheram sete homens cheios do Espírito para serem conjuntamente responsáveis pelas finanças e por garantir que as doações das pessoas fossem administradas corretamente. E como consequência de levar a doação tão a sério, a Palavra de Deus cresceu e o número de discípulos multiplicou enormemente em Jerusalém.

Crentes doadores

Parece que, para Lucas, a generosidade é a característica básica do crente cristão. Em seu Evangelho, ele comenta repetidas vezes acerca da oferta de uma pessoa – por exemplo, o centurião de Cafarnaum, em Lucas 7:5,6, Joana e Susana, em Lucas 8:1–3, Zaqueu, em 19:8–10, a viúva, em 21:1–4, e José, em Lucas 23:50–54.

Acontece algo bem semelhante em seu segundo livro – por exemplo, Barnabé, em Atos 4:36,37, Dorcas, em Atos 9:36–39, e Cornélio, em Atos 10:1,2.

Doar a pessoas distantes

Atos 11:27–30 registra um desdobramento importante no ofertar. Barnabé e Paulo estavam ensinando crentes gentios em Antioquia da Síria – quase 400 milhas ao norte de Jerusalém – quando foram visitados por alguns profetas que previram a grande fome.

Os profetas não disseram aos crentes de Antioquia o que fazer, eles simplesmente os conscientizaram de uma necessida-

de que se aproximava. Os discípulos decidiram por si mesmos atender a essa necessidade com uma oferta voluntária para os crentes de Israel.

Até então, a doação sempre fora para necessidades locais. Os dízimos, sacrifícios e ofertas haviam sido dados para líderes locais e para o pobre das localidades próximas. Entretanto, os crentes perceberam que eles também tinham uma responsabilidade por pessoas necessitadas que não podiam ver e nunca haviam encontrado.

É interessante que esses doadores de Antioquia foram as primeiras pessoas a serem chamadas de cristãos. Se escolhermos nos chamar pelo nome deles, talvez devamos escolher ofertar como eles ofertavam também.

Paulo se despede com o assunto ‘ofertar’

Atos 20:17–37 registra o sermão de despedida de Paulo aos crentes de Éfeso, aos quais ele servira por dois anos. Ele poderia ter pregado a respeito de qualquer coisa, mas escolheu pregar sobre o ofertar. Ele poderia ter escolhido qualquer texto, mas escolheu algumas palavras de Jesus acerca do ofertar.

O ofertar tinha tanta importância nas prioridades de Paulo que ele fez desse o último tema a ser dito aos discípulos. Toda vez que esses efésios se lembrassem de Paulo, no futuro, eles certamente recordariam o seu sermão de despedida.

As palavras específicas de Jesus, em Atos 20:35, não aparecem nos Evangelhos. Porém, elas sintetizam o ensinamento dele e de Paulo – e a vida da igreja primitiva. Eles sabiam que o ato de ofertar trazia felicidade, e reconheciam que provocava o crescimento – e era o caminho de Deus para o Seu povo.

A escolha do sermão de Paulo não deveria nos surpreender, pois o livro de Atos registra que ele sempre foi adepto de levantar fundo para outras pessoas. Vimos que ele estava em Antioquia quando o povo dessa cidade ofertou generosamente para aliviar a fome, e então Paulo levou o dinheiro a Jerusalém com Barnabé. Passagens como Romanos 12:8, 13, 20 e 15:27–29 refletem a preocupação de Paulo pelos crentes ofertarem generosamente.

Dízimos e sacrifícios

Vimos que os primeiros crentes ainda pagavam dízimos aos líderes religiosos judeus e faziam os seus sacrifícios no templo de Jerusalém. Faziam isso porque eram judeus.

Entretanto, quando os gentios foram aceitos como crentes, houve certa disputa quanto a quais regras judaicas eles deveriam observar. Após uma reunião em Jerusalém, os apóstolos decidiram que os crentes gentios precisavam se abster apenas de sacramentos ilícitos, de qualquer coisa contaminada por ídolos, e da carne de animais estrangulados. Eles não tinham de oferecer sacrifícios ou ser circuncidados, ou ainda dar o dízimo segundo a Lei de Moisés.

Porém, muito embora não tivesse um sistema legalista de dízimo, a igreja primitiva ainda reconhecia que as pessoas que ministravam deveriam receber uma renda apropriada. Paulo deixa isso claro em 1Timóteo 5:17. E quando parou de oferecer sacrifícios a Deus no templo, a igreja passou a ofertar-Lhe outras formas de sacrifício. Vemos isso, por exemplo, em Romanos 12:1; Efésios 5:1–2; Filipenses 4:15–20 e Hebreus 13:16.

Alguns mestres rejeitam o dízimo como um princípio do Novo Testamento. Claramente não se trata de uma lei do Novo Testamento. Contudo, ofertar é uma parte importante de nossa adoração e dar o dízimo, especificamente, é uma resposta adequada ao reconhecimento do ministério sumo sacerdotal de Jesus.

Nesse sentido, podemos analisar a epístola aos Hebreus, um livro que exalta a pessoa e obra de Jesus como nenhum outro e que está interessado em mostrar o quanto a nova aliança de Jesus é melhor que a antiga aliança de Moisés. O autor se esforça constantemente para mostrar como a nova aliança suplanta a antiga, contudo, é válido observar o modo que ele trata a ‘velha’ questão do dízimo.

No capítulo 7, o autor de Hebreus oferece uma comparação entre dar o dízimo sob a Lei e dar o dízimo sob a graça. Ele faz distinção entre as duas alianças (a antiga e a nova), os dois sacerdócios (o de Levi e o de Melquisedeque) e os dois dízimos (o de Abraão e o da Lei). É interessante que o autor honra o dízimo

de Abraão a Melquisedeque e também enfatiza – por exemplo, em Hebreus 6:20 – que Jesus é um sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque. A inferência aqui é que assim como o dízimo de Abraão trouxe glória e honra a Melquisedeque, dar o dízimo hoje é uma reação óbvia ao ministério sumo sacerdotal de Jesus.

Entretanto, dar o dízimo não é mais uma lei e os líderes não podem e não devem forçar ou manipular os seus membros a dar o dízimo se eles não estiverem dispostos. Na Lei o dízimo era um imposto. Na graça, é um ato voluntário de ação de graças, honra e reconhecimento do ministério sumo sacerdotal de Jesus.

O dízimo atualmente é um indicador proveitoso do padrão mínimo de doação cristã, e é válido mencionar que há uma multiplicidade de bênçãos bíblicas associadas a dar o dízimo e ofertar – Malaquias 3:10 e 2Coríntios 9:6, por exemplo. Porém, em última instância, – como diz Paulo em 2Coríntios 9:7 – cada cristão deve dar conforme o que propôs em seu coração, em linha com a direção do Espírito Santo, e em proporção à sua renda e – 1Coríntios 16:2.

Falsos mestres

É evidente que havia o perigo de que alguns líderes abusassem do ensinamento de Paulo acerca da ‘dupla honra’ e pressionassem os crentes a ofertar a eles pessoalmente. O Novo Testamento aponta para esse perigo, e chama tais homens de falsos mestres– por exemplo, em 1Timóteo 6 2–13 e 2Pedro 2:3.

Cristãos ricos

Há alguns crentes que – como Barnabé, Zaqueu, Maria e Marta – são prósperos. Deus os abençoou financeiramente.

O texto de 1Timóteo 6:17–19 contém as instruções de Paulo a eles. Ele não os orienta a dar todo o seu dinheiro e empobrecer; em vez disso, Paulo os faz lembrar-se de sua responsabilidade especial de serem generosos, e o perigo de depender do tipo errado de riquezas.

Apocalipse 3:15–22 relata que a igreja em Laodiceia era rica, mas estava condenada por confiar nos tipos errados de riquezas – não por ser abastada.

Oferta generosa

Já vimos que 2Coríntios 8–9 contém mais ensinamento acerca da oferta do que outra parte do Novo Testamento. Nesses capítulos importantes, o apóstolo Paulo insta os crentes de Corinto a se equipararem à oferta dos crentes de Filipos, e oferece três razões por que os coríntios deveriam ofertar com grande generosidade:

- Para provar que o seu amor é legítimo
- Para seguir o exemplo de Cristo
- Para trazer igualdade entre os santos.

Paulo encerra esses dois capítulos sobre ofertar, em 9:6–15, com uma série de súplicas e promessas importantes. O mais relevante, ele conclui mostrando enfaticamente que o nosso ofertar deveria ser uma resposta de ação de graças à oferta de Deus, e que isso desencadeia o louvor, ação de graças e adoração entre as pessoas.

Parte Oito

Regozijo e Adoração

Provérbios 8 e 9 são alguns dos capítulos proféticos mais notáveis da Bíblia. Como vemos no volume *Ministério no Espírito*, a maioria dos profetas do Antigo Testamento fala a palavra de *Javé* e anuncia os Seus pensamentos. Em contraste, Provérbios 8:4–36 e 9:4–12 relatam palavras de Sabedoria.

Ao inferir que a Sabedoria é um ser tanto ‘divino’ como ‘distinto’ de Deus’, Provérbios 8:22–30 é uma das poucas passagens do Antigo Testamento que sugerem que Deus é ‘mais do que Um’ em natureza. Analisamos esse aspecto com mais detalhe no volume *Conhecendo o Pai*.

Vemos no volume *Conhecendo o Filho* que a maior parte das profecias do Antigo Testamento aponta para o Messias, o servo de Deus, o filho de Davi, Jesus. Provérbios 8 e 9 vão mais além disso, pois reproduzem as palavras do próprio Jesus antes de Sua encarnação. O estudo mais detalhado desses capítulos mostra que as palavras de *Sabedoria de Deus* ecoam e se cumprem de modo notável no ensinamento da *Palavra de Deus* no Evangelho de João.

Provérbios 8:22–31 é a descrição bíblica mais clara da atividade de Deus antes da criação. O versículo 30 mostra que ‘regozijar-se em um relacionamento’ estava no centro da vida de Deus naquele tempo, portanto – por causa de Sua autocoerência – deve estar no centro de Sua vida hoje e para sempre.

Deus não criou o mundo porque estava entediado, Ele o fez porque estava se regozijando nos relacionamentos consigo mesmo. A variedade, a vida, a beleza da criação é simplesmente uma

expressão ou transbordamento da alegria de Deus, nele e com Ele.

O versículo 31 descreve Deus regozijando-se no novo mundo – e esse prazer se evidencia na observação repetida muitas vezes em Gênesis 1, que Deus viu que tudo era ‘bom’.

A alegria do Senhor

Essa alegria divina está no centro da vida de Jesus. Lucas 2:10 relata que Ele veio ao mundo em novas de grande alegria; Lucas 19:37 descreve a alegria das pessoas quando Ele entrou em Jerusalém, e João 15:11 O mostra deixando a Sua paz aos discípulos ao preparar-se para deixar o mundo.

Particularmente, os dois primeiros capítulos do Evangelho de Lucas estão ligados a um cenário de regozijo intenso. Por exemplo:

- O anjo diz a Zacarias que muitos se regozijarão no nascimento de seu filho – 1:14
- As primeiras palavras do anjo a Maria foram ‘Salve agraciada (alegre-se)!’ – 1:28
- Isabel e a criancinha em seu ventre se regozijaram quando viram Maria e perceberam quem ela estava carregando – 1:44
- Maria se alegra – 1:47
- Os vizinhos se alegram – 1:58
- Zacarias se alegra – 1:64
- O anjo traz aos pastores novas de grande alegria – uma alegria que deve ser compartilhada com todo o povo – 2:10
- Os exércitos celestiais se alegram – 2:13
- Os pastores se alegram – 2:20
- Ana se alegra – 2:38

O ano do Jubileu

Lucas usa essa atmosfera geral de alegria para preparar o caminho para o anúncio de Jesus, em Lucas 4:18,19 – assunto que analisamos no volume *Alcançando o Perdido*.

Muitos estudiosos estão convencidos de que a ‘declaração da

missão' de Jesus foi uma proclamação de um ano de jubileu. Em Lucas 4:19, Jesus declara que foi ungido com o Espírito para anunciar 'o ano aceitável do Senhor'. Esse é o 'ano do favor do Senhor', o ano que Deus foi afavelmente apontado para mostrar a Sua salvação.

Isso parece mesmo apontar para o 'ano do jubileu', que foi estabelecido em Levítico 25. Era um ano de liberação que ocorria a cada 50 anos, quando os campos eram deixados sem plantio, as dívidas eram pagas, escravos eram libertos, e toda propriedade era devolvida ao dono original.

Se isso estiver certo, significa que 'o ano do jubileu' – como todas as outras festas rituais, sacrifícios e cerimônias do Antigo Testamento – era um símbolo profético ou prefiguração da realidade da missão salvífica de Jesus. Por mais maravilhoso que o ano do jubileu fosse, ele apenas apontava para o jubileu final que foi anunciado e cumprido por Jesus.

O ano do jubileu era um tempo de júbilo sem fim, que celebrava a provisão generosa e afável de Deus. Levítico 25:21 mostra que se podia confiar nele para a provisão do que era necessário, e o regozilho do ano todo era fundamentado nessa liberdade da preocupação e cuidado.

Se Jesus estava declarando que havia sido ungido para marcar o início do ano supremo do jubileu, isso significa que a era da salvação deveria ser desfrutada com contentamento sem fim, baseado na provisão generosa de Deus.

Deve estar claro que o júbilo, o grande contentamento, é a única resposta correta quando o pobre e o ferido ouvem as boas-novas, quando os cativos são libertos, quando o cego recebe a visão, e quando o oprimido é libertado.

É claro que há enormes implicações sociais no conceito de um ano perpétuo de jubileu, pois não podemos simplesmente 'espiritualizar' a reestruturação sistemática dos planos sociais para proporcionar maior igualdade.

A salvação dada por Jesus promoveu um nível de perdão, cura, libertação e igualdade que era inimaginável nos jubileus do Antigo Testamento. Sua salvação, entretanto, não aboliu as

dimensões sociais dos jubileus do Antigo Testamento; ao contrário, cumpriu-as e finalizou, e trouxe-as a um patamar muito mais elevado.

Independente da dificuldade que tenhamos de entender e trabalhar com as dimensões seculares de salvação que analisamos no volume *Conhecendo o Pai*, não devemos jamais esquecer que Jesus estava inaugurando o júbilo perpétuo. De acordo com Ele, a era da salvação, a era do Espírito, a era da igreja, devem ser uma era de grande júbilo.

O júbilo que está no centro da existência de Deus deve suprir o Seu povo. A alegria que Deus sentiu dentro de Si deve ser a nossa alegria nele. A alegria que Ele expressou diante da visão de Sua criação original deve ser a nossa alegria um com o outro, e com toda a criação. A alegria que Ele expressou diante da visão de Seu Filho em Seu batismo e transfiguração, deve ser a nossa alegria em Seu Filho e Sua glória, e assim por diante.

Vimos que nossa resposta a Deus deveria ser determinada por Sua revelação a nós – de que damos porque Ele dá, servimos porque Ele serve, sacrificamos porque Ele sacrificou, e assim por diante. Do mesmo modo, nossa resposta à Sua revelação da alegria e júbilo deveria ser o viver em júbilo perpétuo do Espírito, com grande regozijo.

A alegria bíblica

Nas Escrituras, a alegria é sempre uma qualidade em vez de simplesmente uma emoção. Baseia-se em Deus, é derivada dele, é uma característica definidora de Seu povo, e é uma amostra da alegria de estar com Deus para sempre no reino celeste. Vemos isso, por exemplo, em Salmo 16:11; Romanos 15:13; Filipenses 4:4; 1 Pedro 1:8 e Apocalipse 19:7.

A alegria no Antigo Testamento

Simchah e *sameach* são as palavras hebraicas comuns para 'alegria' e 'regozijar-se'. Elas se expressam na celebração em festas regulares e sacrifícios – Deuteronômio 12:6–7; 1 Samuel 18:6 e 1 Reis 1:39,40.

Simchah não era expressada somente em eventos pré-planejados, pois o Livro de Salmos mostra que a alegria espontânea era parte da adoração pública e individual – por exemplo, Salmo 4:7; 42:4; 43:4 e 81:1.

A alegria é um tema específico do profeta Isaías: ele revela que a alegria se associa com a plenitude da salvação de Deus e será concluída e cumprida no futuro – por exemplo, Isaías 49:13 e 61:10,11.

A alegria no Novo Testamento

Chara e *chairo* são as palavras gregas mais comuns para ‘alegria’ e ‘regozijar-se’. Elas se referem à ‘alegria intensa’ e estão intimamente ligadas à *charis* – que é a palavra grega para ‘graça’.

A relação entre *chara* e *charis* deve sugerir que *chara*, a alegria humana, é a única resposta apropriada para *charis*, a graça divina. João 15:11 e 16:22–24 declaram que é o próprio Jesus que comunica a Sua alegria, e esse é o resultado de nossa comunhão profunda com Ele por meio de Sua graça.

Atos 2:46; 8:8; 13:52 e 15:3 mostram que essa alegria intensa caracteriza a vida da igreja primitiva: por exemplo, ela acompanha o dom do Espírito, os milagres realizados em nome de Cristo, a conversão dos gentios e a celebração da Ceia do Senhor.

Em suas cartas, o apóstolo Paulo ensina quatro fatos básicos acerca de *chara*:

- A conversão e o progresso cristão de novos crentes é causa de alegria – Filipenses 2:2 e 1 Tessalonicenses 2:19,20
- Sofrer pelo bem de Cristo pode levar à alegria, porque é produzida pelo Senhor e não por nós – 2 Coríntios 6:10 e Colossenses 1:24
- É um fruto dinâmico do Espírito Santo – Gálatas 5:22
- Todo crente é chamado a compartilhar a alegria de Cristo por meio da comunhão com Ele e da prática do regozilho no conhecimento dele e de Sua salvação – Filipenses 3:1; 4:4 e 1 Tessalonicenses 5:16

A alegria intensa baseada na graça é tão comum no Novo

Testamento que é fácil deixar passar despercebida a grande variedade de motivos razoáveis e ocasiões de regozijo que ela descreve. Os crentes cristãos são apresentados como quem se regozija, por exemplo:

- No Senhor – Filipenses 3:1 e 4:4
- Em Sua encarnação – Lucas 1:14
- Em Seu poder – Lucas 13:17
- Em Sua presença com o Pai – João 14:28
- Em Sua presença com eles – João 16:22 e 20:20
- Em Seu triunfo final – João 8:56
- Em ouvir o Evangelho – Atos 13:48
- Em sua salvação – Atos 8:39
- Em receber o Senhor – Lucas 19:6
- Em ter o nome escritos no céu – Lucas 10:20
- Em sua liberdade em Cristo – Atos 15:31
- Em sua esperança – Romanos 12:12
- Em sua recompensa – Mateus 5:12
- Na obediência de outros crentes – Romanos 16:19 Na proclamação de Cristo – Filipenses 1:18
- Na colheita do Evangelho – João 4:36
- No sofrimento com Cristo – Atos 5:41
- No sofrimento pela causa do Evangelho – 2Coríntios 13:9
- Pelo sofrimento na perseguição – 2Coríntios 6:10
- Pela manifestação da graça – Atos 11:23
- Na reunião com outros crentes – 1Coríntios 16:17 Em receber sinais de comunhão – Filipenses 4:10
- No regozijo dos outros – Romanos 12:15
- Em saber do bem-estar de outros – 1 Tessalonicenses 3:6

Quando atentamos para a presença de alegria intensa e grande regozijo no Novo Testamento, começamos a perceber um espírito feliz de festividade, que nem sempre está evidente em muitas seções da igreja hoje.

Porém, não desfrutaremos uma vida verdadeiramente bíblica se nosso serviço dedicado e nossa boa doutrina não forem aliviados com momentos de celebração intensa na alegria do Senhor.

O sacrifício de louvor

Neemias 8:10 provavelmente seja o versículo mais conhecido acerca da alegria, e mostra que a alegria de Deus é que nos faz fortes. As pessoas não conseguem perseverar em muitas coisas sem a alegria. Podemos começar praticamente qualquer coisa pelo ato da vontade própria, mas não venceremos as dificuldades e adversidades sem a experiência ou perspectiva da alegria real.

Nesta *Série A Espada do Espírito*, nós mencionamos com frequência a ‘obediência ao evangelho’ e a contrastamos com a obediência que Deus exigia na Antiga Aliança. Sem um espírito de alegria, porém, a obediência ao evangelho pode tornar-se um dispositivo sem vida, com pouca diferença da obediência legal dos fariseus judeus.

Nossas palavras e ações devem caracterizar-se pela alegria intensa e grande ação de graças, porque as nossas palavras e ações devem ser uma resposta à iniciativa afável de Deus. Nós falamos e fazemos somente o que O ouvimos dizer, e porque vêm do Deus totalmente autocoerente, nossas palavras e atos vêm envolvidas em Sua alegria pessoal.

O caminho para a alegria

Embora possamos dizer que somos chamados a obedecer a Deus com alegria por causa de Sua graça, também podemos dizer que a alegria vem pela graça por meio da obediência – que a alegria resulta da obediência.

Em Lucas 11:27,28, por exemplo, Jesus ensinou que as pessoas que vivem em obediência à Palavra de Deus são mais bem-aventuradas até mesmo que a Sua mãe, a que deu à luz o Messias.

É por esse motivo que o Novo Testamento chama para o sacrifício caro do louvor. Nós não obtemos a alegria simplesmente por cantar determinadas canções de um modo específico; nós a obtemos por meio do sacrifício, por meio da obediência ao evangelho.

Nós analisamos as ‘bem-aventuranças’ de Jesus em Mateus 5:3–12 com certo detalhe no volume *O Governo de Deus*, e

vemos que elas envolvem o progresso espiritual, o qual tem seu clímax no regozijo e grande contentamento.

Muitas versões mais antigas da Bíblia traduzem *makarios* como 'bem-aventurado/abençoado' para enfatizar que a qualidade vem de Deus. Outras traduções modernas, contudo, traduzem *makarios* como 'feliz', porque a palavra sugere a ideia de um 'sorriso largo'.

Precisamos entender essas duas ideias, pois Jesus está dizendo que as pessoas terão sorrisos de alegria *dados por Deus* – e uma atitude condizente no interior do coração – quando viverem do jeito dele. Jesus chama para um estado de contentamento cheio de alegria nas bem-aventuranças, e está mostrando que isso é resultado do ouvir a Palavra de Deus e obedecê-la – é resultado da obediência ao evangelho.

Isso significa que não podemos conhecer a alegria legítima até que Deus tenha transformado o modo que lidamos com os eventos comuns da vida do tipo 'Sermão do Monte'. Se Mateus 5:13–7:29 é uma série de exemplos das bem-aventuranças em ação, também é uma descrição de uma vida que produz alegria.

Na adoração pública da igreja hoje, alguns líderes parecem quase que tentar 'animar' as pessoas com alegria, sendo que nada mais mudou em seus cotidianos – quando ainda não permitiram que Deus penetrasse na rotina de suas vidas diárias. Contudo, a celebração santa que ocorre 'em espírito e em verdade' pode brotar somente de vidas que foram transformadas por Deus e estão sendo renovadas pelo Espírito Santo.

Regozijo contínuo

Em Filipenses 4:4–20, o apóstolo Paulo ensina sobre o regozijar-se. Ele:

- instrui-nos a regozijarmo-nos continuamente no Senhor – versículo 4
- associa o regozijo com gentileza – versículo 5
- apresenta os dois aspectos do regozijar-se: Não estar ansioso por coisa alguma; e fazer petições a Deus com ação de graças – versículo 6

- descreve os resultados do regozijio; a paz do próprio Deus guardará os nossos corações e mentes em Cristo Jesus – versículo 7

Nessa passagem importante, Paulo ensina como podemos regozijar-nos continuamente – e suas primeiras instruções são para ‘não estarmos ansiosos por coisa alguma’.

Jesus deu um conselho bem semelhante em Mateus 6:25, e esse conselho claramente segue a promessa de Levítico 25:21, de que Deus proverá para o jubileu, de modo que o regozijio durante o ano todo pode basear-se na liberdade da preocupação e cuidado.

Não conseguiremos regozijar-nos ‘em espírito e em verdade’ até que tenhamos aprendido não ficarmos ansiosos por coisa alguma. E nós não teremos uma indiferença despreocupada em relação às coisas até que tenhamos aprendido a confiar em Deus completamente.

No Antigo Testamento, simplesmente não era possível para ninguém celebrar o jubileu, a menos que confiasse profundamente na capacidade e vontade de Deus prover o suficiente para as suas necessidades. Assim também, na época do jubileu perpétuo do Espírito, não conseguiremos regozijar-nos continuamente no Senhor, a menos que dependamos inteiramente de Deus para prover o que necessitamos.

Porém, Paulo não para no versículo 7. Ele vai adiante para instruir-nos a colocar as nossas mentes em todas as coisas da vida que são nobres, justas, belas, virtuosas e dignas de louvor. Assim como Deus se regozijou e teve prazer na criação, assim também nós deveríamos focar tudo que é bom na vida. Esse é outro caminho apontado divinamente para a alegria do Senhor.

Muitos crentes pensam que terão alegria somente louvando e cantando. Porém, essas são expressões de alegria em vez de o caminho exclusivo para ela. Se confiarmos inteiramente em Deus e suprimos as nossas vidas com as coisas simples e belas de Sua criação, conheceremos a alegria. A promessa é absoluta.

É por isso que o louvor é um sacrifício, e a adoração é um serviço. Nossa vontade inclui profundamente a obediência ao

evangelho, a confiança completa em Deus e colocar nossas mentes em coisas nobres e belas. É um modo de pensar e agir escolhido de forma consciente – mas não é uma forma de esforço próprio.

Como vemos ao longo desta série, em cada área do Espírito, quando respondemos com fé à iniciativa afável do Pai, Sua cura alcança os recônditos internos de nossas vidas para desenvolver nossa fé e fortalecer nossa confiança – o resultado inevitável é a alegria no Senhor, e dele proveniente.

Expressões de regozijo

Jesus se regozijava tão plenamente na vida que os líderes religiosos de Seus dias O acusavam de ser um glutão e bebedor. Infelizmente, sempre houve na igreja pessoas mais preocupadas com o que chamam de ‘reverência’ do que o que a Bíblia chama de regozijo.

Os seguidores ‘relapsos’ de Cristo deveriam ser os homens e mulheres mais livres, os mais animados, os mais interessantes e os mais estimulantes. O regozijo agrega festividade ao nosso serviço para nos tornar pessoas verdadeiramente completas, que estão de fato vivendo na imagem de nosso Deus, o qual se regozija, e lava pés.

Vimos nas Partes Três e Quatro como o povo do Antigo Testamento O louvava com música e hinos, com gritos e danças, com corais e músicas proféticas, com festivais e celebrações, com o doar-se e a hospitalidade, no templo e na casa da família.

Temos muito que aprender com a variedade rica do seu louvor. Porém, temos de reconhecer que se trata de exemplos de regozijo, em vez de formas bíblicamente exigidas. Na Parte Nove, examinamos o uso da expressão criativa na adoração, que pode incorporar toda a gama de emoções humanas e praticamente todas as artes criativas.

Precisamos aprender, como Pedro, em Atos 10, que nada que vem da mão afável de Deus é impuro; e precisamos perceber que somos livres para celebrar a graça e bondade de Deus com todo tipo de arte e trabalhos manuais, com todo traço do

nosso ser e de maneiras que são especialmente relevantes para a nossa época e cultura.

Embora não possamos fabricar a alegria espontânea, podemos transformar eventos familiares regulares – como, por exemplo, aniversários – em momentos especiais de celebração. E embora as festas que se baseiam no ano agrícola – como o Rito de Penitência e a Colheita – possam não ter relevância para as igrejas urbanas, podemos pegar outras festas de nossa cultura e usá-las criativamente como ocasiões de celebração legítima.

Por exemplo, em vez de reclamar do Halloween, poderíamos encher as nossas igrejas e casas com luzes e celebrar a vitória de Cristo sobre as trevas. Do mesmo modo, visto que a noite de 31 de outubro é o momento tradicional para lembrar-se dos santos que já morreram, nós podemos celebrar as vidas de crentes que Deus tem usado de maneira excelente em nossa igreja e tradição, e podemos contar suas histórias às novas gerações de crentes.

Podemos resgatar as grandes festas cristãs como Natal, Páscoa, Dia da Ascensão e Pentecoste, e transformá-las em momentos especiais de celebração santa. Podemos criar ocasiões especiais em que celebramos a volta de Cristo e a Bíblia, missões estrangeiras e a obra de Deus em outra parte de nosso país. E aqueles que vivem em comunidades com múltiplas raças podem aprender a desfrutar a culinária, música, dança e formas de arte de outras culturas.

O povo de Deus no Antigo Testamento tinha pelo menos sete festas grandes em cada ano, e algumas delas duravam sete dias. Como vimos, elas focavam aspectos diferentes da tratativa de Deus para com a nação e eram momentos de festejo e regozijo, de música e gritaria, de arrependimento e compromisso renovado, de vida comunitária verdadeira.

Acima de tudo, as festas do Antigo Testamento possibilitavam ao povo de Deus afastar-se de suas vidas domésticas e entender e provar da identidade nacional essencial.

Há um princípio santo nesses eventos: Embora, em Cristo, tenhamos sido redimidos das regras do Antigo Testamento

sobre o Sabat, ainda precisamos viver pelo seu princípio mais profundo, que é o descanso sistemático do trabalho. Do mesmo modo, embora Cristo tenha cumprido todas as festas do Antigo Testamento, nós ainda precisamos criar espaço para festas em nossas vidas, de maneira que possamos apreciar e desfrutar a identidade da igreja e a unidade do corpo.

A alegria do Senhor é a nossa força, e os eventos comemorativos parecem nos dar um pique que nos capacita a perseverar nos períodos mais mundanos do ano. Este é o padrão de vida de Deus, pois Ele criou um mundo cheio de estações, com épocas de calor e frio, latência e crescimento, florescimento e colheita, noite e dia etc.

Regozizar-se no Senhor nos dá a força para servir a outros, supre-nos de inspiração para adorá-Lo nos detalhes comuns de nossas vidas, e nos equipa com a alegria de dar generosamente ao necessitado e à obra de Deus.

Quando começarmos a encher as nossas vidas com o serviço santo, com o dar santo e o regozizar-se santo, seremos pessoas que estarão começando a ser os adoradores que o Pai está procurando – nós estaremos adorando-O em espírito e em verdade.

Parte Nove

Adoração e Criatividade

Ao longo de todo este volume temos enfatizado que a verdadeira adoração é a adoração em espírito e em verdade. O Pai busca aqueles que O adorem na sinceridade de seus corações, como são capacitados pelo Espírito Santo e iluminados pela revelação da Palavra de Deus. Nas Partes Dois e Cinco, vimos que adoração é mais do que os atos de adoração coletiva que ocorrem nos cultos da igreja. Tem a ver com o todo da vida vivida perante Deus. Os atos coletivos de adoração são insinceros e vazios se não representarem o transbordar de vidas vividas na presença de Deus por meio de atos de adoração e de um viver digno no mundo. Uma vida verdadeiramente cheia com o Espírito não demonstrará apenas a adoração alegre que Paulo descreve em Efésios 5:18–21, mas também levará a uma vida cheia do Espírito no casamento, em casa, na família e no local de trabalho, conforme Paulo expõe em Efésios 5:22–6:9.

Em Mateus 15:8 e Marcos 7:6, Jesus aplicou a profecia de Isaías 29:13 aos atos vazios de adoração, tão comuns em seus dias. Todas as formas de expressão externa de adoração, que não sejam a expressão legítima do coração, são vazias e ofensivas a Deus. Contudo, faz parte da própria essência da adoração expressar-se de formas externas, especialmente por meio de palavras de adoração, confissão, contrição, ação de graças, petição, louvor e alegria. As palavras não são a única maneira de se comunicar com Deus e expressar a nossa adoração. Os atos físicos de dar e servir também são uma parte inquestionável dessa adoração. De fato, como Paulo diz em Romanos 12:1,2, Deus

nos chama a apresentar nossos corpos como sacrifícios vivos a Ele, em adoração, que é a resposta única e razoável à Sua graça e misericórdia em nossas vidas.

A adoração é física e também espiritual. O texto de 1Coríntios 6:19,20 mostra que somos chamados a glorificar Deus em nossos corpos, tanto quanto em nossos espíritos. Como crentes, toda nossa personalidade (física, emocional, intelectual e volitiva) está debaixo do controle do Espírito Santo e a adoração deveria ser expressada ao Pai por intermédio de todos esses aspectos de nossa humanidade. Toda capacidade que Deus dá a nós, Sua criação humana, é para o propósito específico de glorificá-Lo. Uma forma santa de arte é o resultado da expressão criativa produzida pela aproximação de Deus a nós e por nossa resposta a Ele. Também é o resultado do Espírito atraindo outros a Cristo, de uma maneira criativa.

O dom da criatividade

A humanidade foi criada à imagem de Deus. Isso significa que compartilhamos as habilidades de Deus de maneira limitada e finita. Somos seres racionais capazes de pensar, escolher, sentir e expressar-nos por meio da linguagem e atos físicos. A dignidade de nossa humanidade se encontra em quem Deus nos fez para ser e em o que somos chamados a ser perante Ele. Somos criados para adorá-Lo e glorificá-Lo e isso certamente significa que devemos usar todas as nossas forças, todos os nossos dons e capacidades para honrar o Seu nome neste mundo e em nosso relacionamento com Ele.

Os seres humanos são inerentemente criativos, e essa criatividade é um dom de Deus. É uma expressão da capacidade que se assemelha à dele, e que Ele nos deu. Deus cria do nada, conforme ensina Gênesis 1:1, João 1:1–3 e Hebreus 11:3. O universo que existe veio a existir pela Palavra que é Cristo, e é sustentado por esse mesmo poder criativo. Colossenses 1:15–17 deixa isso claro e acrescenta que toda a ordem criada endossa a preeminência de Cristo e existe para glorificá-Lo. Isso significa que a nossa criatividade deveria ser usada para louvar a gran-

deza e majestade de Deus. A criatividade é uma das mais importantes e preciosas de todas as habilidades humanas. Nunca somos mais semelhantes a Deus do que quando estamos sendo criativos. Diferentemente de Deus, nós não criamos a partir do nada, mas podemos entrar no reino de sua criatividade e dar demonstração do Seu potencial de criatividade em nós. Cada simples invenção e cada simples estágio de progresso que a humanidade faz na descoberta científica, pesquisa, conhecimento e arte é uma expressão da criatividade que Ele tem nos dado.

A tragédia é que, como seres humanos caídos, usamos nossa criatividade, muitas vezes, para usurpar a autoridade de Deus sobre nós. Abusamos de nossa capacidade criativa quando desonramos Deus em vez de glorificá-Lo. Os efeitos são desastrosos. Físicos nucleares produzem bombas para destruir outras pessoas, avanços médicos levam a pessoas 'brincarem de ser Deus' com a genética humana, e a arte se torna um meio básico de comunicar a queda em vez de glorificar a Deus. Como novas criaturas em Cristo Jesus, deveríamos certamente estar preocupados com esse abuso da criatividade, e como adoradores de Deus, deveríamos certamente nos ocupar com os negócios do Pai em ver todos esses aspectos da criatividade voltarem ao plano original que Ele traçou. Isso inclui ver a arte se tornar um veículo da glória de Deus no mundo e ver a criatividade trazida para a vida dos cristãos, como indivíduos e coletivamente.

A arte na sociedade

A arte, de uma forma ou outra, entrelaçou-se no tecido da sociedade humana, desde o início até os dias atuais. As sociedades primitivas tinham suas pinturas rupestres nas cavernas. Contavam a história de suas tribos por meio de canções, sagas, poesia e música. A sociedade medieval usava a arte para a contação de histórias religiosas em pinturas, afrescos e vitrais. As sociedades orais contaram com esse meio para se comunicar com as massas. A igreja foi um patrono das artes por muitos anos. Podemos salientar a obra de destacados mestres, como Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rembrandt. Grandes compositores,

como Handel que nos deu *Messias*, uma obra que foi escrita em poucas semanas, porém, carrega o toque de inspiração divina. Grandes poetas nos deram interpretações artísticas da verdade bíblica, como Milton, em *Paraíso Perdido*. Arquitetos construíram excelentes igrejas e catedrais para a glória de Deus. De fato, quase todo segmento das artes foi usado numa época ou outra para refletir a glória de Deus no mundo.

Até mesmo os artistas sem a fé consciente em Deus refletem algo de Sua bondade quando se dedicam ao seu dom, criando música inspirada e obras de talento artístico. Esses artistas têm enriquecido a vida cultural e estética de bilhões de pessoas em todas as eras. Arte tem a ver com visão. Ela é a capacidade de perceber e comunicar essas percepções de vida e realidade a outras pessoas utilizando um meio artístico específico. Os romances de Charles Dickens, como *Oliver Twist*, despertaram a consciência social da Bretanha Vitoriana e ajudaram a trazer mudanças na legislação em termos de ajuda ao pobre. Esse elemento 'profético' pode ser visto em quase toda geração da história da arte. Os filmes atualmente são as parábolas da época, e com grande frequência, tratam de questões reais da vida e do viver, fazendo perguntas pungentes e às vezes expondo as fraquezas dos valores aceitos da época.

Tudo isso nos dá uma ideia do que a arte pode ser. A arte é uma tragédia quando Deus não é reconhecido como a fonte de talento artístico e quando os artistas usam os seus talentos para glorificar a si mesmos ou para trabalhar contra os propósitos de Deus. A arte é um meio poderoso de comunicação e pode ser usada tanto para o bem quanto para o mal. Os governos, e outros que buscam controlar a sociedade, usam a arte como um meio de propaganda. O poder da arte é que ela expressa aquilo que não pode ser reduzido a uma descrição simples dos fatos. Ela comunica emoção e expressa o intangível de uma maneira que a comunicação fria das informações jamais pode alcançar.

Não é de se admirar, então, que o diabo use a arte para promover os seus propósitos. A arte foi corrompida e mantida cativa pelo pai da mentira, que espalha sua mensagem de pecado e

desespero por meio de tais formas de arte como música, literatura e cinema. É hora de os cristãos se envolverem plenamente neste mundo e trazê-lo de volta ao seu propósito verdadeiro e original de inspirar, iluminar e provocar, por meio da apresentação quase sempre desconfortável da verdade, obtendo impacto emocional.

Dois Testamentos, uma Bíblia

Ao longo desta Série *A Espada do Espírito*, mostramos que o Antigo Testamento é a base de cada ensinamento do Novo Testamento. Esforçamo-nos para contar que toda a doutrina de Cristo tem sua raiz na revelação do Antigo Testamento. Mostramos na Parte Cinco deste volume que os princípios de adoração do Antigo Testamento, descritos nas Partes Três e Quatro, são o alicerce da adoração no Novo Testamento. Porém, também entendemos que o padrão e as formas de adoração do Antigo Testamento diferem radicalmente da adoração em espírito e em verdade de que Jesus fala em João 4. Não há pessoas, lugares, vestimentas ou objetos especiais que sejam mais santos que outros, e evitamos qualquer padrão de adoração baseado em tais formas do Antigo Testamento. Não precisamos de sacerdotes, templos, roupas especiais, ritos religiosos, cerimônias, sacrifícios, festas santas, alimento especial ou cultos preparados para podermos adorar a Deus. Nós adoramos pelo espírito, e não confiamos na carne, conforme Paulo diz em Filipenses 3:3. Em vez de tomar como modelo para adoração os modelos ultrapassados da 'adoração carnal' do Antigo Testamento, nós tomamos os princípios espirituais que nortearam os padrões do Antigo Testamento e os aplicamos às nossas vidas por meio da criatividade do Espírito.

A igreja caiu no erro em várias épocas da História ao instituir uma classe especial de pessoas (sacerdotes), que desempenham atos especiais (por exemplo, consagração do pão e vinho), e alegam ter poderes especiais (remissão de pecados). Essas formas de adoração se baseiam nas sombras transitórias da adoração no Antigo Testamento. Como mostram Colossenses 2:17 e Hebreus 8:5 e 10:1, essas sombras apontam para a

substância de Cristo, e quando a realidade está presente, as formas antigas de adoração se tornam arcaicas. Adoração em espírito e em verdade significa que adoramos no Espírito e rejeitamos formas externas de adoração física nos moldes do Antigo Testamento. Essas formas tiveram lugar no plano de Deus para preparar a vinda de Cristo, porém, agora todos nós devemos nos aproximar do Pai pelo Espírito e adorá-Lo na realidade de nossos corações renovados.

Isso tem levado alguns líderes cristãos a rejeitar virtualmente todas as formas de expressão criativa na adoração coletiva. Eles dizem que expressões externas, como bater palmas, dançar e fazer teatro não se incluem no ensinamento do Novo Testamento sobre adoração. Eles destacam que não há exemplos no Novo Testamento de dança, teatro ou outras formas de artes visuais ou de atuação usadas na adoração. Alguns chegaram até o ponto de dizer que, como não existem exemplos de instrumentos musicais sendo usados na adoração no Novo Testamento, então agora eles são proibidos por Deus. Alguns até rejeitaram o uso de hinos escritos por homens e mulheres e insistem que a única forma legítima de adorar a Deus é usando as palavras dos Salmos. Aparentemente, eles excluíam Salmos como o 150, que ordena expressamente que se louve a Deus com o tamborim e com a dança!

Tudo isso nega a cristãos adoradores uma das capacidades mais básicas e maravilhosas que Deus concedeu à humanidade, e essa capacidade é ser criativo. A criatividade cheia do Espírito será uma das maneiras mais naturais e aceitáveis de expressar a nossa adoração e amor a Deus. Deus Pai criou o mundo por meio do Deus Filho, pelo Deus Espírito. É certo que a Trindade se regozija quando a adoramos usando todos os nossos dons de expressão criativa. O fato de essas coisas não estarem prescritas ou formalizadas no Novo Testamento não significa que Deus as proibiu. Em vez disso, significa que somos livres para sermos guiados pelo Espírito, dentro dos limites das Escrituras, para expressar a nossa adoração conforme Ele direcionar. O Novo Testamento não prescreve qualquer forma única e específica de

adoração. Essas coisas podem variar ocasionalmente e de lugar para lugar, segundo os fatores culturais. Nós não seguimos os códigos de adoração do Antigo Testamento, mas aprendemos com eles, verdadeiramente, os princípios neotestamentários de alegria, louvor e criatividade. Há dois Testamentos, porém uma única Bíblia! É certo que o mesmo Espírito que encheu Bezalel e lhe deu capacidade criativa para fabricar os itens para o tabernáculo de Moisés pode nos encher com criatividade, de modo que possamos adorar a Deus hoje com todos os traços do indivíduo, dons e capacidade. Êxodo 30:30–35 mostra não apenas como Bezalel recebeu capacidade especial para o *design* artístico, mas também que ele recebeu de Deus a capacidade para ensinar essa aptidão a outras pessoas. Claramente, Deus tem um lugar para a arte, tanto em Seus propósitos gerais como na área específica da adoração.

A arte na vida da igreja

A Bíblia, em última análise, é a Palavra de Deus para a humanidade. Porém, as Escrituras também são uma coleção do que se pode ver como obras de escrita criativa. Deus usou homens com visão artística para ‘ver’ o mundo pelos olhos dele, e para comunicar essa revelação por meio da interpretação e apresentação criativas da Sua verdade, ao Seu povo e ao mundo em geral. Vemos Deus usando poetas assim como pescadores, músicos juízes e dramaturgos e também pastores de gado. Algumas das obras dos profetas mostram a arte em sua forma mais elevada de expressão. Pense na poesia nobre de Isaías, no romance em Cântico dos Cânticos, e nas mímicas feitas por Ezequiel, bem como o drama representado na vida de Oseias, cuja vida de amor e compaixão é uma parábola representada para todos verem. Verdadeiramente, as Escrituras revelam o Deus criativo em ação.

Como temos visto, a criatividade de Deus trouxe a antiga criação à existência, mas Ele também usa o Seu poder criativo para recriar-nos em Cristo. Somos a obra de arte de Deus em Cristo. Efésios 2:10 mostra essa obra criativa de Deus na nova

criação. Paulo diz que somos 'feitura' Sua, Sua 'expressão criativa' em Cristo. A palavra usada é *poiema*, da qual deriva a palavra 'poema'. É por isso que podemos ter certeza de que Deus quer que usemos a arte na igreja como um meio poderoso de comunicar-se com Ele e com outros. A adoração deve envolver toda expressão de criatividade que seja possível, em submissão ao Espírito Santo.

Usando a arte na adoração

A arte tem a ver com imaginação criativa. As verdades espirituais se tornam ricas, reais e tangíveis por meio da meditação e reflexão criativas. A expressão artística concreta faz a verdade espiritual pessoal, relevante, compreensível, acessível e atraente. Jesus usava princípios artísticos em Seu ensinamento ao desenhar figuras brilhantes e memoráveis nas mentes das pessoas e ao inventar, de modo criativo, histórias com personagens reais, representando situações concretas e cotidianas que ligavam os Seus seguidores às verdades do reino. Nossa adoração também pode se tornar mais bela e relevante por meio da arte. A arte pode nos ajudar a adorar a Deus de modo mais fervoroso e significativo, já que as formas de arte usadas na adoração nos ajudam a pensar em Deus com detalhes impressionantes e ricos, e assim nos ajudam a expressar o que de outro modo seria menos expressível.

São quase infindáveis as maneiras que as diferentes mídias artísticas podem representar uma parte significativa da nossa experiência de adoração:

Música

A beleza da música é a de uma 'linguagem universal' dando plena expressão a toda gama de emoções humanas, como alegria, tristeza, paz, tranquilidade e amor

Canção

Os autores de canções têm a aptidão de usar a linguagem que expressa ideias, pensamentos e sentimentos na forma de pala-

bras que podem comunicar, de maneira clara e eficaz, o âmago do coração humano.

Pintura

Quadros importantes capturam conceitos e temas do coração humano na forma concreta. As imagens falam mais alto e quase sempre de maneira mais eloquente do que a linguagem prosaica e abrem o centro da revelação de Deus. Locutores talentosos usaram a linguagem gráfica e pictórica para comunicar a verdade, e as artes visuais a levam a outro patamar.

Dança

O corpo humano é um dom de Deus e é tremendamente adaptável a expressar-Lhe adoração. Atos físicos de movimento, mudança de postura como ajoelhar-se e levantar as mãos são todas expressões naturais e significativas do espírito humano em uma gama de contextos humanos. A dança pode pegar essa aptidão e transformá-la em expressão poderosa de adoração e declaração profética.

Teatro

A representação de situações, cenários e histórias diminui a distância da comunicação entre os atores e o público. O teatro pode agregar uma dimensão significativa à adoração, já que as pessoas podem se enxergar no teatro e, por meio dessa percepção, responder a Deus de um modo mais profundo que antes.

Poesia

A boa poesia evoca imagens e comunica ideias, pensamentos e sentimentos de um modo refinado e estiloso. A expressão poética pode ser rica e iluminadora. A adoração é enriquecida na medida em que o racional e comum assumem novo significado, apontando-nos para a presença e a atividade de Deus no mundo.

Arquitetura

A arquitetura pode ajudar a promover o contexto para uma experiência significativa de adoração. As sinagogas judaicas eram projetadas com um pátio separando o burburinho da vida cotidiana e a área principal destinada à adoração e ao ensino da Palavra. Isso dava às pessoas uma oportunidade de sair do domínio da vida diária, com os seus cuidados e distrações, e as ajudava a prepararem-se para focar Deus. Prédios de igrejas bem projetados ajudam a oferecer um espaço conducente à adoração. Às vezes, significa ter um espaço amplo aprimorado pelo uso correto da iluminação e decoração, que atraem os olhos e com eles o espírito humano em direção a Deus.

Filme

Os filmes são as parábolas da época e as técnicas cinematográficas podem tirar as pessoas de dentro de si e levá-las a outro mundo, onde podem ver e viver uma experiência que as enriquecem e transformam. Os vídeos ou o uso de multimídia podem intensificar a adoração nessa era tecnológica e visual.

Decoração

A decoração bem pensada não apenas enfeita o edifício, mas também pode ajudar a criar um ambiente conducente à adoração. A decoração de um edifício pode expressar a natureza e caráter de Deus. Cores quentes falam da bondade de Deus, cores vivas falam da glória e da vida de Deus, tons de verde falam do descanso de Deus e de Seu mundo natural etc.

Púlpito

O modo que a plataforma é colocada pode ajudar ou atrapalhar a experiência da adoração. A disposição dos assentos em forma de teatro favorece a participação do público na pregação, ensino e condução da adoração. Assentos flexíveis ajudam a adaptar uma sala para a comunicação e comunhão uns com os outros. Essas coisas devem ser pensadas com cuidado e criatividade, a fim de enriquecer a experiência de adoração da igreja.

Evitando os perigos

A arte pode ser perigosa. Pode transtornar tanto quanto encorajar. Pode advertir, bem como informar. Essas coisas são boas. Entretanto, a arte também pode seduzir e enganar. Não é de surpreender que o inimigo de nossas almas tenha se infiltrado nesse aspecto da cultura humana. Ele sabe que por meio da arte dá para convencer o coração, cegar os olhos e persuadir a vontade das pessoas. As mentiras travestidas em forma de arte são rotineiras nas sociedades terrenas. A igreja deve estar consciente dos perigos que parecem intrínsecos à adoção da arte no serviço de Deus.

Idolatria

A popularidade das formas de arte, em si e de si mesmas, e a imensa popularidade dada a artistas de sucesso no mundo, às vezes beira à idolatria. A arte na igreja não está imune a esse perigo. Devemos nos guardar disso, não deixando jamais que os artistas tomem o lugar do Espírito de Deus em nossas vidas ou nosso serviço a Ele. Uma área particularmente difícil é a representação da divindade. Deus é Espírito e não se pode fazer a imagem do Espírito sem desvirtuar a Sua essência. Fazer e usar qualquer imagem idólatra de Deus em nossa adoração, como vimos na Parte Três, é contra o segundo mandamento. O rei Jeroboão fez dois bezerros de ouro, colocando um em Dã e outro em Betel. Sua intenção foi afastar do templo de Jerusalém o povo recém-instituído de seu reino de Israel do Norte. Ele não pretendia necessariamente que fossem ídolos ou representações de Deus, conforme sugerido em 1Reis 12:25–31, mas queria que as pessoas tivessem algum símbolo físico com os quais prender a atenção de seus súditos. Porém, isso foi uma pedra de tropeço pecaminosa para o povo de Israel, e foi condenado pelos profetas do Senhor pelas gerações vindouras, conforme se exemplifica em todo o livro de Oseias e outras condenações proféticas em passagens como Isaías 2:8; Jeremias 50:2; Ezequiel 6:4–6; Miqueias 1:7; Habacuque 2:18 e Zacarias 13:2.

A facilidade com que a idolatria se apega ao coração humano pode ser vista em Juízes 8:27; 17:5 e 2Reis 18:4. Jeremias

7:1–15 mostra que até mesmo o templo se tornou um tipo de ídolo, já que as pessoas se agarravam a ele supersticiosamente, crendo que podiam confiar nele como um tipo de ‘talismanã’ de proteção contra a destruição de exércitos invasores. A arte jamais deve ser usada como auxílio idólatra à adoração.

Gueto cultural

Outro perigo a ser evitado é o de usar a arte para produzir um gueto cristão, ou uma subcultura cristã isolada. Em outras palavras, não deveríamos abandonar a arte ao diabo neste imenso mundo. Além de promover a arte na igreja, também deveríamos usá-la fora dela e envolvermo-nos plenamente com a cultura que nos cerca. Na Parte Dois, discutimos o fato de a adoração bíblica autêntica englobar a totalidade da vida – Jesus é Senhor sobre todas as áreas da vida, não apenas as chamadas ‘áreas religiosas’. De modo semelhante, não deveríamos desenvolver o conceito de arte ‘sagrada’ versus arte ‘secular’. Isso não apenas entrega o ‘secular’ nas mãos das forças malignas, mas se aproxima perigosamente de negligenciar nossa tarefa de agir como sal e luz no mundo. Deveríamos conceder aos nossos artistas cristãos a liberdade de desenvolver a sua arte no mundo e não esperar que eles sempre a busquem de maneiras que seriam aceitáveis somente nos cultos da igreja. Trata-se, de outro modo, de dizer que a adoração é para a vida como um todo e não apenas para os cultos da igreja! O romancista cristão ou músico é um servo de Deus quando a sua arte fala de situações cotidianas da vida tanto quanto quando conta histórias do evangelho ou canta música gospel – contanto, é claro, que esteja sendo fiel à sua fé cristã ao fazê-lo!

Sensualidade

Por geralmente envolver o uso dos sentidos físicos, a arte pode ser usada para promover um tipo equivocado de sensualidade. A sensualidade é um atributo de humanidade dado por Deus. Ele nos deu nossos cinco sentidos e, com isso, a capacidade de reconhecer a beleza e apreciar a estética. Entretanto, a atração

pode ser tão forte que desperte uma resposta errada no coração das pessoas. O corpo humano usado na dança, por exemplo, é uma criação esteticamente bela de Deus. Porém, a sensualidade no coração dos dançarinos e no coração da plateia deve ser freada, a ponto de crucificar a carne e dar plena liberdade ao Espírito Santo. A arte verdadeiramente inspirada pelo Espírito não terá os efeitos sensuais que a arte carnal produzirá. A submissão total a Deus é o único caminho à frente.

Encenação

Tem a ver com a motivação do coração. As 'artes cênicas' sempre terão um elemento de atuação. Porém, se o motivo for somente representar, então a arte se torna simplesmente um show, um espetáculo. Isso incentiva uma resposta errada e interfere na experiência da adoração. A forma de arte – quer seja canto, dança, música ou teatro – sempre deve ser submetida ao Espírito Santo, e oferecida como um ato de adoração a Deus. Isso mata o 'espírito de encenação, representação' e dá espaço para Deus trabalhar nas vidas, tanto do artista como daqueles que apreciam a obra de arte. Como vimos no volume *O Governo de Deus*, temos de nos lembrar de que o problema da encenação não tem a ver apenas com a arte ou os artistas. Toda vez que oramos, jejuamos ou damos nossa oferta a Deus, temos de tomar cuidado de não o fazermos num espírito de encenação para ganhar a atenção ou aprovação dos outros. É para Deus e somente para Ele.

Entretenimento

Ligado intimamente ao risco da encenação está o risco da arte da adoração se tornar um simples entretenimento. Mais uma vez, o motivo é tudo. Se estiverem atrás de atenção ou reconhecimento para si, os artistas encenarão para as multidões e estas responderão, tratando a arte como entretenimento. Há lugar para isso, mas não na adoração. A adoração em espírito e em verdade é sempre para o Pai. Queremos glorificar ao Pai e não nós mesmos.

Distração

Este realmente é um resumo de todos os perigos da arte na adoração. Se a arte for superestimada na adoração criativa, ela nos desvia de Deus. A arte tem de complementar a pregação e o ensino da Palavra e não substituí-la. Deveria nos levar à presença de Deus e não para longe dela. A tradição da igreja sempre teve dificuldade em aceitar novas formas de adoração, e quase toda iniciativa nova sofre sua resistência no início. Então, a inovação se torna a nova tradição e o processo começa novamente. O órgão, na época, foi uma introdução escandalosa na vida de adoração da Igreja. Agora é considerado parte de sua adoração tradicional. A distração, então, não tem a ver com reagir negativamente às novas formas de adoração, mas sim com a forma de arte que vai assumindo o comando como um fim em si mesma. Hoje, o Espírito Santo está usando a dança, teatro, estilos musicais modernos e toda uma gama de formas de arte diferentes para nos ajudar a adorar a Deus com mais beleza, paixão e poder. A arte realmente submetida a Deus jamais é uma distração, e não devemos ter medo de deixar Deus usar tudo que podemos oferecer-Lhe em nossa adoração em espírito e em verdade.

Um presente ao mundo

Na Parte Dois, consideramos o papel que a adoração representa em nossas vidas fora dos cultos da igreja. Vimos que a adoração é para a vida como um todo. Em certo sentido, tudo que fazemos 'como se fosse para o Senhor' é adoração. Isso também é verdade para a arte cristã. À medida que submetermos a nossa forma de arte ao Senhor, não apenas conseguiremos aprimorar a adoração na igreja, mas também oferecer nossa arte como presente de Deus ao mundo. Por meio de nossa arte, podemos comunicar a paixão de Deus pelo perdido, Sua compaixão pelo sofrimento, Sua aversão pela injustiça e Seu desejo de que a humanidade O encontre e cumpra o propósito que Lhe é designado por Ele no planeta. Desse modo, podemos ter um impacto verdadeiro no mundo. Na Parte Seis do volume *Alcançando o Perdido*, falamos dessa necessidade de se envolver na sociedade.

Os artistas devem, acima de qualquer coisa, ser adoradores consagrados do Pai. Isso elevará o trabalho deles a um novo patamar de criatividade e trará a perspectiva de Deus para a sua forma de arte. Nossa arte deve ser no mínimo tão boa quanto a oferecida pelo mundo – até melhor! Isso engloba um mandamento profético de consolar o aflito e afligir o consolado! É tudo parte da adoração em espírito e em verdade.

Parte Dez

O Espírito Santo e a Adoração

No volume *Glória na Igreja*, vemos que a adoração é o chamado supremo e abrangente de toda a igreja. Antes de todas as demais coisas, a igreja universal (e cada expressão local) é chamada a ser uma comunidade de adoração. Se a adoração em espírito e em verdade não for crucial para cada congregação, todas as outras atividades estarão fadadas ao desalinhamento.

Em Filipenses 3:3, o apóstolo Paulo ensina que adoramos Deus ‘pelo Espírito de Deus’. Poucas versões da Bíblia traduzem isso como ‘em o Espírito’, mas faz pouca diferença – as duas preposições mostram que a verdadeira adoração depende inteiramente do Espírito Santo.

Sem a ajuda do Espírito, não podemos oferecer uma palavra ou ato de adoração aceitável ao Pai. Como vemos no volume *Conhecendo o Espírito*, é Ele que inspira nosso louvor e orações, nos conduz à verdade, convence-nos de nosso pecado e nos dá dons para ajudar-nos a adorar e a servir a Deus.

Os capítulos mais excelentes de Paulo acerca da adoração pública, 1Coríntios 11–14, são repletos do verbo grego *oikodomeo*. Seu significado literal é ‘construir uma casa’, mas geralmente é traduzido como ‘edificar’. O texto de 1Coríntios 14:26

sugere que cada aspecto da adoração da igreja deveria expandir os membros do corpo e, portanto, edificar a igreja.

Ao longo deste livro, vimos que adorar é mais do que cantar hinos e orar. A adoração/serviço é a nossa resposta total à iniciativa de Deus, e inclui o modo que oferecemos o sacrifício de nossos corpos em serviço altruísta, o sacrifício de nossas possessões no dar e na hospitalidade e o sacrifício de nosso louvor em regozijo constante. Todos esses sacrifícios de adoração/serviço devem ser feitos no Espírito e por Ele, e devem edificar a igreja de Cristo.

Em uma tentativa bem-intencionada de manter as coisas simples e fáceis de serem compreendidas, alguns líderes procuram deixar de fora dois aspectos da adoração. Eles ensinam como o Espírito direciona a nossa adoração, e – separadamente – ensinam como a nossa adoração deveria edificar a igreja.

Essa abordagem, contudo, pode sugerir que esses dois aspectos da adoração não sejam relacionados. Porém, o Espírito trabalha de muitas maneiras complementares, com o propósito claro de moldar uma igreja que ofereça uma adoração tanto aceitável a Deus *como* edificante para a igreja. Isso quer dizer que o papel do Espírito na adoração é mais do que inspirar uma canção e criar uma atmosfera de Sua presença – Ele sempre está nos moldando juntos em amor.

O Espírito cria unidade

O Salmo 133 é um Salmo profético maravilhoso acerca do povo de Deus e da unidade do Espírito. Ele descreve a retidão moral e o prazer emocional da unidade, vincula-a ao óleo de unção e ao orvalho celestial do Espírito, e mostra que essa unidade do Espírito é abençoada por Deus com vida eterna.

O Salmo 133 é o penúltimo ‘Cântico dos Degraus’, e muitos estudiosos acreditam que pode ter sido cantado pelos peregrinos do Antigo Testamento no final de sua jornada – quando estavam se aproximando do templo para adorar o seu Deus com sacrifício numa época de festa.

Os peregrinos deixavam suas casas e vilarejos em números

pequenos e se uniam a um grupo maior na medida em que encontravam outras pessoas ao longo do caminho. De acordo com a tradição popular, esse Salmo era cantado para celebrar a unidade que haviam descoberto e desfrutado em Deus, e em seu propósito comum de preparar-se para desfrutar uma das maiores festas.

O Salmo 133 aponta para a verdade importante de que nos dispomos a Deus por vontade própria, em fé pessoal, e que nosso mover em direção à adoração é um ato de vontade individual. Entretanto, ele também mostra que Deus tem planos maiores, e que Ele trabalha para nos unir a outros, a fim de que Lhe ofereçamos a *adoração coletiva* que se baseia na unidade criada pelo Espírito.

O apóstolo Paulo não se refere ao Salmo 133 em Efésios 4:1–16, mas ensina a mesma verdade. Ele explica que o Espírito cria ‘unidade na diversidade’ e que cabe aos crentes manter essa unidade e não destruí-la. Muito semelhantemente à vida cristã, a unidade, em sua totalidade, é um dom da graça de Deus, porém, temos de nos esforçar para usá-la e desenvolvê-la.

É quase impossível superestimar essa obra do Espírito, pois é um dos grandes temas do Novo Testamento, e explica muito da vida e ensinamento da igreja primitiva. Por exemplo:

- Não há espaço no corpo único para distinções de raça, gênero, classe ou educação – Colossenses 3:11 e Tiago 2 :1–4
- Os abismos e hostilidades naturais entre raças, classes e culturas devem ser rompidos – Efésios 2:15
- Não há espaço para jactância ou orgulho pessoal, já que tudo é um dom de Deus – 1Coríntios 4:7
- Todo esforço deve ser feito para manter a unidade e a comunicação entre grupos diferentes de crentes – Atos 8; 15; 18:21; 20:16; Romanos 15:26; 1Coríntios 16:1 e 2Coríntios 8–9
- Os crentes devem permanecer juntos e servir juntos – Filipenses 1:27; 2:1–2 e 4:1–3
- Nenhum crente ou grupo de crentes tem conhecimento especial – Colossenses 1:26–28; 1João 2:20 e 27

Unidade em Antioquia

A Igreja em Antioquia é um exemplo brilhante da unidade criada pelo Espírito. Atos 13:1,2 mostra que a liderança era coletiva, que incluía profetas e mestres, e que era composta de uma mescla notável de homens. Por exemplo:

- Barnabé era rico, um levita de Chipre, que possuía terras
- Simeão era um africano negro
- Lúcio era um judeu da dispersão na África do Norte
- Manaém foi educado na corte do rei Herodes
- Saulo/Paulo era um fariseu que estudara com Gamaliel

Esse grupo de líderes demonstra o tipo de unidade que o Espírito cria. A vontade de Cristo para a Sua Igreja, em João 17:21, estava sendo cumprida e desenvolvida de modo tão evidente nessa comunidade mesclada de crentes que eles foram as primeiras pessoas a receberem o nome de 'cristãos'.

Antioquia foi a primeira experiência de Paulo como líder cristão, e parece ter moldado e previsto suas ideias acerca da unidade. Explica porque ele ficou tão irado e angustiado quando ouviu sobre as divisões na igreja em Corinto – ele sabia que deveria ser diferente e que poderia ser diferente.

Desunião em Corinto

Os três primeiros capítulos da primeira carta de Paulo à Igreja de Corinto estão repletos do problema prático da unidade. Parece que os crentes em Corinto estavam considerando a fé principalmente de maneira intelectual, e que se viam como juízes entre as várias ênfases dos líderes da igreja.

Em 1Coríntios 1–3, Paulo insiste que o Evangelho não é como a sabedoria filosófica, e que os seus mestres não são intelectuais viajantes; antes são trabalhadores que cooperam na vinha de Deus – um planta, outro rega, mas somente Deus faz crescer.

Nestes capítulos, Paulo defende ideias importantes que enfatizam o relacionamento entre a unidade que o Espírito cria e a igreja essencialmente como uma comunidade de adoração.

- A igreja não pode permitir mais divisão do que Cristo – 1:13

- Deus tornou a igreja num templo para o Espírito habitar – 3:16
- Qualquer um que destruir o templo de Deus encorajando a desunião, será destruído por Ele – 3:17

Ao identificar a igreja como o novo templo, Paulo infere que ela é feita para adoração e para ser cheia com a presença de Deus. Assim como o templo antigo era separado para a adoração de Deus e se enchia com a Sua glória no momento do sacrifício, assim o novo templo da igreja está sendo edificado para adoração e para ser a comunidade que revela a presença gloriosa de Deus no mundo e para Ele.

O texto de 1Pedro 2:5 amplia a metáfora ‘o templo’, e nós a analisamos com mais detalhes no volume *Glória na Igreja*. De modo semelhante, a oração de Jesus pela unidade, em João 17, foi oferecida no contexto da adoração – na festa da Páscoa, imediatamente após Ele ter instituído a Ceia do Senhor e introduzido a obra do Espírito Santo. E a demanda de Paulo por unidade, em 1Coríntios 1–3, prepara o terreno para seu ensinamento acerca da adoração pública, da Ceia do Senhor e da obra do Espírito Santo na adoração.

A menos que reconhecamos o desejo de Deus de nos mover do ponto de partida de adoração pessoal para o nosso destino de adoração corporativa (e que cooperemos com a Sua vontade), e a menos que compreendamos a suprema importância da obra do Espírito em relação à unidade (e façamos o máximo para manter e aprimorar o que Ele fez), todas as nossas tentativas na adoração inspirada pelo Espírito provavelmente serão em vão.

Ele traz comunhão

O Espírito não cria apenas unidade, Ele cria também *koinonia*, comunhão – que é a expressão prática padrão da unidade.

Esse aspecto é analisado com mais detalhe no volume *Glória na Igreja* – onde vemos que a ‘comunhão bíblica significa literalmente ‘compartilhar’, e que inclui ‘ter parte em algo’, ‘compartir algo’ e ‘dividir algo com alguém’.

O texto de 2Coríntios 13:14 e Filipenses 2:1 mencionam ‘a *koinonia* do Espírito’. Isso poderia significar ‘o compartilhamento

que o Espírito oferece' ou 'compartilhando no Espírito': Essas duas interpretações não estão isoladas, pois o Espírito dá uma porção de Si a cada crente. A comunhão que desfrutamos com outros crentes, portanto, se baseia em nosso compartilhamento mútuo no Espírito Santo.

Atos 2:42–47 e 4:32–37 são as melhores ilustrações bíblicas desse compartilhamento criado pelo Espírito. Os novos crentes se dedicaram à 'comunhão', e esta se manifestou de tal maneira no sacrifício de suas posses e no sacrifício do regozijar-se constante, que um grande número de pessoas foi atraído à fé.

Podemos dizer que a maneira de os crentes expressarem sua comunhão influenciava a maneira como adoravam e que isso edificava a igreja. Vemos a expressão semelhante do compartilhamento em Atos 11:27–30.

O Espírito torna a adoração possível

O livro de Atos mostra que o Espírito conduziu os primeiros cristãos a uma tremenda profundidade de adoração. Eles celebravam a Ceia do Senhor em suas casas; compartilhavam as refeições com grande alegria e se caracterizavam pelo louvor a Deus – mesmo quando eram ameaçados ou presos. Atos 2:47 e 3:8,9 mostram que louvor e adoração eram um resultado especial e imediato da obra do Espírito em suas vidas.

Como vimos na Parte Cinco, os crentes participavam da adoração formal no templo, das reuniões informais nos lares, dos cultos regulares nas sinagogas, e de reuniões de oração que eram organizadas ao ar livre.

Toda vez que descreve os crentes planejando a adoração (após a separação do Judaísmo), o livro de Atos menciona invariavelmente o Espírito Santo. Atos 4:23–31, por exemplo, registra como a igreja (quando Pedro e João haviam retornado com as instruções do Concílio) imediatamente se colocou a orar, em vez de protestar ou tomar uma atitude prática. Esses baseavam suas orações no Salmo 2, e o Espírito Santo Se manifestava com poder incomum enquanto eles oravam e adoravam a Deus.

E em Atos 13:1–3, antes da primeira viagem missionária, a igreja da Antioquia estava unida em adoração e demonstrando sua seriedade por meio do jejum. Foi nesse contexto que o Espírito revelou a Sua liderança e chamou Barnabé e Paulo para servir. Mais uma vez, vemos o princípio bíblico de que o serviço prático flui da adoração espiritual.

O mesmo ocorre nas cartas de Paulo. Por exemplo, ele deixa claro em 1Coríntios 14:25 que os visitantes na adoração pública da igreja (onde os membros estão abertos ao Espírito e permitindo que Ele fale por meio deles) se conscientizarão de que Deus está presente e serão tocados a adorar. Também podemos dizer que o livro de Apocalipse brota do fato de João estar no Espírito no dia do Senhor – sem dúvidas, no contexto de adoração.

Ele inspira as Escrituras

A inspiração das Escrituras pelo Espírito está intimamente ligada à capacitação que Ele dá para a adoração.

Como vimos em toda esta *Série A Espada do Espírito*, os profetas do Antigo Testamento alegavam ter sido enviados e inspirados pelo Espírito de Deus. Em Marcos 12:36, Jesus confirmou que o Espírito inspirou o Salmo 110, e Atos 1:16, 4:25 e 2Timóteo 3:16 atribuem claramente o Antigo Testamento à obra do Espírito.

O texto de 1Pedro 1:10–12 e 2Pedro 1:20,21 são as explicações bíblicas mais claras do processo de inspiração. 2 Pedro 1:20,21 usa a metáfora grega que sugere o modo que um veleiro é levado pelo vento. Os profetas içavam as suas ‘velas’ ao Espírito Santo – eles eram atenciosos, receptivos e obedientes – e o Espírito os enchia e conduzia na direção – e ao destino – que Ele escolhia.

Esse é um exemplo clássico do tipo de parceria com o Espírito que enfatizamos no volume *Conhecendo o Espírito*. O Espírito cooperava com homens e mulheres ungidos que Lhe eram submissos. Ele não restringia as suas personalidades e experiências, e as usava como simples máquinas de ditado; em vez disso, Ele soprava os Seus pensamentos nos espíritos deles, e eles os transmitiam conforme os seus estilos distintos.

Os primeiros crentes, entretanto, não apenas se recordavam de o modo que o Espírito havia inspirado as Escrituras no passado e usavam somente o fruto de Sua inspiração no louvor e adoração. Eles também sabiam que Jesus lhes prometera o Espírito, que Ele prometera que o Espírito os instruiria e os conduziria em toda verdade, e sabiam que o Espírito estivera direcionando-os desde o Pentecoste.

Assim, portanto, o Espírito que havia inspirado os profetas a apontar o caminho para Jesus também estava inspirando-os na medida em que testemunhavam de Jesus. Esse é o principal argumento de Pedro, em 1Pedro 1:10–12, e explica porque ele compara as cartas de Paulo ao Antigo Testamento, em 2 Pedro 3:16.

Também é a razão por que Paulo alegava ter a mente de Cristo, proclamar a Palavra de Deus, ensinar detalhes dados pelo Espírito e pedir que suas cartas fossem lidas em voz alta na adoração pública – 1Coríntios 2:13-16; 14:38; Colossenses 4:16 e 1 Tessalonicenses 2:13.

Como vimos nos volumes *Fé Viva* e *Ouvindo Deus*, as Escrituras são essenciais para cada área da vida e fé, e é por isso que a leitura da Bíblia sempre foi um recurso importante da adoração pública e privada na igreja.

Algumas pessoas acusam os cristãos protestantes de praticamente adorarem a Bíblia. Entretanto, não nos voltamos às Escrituras para adorá-las; voltamo-nos a elas porque o Espírito que as inspirou deve ser encontrado nelas. Nós as lemos para ouvi-Lo, e para sermos transformados por Ele em semelhança de Cristo – como Paulo explica em 2Coríntios 3:1-18.

O Espírito edifica a igreja

Parece que a igreja em Corinto era uma comunidade talentosa e habilidosa. Era vital, dinâmica, livre, aberta, confiante e diferente – e ainda assim também estava em sério perigo.

Pela primeira carta de Paulo aos coríntios, parece que eles estavam cometendo dois erros. Eles pareciam ter acreditado que manifestações ‘extáticas’ sem controle eram as marcas da presença do Espírito. E parecem ter valorizado mais as pessoas

que falavam em línguas do que as que profetizavam e ensinavam.

Ao supor que o êxtase – perder o autocontrole – era um sinal seguro da inspiração divina, eles estavam negando a racionalidade, a personalidade e a moralidade do Espírito Santo. Estavam esquecendo-se de que Ele era o Espírito de Jesus que estava sempre perfeitamente sob controle.

Essa ênfase nas manifestações extáticas parece ter levado os coríntios a concluir que não importava como se comportassem, contanto que essas supostas marcas de inspiração divina estivessem sobre eles. Também parece ter levado a um ‘individualismo’ excessivo (os que não tinham um dom ficavam enciumados, e os que tinham ficavam orgulhosos), e danificado a interdependência, além de causar competição e divisão.

Em sua primeira carta à igreja de Corinto, após tratar de questões de divisão e unidade, problemas práticos que estavam enfrentando na adoração e a Ceia do Senhor, Paulo lida com esse problema em 1Coríntios 12.

1Coríntios 12

Primeiro, Paulo os lembra de que o discurso extático não é cristão na origem. Eles foram ‘levados embora’ antes de sua conversão quando adoravam deuses falsos e participavam de festas pagãs. É possível que o uso que Paulo faz da palavra *apagomenoi* em 1Coríntios 12:2 signifique que eles tivessem experimentado a possessão demoníaca e tivessem ‘perdido a consciência ou saído de si’ em discurso extático, enquanto adoravam ídolos que eram mudos.

Não é fácil entender o que Paulo quer dizer em 1Coríntios 12:3. Ele poderia estar contrastando o louvor inspirado pelo Espírito nos cultos da igreja com os gritos inspirados pelo demônio nos altares pagãos. Ou ele poderia querer dizer que alguém teria gritado ‘Jesus é anátema’ em um culto na igreja de Corinto, e que isso fora aceito como sendo inspirado pelo Espírito. Independente de onde ocorreu tal grito, Paulo usa o fato para ensinar uma lição importante.

A marca crucial da presença do Espírito na adoração é a confissão de que ‘Jesus é Senhor’. Isso mostra que o teste básico para cada alegação da inspiração do Espírito é se o conteúdo da proclamação está centrado em Cristo e se O honra. Nisso, Paulo simplesmente está repetindo os mesmos pontos que enfatizou nos capítulos 3–4 – que o Espírito testifica do Jesus histórico que é Senhor de todo o universo, e que a marca da presença do Espírito é uma declaração ambígua do senhorio absoluto de Jesus.

Em 1Coríntios 12:4–6, Paulo contrasta a variedade de dons com a unidade do Doador. Ele mostra que um Deus único age de três maneiras diferentes:

- *charismata*, dons da graça, estão ligados com o Espírito Santo
- *diakonion*, atos de serviço que fluem, são associados com Jesus, o Filho
- *energemata*, a capacitação necessária, vem de Deus, o Pai

Isso prova que os dons espirituais que recebemos são dados pelo Dom supremo da graça: Não são posses que usamos como bem entendermos, e não são recompensas pelo bom comportamento; ao invés disso, são ferramentas que objetivam a *diakonia*, o serviço ao próximo conforme o padrão daquele que foi ungido com o Espírito sem qualquer limite, e foi o Servo de Deus que lavava pés.

E quando esse serviço for eficaz, quando ajudar o próximo, curá-lo, edificá-lo, não será por causa da nossa santidade ou talento, será *somente* por causa da capacitação dada por Deus, o Pai.

Nos versículos 7–11, Paulo amplia o seu argumento dizendo aos coríntios que o Espírito dá dons diferentes a cada membro da igreja, e que embora esses dons tenham manifestações diferentes, eles são todos para o bem comum. Analisamos esses dons espirituais em detalhe no volume *Conhecendo o Espírito e Ministério no Espírito*.

Nesses versículos, Paulo coloca uma segunda verdade, complementar, acerca dos critérios pelos quais podemos discernir a

obra do Espírito. No versículo 3, ele mostra que devemos perguntar:

- A proclamação aponta inconfundivelmente para Jesus como Senhor?

E no versículo 7 ele revela que também devemos perguntar:

- A manifestação favorece e edifica a igreja?

É imperativo que entendamos que o conteúdo da proclamação e os resultados na comunidade do povo de Deus são os dois testes e medidas mais importantes das palavras, alegações, experiência e atividade das pessoas.

Nesses versículos importantíssimos, Paulo certifica que a unidade do Espírito trabalha por meio de uma variedade de dons, e ele baseia isso na natureza e obra de Deus. Pelo fato de Deus ser Ele próprio ‘unidade na adversidade’ (analisamos isso no volume *Conhecendo o Pai*), e ter se revelado desse modo por meio de todos os Seus atos de criação e salvação na História, assim a igreja inevitavelmente expressa a Sua ‘unidade na diversidade’ quando Ele está presente e ativo.

Um Deus único é a fonte de todas as manifestações diferentes de um Espírito Único, no corpo de um Filho Único. Essas manifestações são chamadas de *energumata* quando a ênfase está sobre o que Deus faz por Seu poder – como nos versículos 6 e 10; são chamadas de *charismata* quando a ênfase está sobre o dom afável de Sua distribuição soberana – como nos versículos 4, 9 e 28; e são chamadas de *diakonion* para nos lembrar de que todos os dons e capacitações de Deus têm como objetivo o serviço ao próximo.

O corpo

Do versículo 12 ao fim do capítulo, Paulo usa a metáfora da igreja como ‘Corpo de Cristo’ para elaborar o propósito dos dons do Espírito.

É Deus, o Pai, que nos aponta para o nosso lugar no corpo de Cristo, e nos dá os dons que precisamos para executar a função a nós designada – versículos 18, 24 e 28. E é o Espírito Santo que nos torna de fato membros do corpo – versículo 13.

Paulo insiste que todos os crentes foram batizados em um Espírito único dentro de um corpo único: Alguns podem ter dons mais imponentes que outros, mas todos foram submergidos no Espírito Santo e todos receberam o Seu derramar em suas vidas.

O versículo 12 tem importância especial. Paulo não diz que assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos, sejam um corpo, assim é *com a igreja*. Em vez disso, ele diz: assim é *com Cristo*.

A igreja não é uma sociedade humana – ela é a personificação de Jesus. Seja a igreja o que for, faça o que fizer, ela é e faz pelo poder, presença e atividade de Jesus. Ele é aquele em quem todos os crentes são unificados e é por isso que a descrição favorita que Paulo faz dos crentes é ‘em Cristo’.

Paulo está explicando aos coríntios que, se os cristãos são diferentes, é porque Cristo está neles e eles em Cristo, e que eles não pertencem à igreja, mas a Cristo. Ele está mostrando-lhes que seu espírito divisor não afeta tanto a harmonia da igreja como afeta Cristo, pessoalmente.

Paulo então lida com duas tendências comuns dentro do corpo de Cristo. Nos versículos 14–20, Paulo incentiva aqueles que se sentem os membros *inferiores* do corpo e explica que todos os membros são interdependentes e igualmente importantes. E nos versículos 21–26, ele exorta aqueles que sofrem de um complexo de *superioridade*. Se desdenharem dos membros com dons e funções menos espetaculares, todo o corpo empobrece.

Ao longo deste capítulo, a ideia principal de Paulo é ensinar os coríntios que a igreja toda perde quando os membros não aproveitam a chance de oferecer à igreja a contribuição de adoração e serviço que Deus lhes concedeu. Os coríntios tiveram de aprender que eles não eram ‘Cristos’ individuais e com todos os dons, mas membros participantes de Cristo e com alguns dons. Nenhum crente é desnecessário e nenhum crente é autossuficiente; todos nós precisamos uns dos outros no corpo de Cristo.

Amor

É nesse ponto que Paulo escreve a respeito de um caminho mais excelente, sobre o amor ágape. Segundo Paulo, o amor é o maior dom que o Espírito pode dar para aprimorar a adoração da igreja e edificá-la, e todos os outros dons valiosos – línguas, profecia, milagres e assim por diante – podem funcionar eficazmente apenas por meio do amor.

O amor que Paulo descreve em 1Coríntios 13 não pode ser acionado pelo esforço humano, pode vir apenas do Espírito Santo. Essa é a ênfase de Paulo também em Romanos 5:5.

Todo dom do Espírito é importante para a adoração e serviço, mas não pode haver maior dom para a adoração e serviço do que o amor que Paulo descreve em 1Coríntios 13 – é por isso que vem no meio de seu ensinamento sobre os dons do Espírito Santo. A menos que as pessoas encontrem o Cristo vivo e amoroso por meio de um crente, não faz diferença elas terem revelação profética, poder de milagres ou orem em línguas.

Nós podemos adorar regularmente, celebrar com criatividade, sacrificar as nossas posses, servir humildemente e louvar com entusiasmo, mas não alcançaremos nada de valor eterno a menos que o amor altruísta ágape de Jesus nos motive e encha, além de direcionar a nossa adoração/serviço.

Nesse belo capítulo, Paulo contrasta o amor de Jesus com as deficiências da igreja em Corinto. Ele mostra que o amor de Jesus é o oposto daquele demonstrado pelos coríntios:

- Orgulho da experiência espiritual que os envaideceu – versículo 4
- Ênfase nos dons específicos que os fez sentirem-se orgulhosos ou ciumentos – versículo 4
- Exercício egoísta dos dons especiais para gratificação pessoal que Paulo chama de ‘buscar o próprio interesse’ – versículo 5

Os coríntios estavam buscando o que pensavam ser a maneira mais elevada da experiência espiritual, mas Paulo lhes apresenta uma maneira ainda melhor – o amor de Jesus, o Servo que nunca se envaideceu e que nunca foi egoísta no

exercício dos dons. Tudo em Jesus sempre era para Deus e sempre para o próximo.

Em toda esta *Série A Espada do Espírito*, temos visto constantemente que o dar-se com amor na adoração e serviço é a maneira de Jesus, a maneira do Espírito e – como Paulo mostra nos versículos 10–13 – é a maneira da igreja no céu.

Quando toda profecia tiver se cumprido, e todos os dons terrenos concluídos, quando a fé tiver se tornado visível e a esperança tiver se tornado experiência, somente o amor *ágape* ainda permanecerá. No 'Último Dia', o corpo eterno e universal de Cristo estará finalmente unido em adoração amorosa e amor devoto – a adoração e serviço perfeitos em espírito e em verdade finalmente terão início e jamais cessarão.

Adoração celestial

Vimos em todo este livro que a adoração verdadeira é o desejo eterno de Deus para todos os pecadores. Desde o início dos tempos, o Pai tem buscado ativamente pecadores e pecadoras que serão o Seu povo e O adorarão em espírito e em verdade.

Mesmo neste momento, Ele está reunindo crentes basicamente para adorá-Lo e está nos convencendo gentilmente de que esta é Sua vontade boa e perfeita para as nossas vidas.

Analisamos as revelações de Provérbios 8, que parecem mostrar que Deus tem se alegrado nele e com Ele por toda a eternidade – mesmo antes de Sua adoração transbordar para a criação. Isso parece sugerir que toda criação foi feita primeiramente para juntar-se à adoração celestial preexistente, e também desfrutar Deus em Sua presença para sempre.

As Escrituras incluem diversas outras revelações que também parecem mostrar que o céu se caracteriza pela adoração verdadeira e grande regozijo. Por exemplo:

- Isaías 6:1–3 descreve o regozijo angelical que acontece no céu
- Ezequiel 40–47 sugere que a adoração celestial é o destino do povo de Deus

- Lucas 2:13,14 revela o grande louvor da multidão dos exércitos celestiais
- Lucas 15:7 e 10 mostra que há regozijo no céu

Essas revelações, contudo, são apequenadas pelas descrições incríveis no livro do Apocalipse, que deixam claro os propósitos fundamentais de Deus. Ele está nos atraindo a um lugar de plena adoração, onde viveremos juntos em Sua presença perfeita para sempre, e passaremos a eternidade regozijando-nos juntos nele e com Ele. Podemos dizer que a adoração em espírito e em verdade participa da adoração no céu, e a antecipa.

A adoração em Apocalipse

A adoração celestial é o cenário e o contexto para todas as visões do livro de Apocalipse. Devemos cuidar para não nos preocupar tanto em entender corretamente as visões do apóstolo João, que negligenciemos o que ele revela acerca do lugar e prioridade da adoração celestial.

Apocalipse 4 é a primeira das descrições que João faz da adoração celestial: O versículo 2 mostra que esse reconhecimento e compreensão da adoração podem vir somente no Espírito e por meio dele, e os versículos 8–11 revelam que tudo no céu vive para adorar a Deus. É bastante semelhante em 5:8–14; 7:9–17; 11:15–19 e 15:3–5.

Essas passagens importantes mostram que a adoração celestial inclui hinos antigos (15:3) e cânticos bem novos (5:9); que foca totalmente a pessoa de Deus (4:8, 11; 5:9, 13; 7:12; 11:17; 15:3 e 16:5); e que celebra o que Ele tem feito, o que está fazendo e o que prometeu fazer (4:11; 5:9,10, 12, 13; 11:17,18 e 15:4).

Particularmente, o livro de Apocalipse revela que a adoração celestial gira em torno de dois grandes temas:

- O cântico da criação – Apocalipse 4:11
- O cântico da salvação – Apocalipse 5:9

Esses dois temas aparecem constantemente por toda a Escritura, e ambos revelam tudo acerca da pessoa e do caráter

de Deus – Seu poder e Seu amor, Sua graça e Sua pureza etc. Porque Ele se revela por meio de Seus atos poderosos, nós O experimentamos por quem Ele é quando O adoramos em Sua presença como Criador e Salvador.

Visto que a *criação* é o transbordar essencial da própria adoração de Deus, Sua adoração como criador sempre esteve no centro da adoração. A criação é uma evidência visível da força e do poder de Deus, e uma prova de Sua singularidade e supremacia. Por intermédio da criação, o povo do Antigo Testamento foi capaz de reconhecer que Deus era o único Deus, e que outros deuses eram simplesmente ídolos impotentes.

Os judeus foram chamados a adorar a um único Deus porque sabiam, pela criação, que havia apenas um Deus e que isso deveria determinar o modo que eles viviam e serviam. Muitos Salmos celebram Deus como criador, além de Sua obra de criação e criatividade divina – vista novamente no novo céu e nova terra - ser um tema importante da adoração celestial.

Muitos crentes modernos deixam de cantar o cântico da criação e falham em adorar a Deus como criador. Em sua adoração, eles focam quase que inteiramente na obra salvífica de Deus. Porém, a obra de redenção do Pai está inseparavelmente ligada à Sua obra de criação (Ele tem o direito de redimir somente porque é Sua criação) e não podemos compreender a redenção corretamente sem reconhecer sua ligação vital com a criação. Analisamos esse aspecto no volume *Conhecendo o Pai*.

No Antigo Testamento, o povo de Israel sabia que Deus agia continuamente para salvá-los de seus inimigos, da fome, da doença etc. Eles sabiam que *Javé* era seu Salvador, e que sua existência como nação dependia de Seus atos poderosos de livramento. Particularmente, o livramento da escravidão no Egito foi essencial para compreenderem Deus, e o ‘cântico de Moisés’, em Êxodo 15:1–21 foi sua expressão definitiva da adoração a Deus como Salvador – esse é o hino que o Apocalipse mostra que ainda é cantado no céu.

Sabemos, contudo, que Deus realizou um ato salvífico ainda maior para o Seu povo do que o milagre da Páscoa. Na cruz,

Jesus se tornou o Salvador do mundo todo, livrou todos nós da escravidão do pecado e derrotou definitivamente o nosso inimigo. Isso se tornou o tema de incontáveis cânticos de salvação cantados por todas as eras, e é o tema dos novos cânticos celestiais do Apocalipse 1:5,6 e 5:9–14.

Pessoal e coletivo

A revelação mais expressiva do Apocalipse sobre a adoração celestial é a apresentação coerente de adoradores celestiais como sendo tanto plenamente individual como plenamente coletiva.

Apocalipse 5:11–13, por exemplo, relata que ‘milhões de milhões e milhares de milhares’ e ‘toda criatura no céu e na terra e embaixo da terra’ estão unidos em uma expressão de adoração. Eles retêm sua personalidade distinta, mas, pelo Espírito, foram trazidos a um clímax de unidade na adoração.

O mesmo ocorre em Apocalipse 7:9,10, que registra como ‘uma grande multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas’ estava diante do trono e dava louvor a Deus. Suas diferenças individuais, nacionais, tribais e linguísticas ainda estão evidentes, mas eles estão unidos no louvor e adoração a Deus. Eles estão oferecendo louvor e adoração que lhes são específicos, mas expressados por meio da unidade coletiva criada pelo Espírito.

Este, então, é o nosso destino – ser um eterno adorador que é totalmente individual, porém totalmente unido a todos os demais adoradores. Como as pessoas de Israel nos dias do primeiro templo, fomos atraídos a Ele pela graça de Deus. Em fé, partimos para uma peregrinação pessoal em direção a Ele, e então descobrimos que Deus está edificando-nos com outros cristãos em nossa área.

Com eles, estamos indo em Sua direção, aprendendo a adorar e servir juntos, começando a entender a nossa interdependência no corpo, lutando, às vezes, com as tensões, mas trabalhando para manter a unidade do Espírito.

E o grande objetivo da adoração eterna e celestial na presença íntima de Deus está sempre diante de nós. Sempre foi

o maior desejo de Deus que O desfrutemos do mesmo modo e com a mesma intensidade que lemos que o povo de Deus se regozijava em si mesmo em Provérbios 8.

O Deus que é pessoal, porém coletivo, um, porém mais que um, está nos atraindo exatamente ao mesmo deleite eterno do regozijo pessoal, porém coletivo. Em Sua grande graça e misericórdia, o Pai está buscando homens e mulheres ainda mais pecadores, que O adorarão em espírito e em verdade e desfrutarão a Sua presença gloriosa para sempre.